



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

LUCAS LOPES DA TRINDADE

MODERNIZAÇÃO E IDENTIDADE TERRITORIAL QUILOMBOLA DE
UMARIZAL, BAIÃO-PA

MARABÁ

2024

LUCAS LOPES DA TRINDADE

**MODERNIZAÇÃO E IDENTIDADE TERRITORIAL QUILOMBOLA DE
UMARIZAL, BAIÃO-PA.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Professor Dr. Marcos Alexandre Pimentel da Silva.

MARABÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

T833m Trindade, Lucas Lopes da
Modernização e identidade territorial quilombola de Umarizal, Baião-PA
/ Lucas Lopes da Trindade. — 2024.
130 f. : il. color.

Orientador (a): Marcos Alexandre Pimentel da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Bacharelado em Geografia, Marabá, 2023.

1. Quilombos – Baião (PA). 2. Quilombolas - Identidade racial. 3. Festivais. 4. Cultura afro-brasileira - Preservação. I. Silva, Marcos Alexandre Pimentel da, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 305.89608115

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

LUCAS LOPES DA TRINDADE

**MODERNIZAÇÃO E IDENTIDADE TERRITORIAL QUILOMBOLA DE
UMARIZAL, BAIÃO-PA.**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Data de aprovação: Marabá (PA), 10 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Alexandre Pimentel da Silva – FGEO/ICH
Orientador

Prof. Dr. Janailson Macêdo Luiz – FAHIST/ICH
Examinador Externo

Profª. Dra. Karla Leandro Rascke – FAHIST/ICH
Examinadora Externa

Profª. Dra. Gleice Kelly da Costa Menezes – FGEO/ICH
Examinadora Interna

Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou durante essa longa jornada. A todos os quilombolas, especialmente aqueles do meu querido e amado Umarizal, minha comunidade de origem e raízes profundas, dedico este trabalho como uma expressão de gratidão e respeito. Que as histórias e lutas de nosso quilombo sirvam de inspiração para futuras gerações, lembrando-nos sempre da importância de preservar e valorizar nossa cultura, tradições e identidade.

AGRADECIMENTOS

Quando olho para trás e reflito sobre a jornada que foi esta pesquisa, é impossível não reconhecer a importância fundamental das pessoas que estiveram ao meu lado, oferecendo apoio, incentivo e compreensão. Neste momento de agradecimento, expresso minha profunda gratidão a todos aqueles que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus e a minha família, minha mãe Dulcilene Trindade e meu padrasto Denielson Arnaud, meus tios e tias Cleberson Trindade, Daléa Trindade (*in memoriam*), Deuzenil Trindade, Dieszil Trindade (*in memoriam*), Géscica Trindade (e seu esposo Newton Ramos), Izaltino Trindade e Waldenes Trindade, aos meus avós Altino Trindade e Deuzalina Trindade, a minha esposa Ivanira Santana e sua família que tem a minha eterna gratidão, agradeço por serem minha fonte inesgotável de inspiração e encorajamento. Seu apoio incondicional e amor constante foram os pilares que sustentaram meu percurso acadêmico. À minha família que compreendeu as ausências e compartilhou as conquistas, meu sincero agradecimento.

Gostaria de reservar este espaço para expressar minha sincera gratidão àqueles amigos de turma que, ao longo desta jornada acadêmica, não foram apenas colegas, mas parceiros incansáveis e colaboradores essenciais na construção deste trabalho, especialmente o grupo de trabalho que fiz parte, juntamente com Matheus Martins, Paula Soares e Rebeqa Almeida, juntos, enfrentamos as complexidades do conhecimento, superamos obstáculos e celebramos cada pequena vitória como uma conquista coletiva, a sinergia que desenvolvemos ao trabalhar em conjunto não apenas enriqueceu nosso aprendizado, mas também fortaleceu os laços de amizade que nos unem. Cada debate acalorado e até mesmo as divergências foram elementos cruciais na construção de uma experiência única e enriquecedora. Além dos desafios acadêmicos, agradeço pelos momentos de descontração e apoio mútuo que tornaram essa jornada mais leve e prazerosa. Vocês não foram apenas colegas de estudo, mas amigos verdadeiros, e por isso, levo comigo não apenas conhecimento, mas também a amizade que construímos, que continuemos a trilhar nossos caminhos, cada um em sua jornada, mas sempre lembrando dos laços que nos uniram. Obrigado por serem parte fundamental deste capítulo da minha vida acadêmica.

Aos amigos quilombolas (não citarei nomes, pois são muitos) que caminharam ao meu lado, obrigado por serem a luz nos dias sombrios, pelos sorrisos compartilhados e pelos

momentos de descontração que aliviaram as tensões. Cada palavra de ânimo e gesto de solidariedade foram fundamentais para superar os desafios.

Agradeço aos professores que contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal. Suas orientações valiosas contribuíram não apenas para a construção deste trabalho, mas também para minha visão de mundo. Agradeço pela dedicação em compartilhar conhecimento e incentivar meu desenvolvimento.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu estimado orientador por sua orientação valiosa e apoio incondicional ao longo deste trabalho. Sua dedicação e expertise foram fundamentais para a conclusão deste projeto. Agradeço por compartilhar seu conhecimento, oferecer conselhos valiosos e motivar meu crescimento acadêmico. Sua orientação foi essencial, e estou verdadeiramente grato por ter tido a oportunidade de aprender sob sua orientação. Obrigado por ser um mentor inspirador e por contribuir significativamente para o meu desenvolvimento acadêmico.

Àqueles que contribuíram diretamente para este trabalho, seja na pesquisa, revisão ou discussões construtivas, saibam que sua dedicação não passa despercebida. Cada um de vocês deixou uma marca indelével nesta trajetória acadêmica.

Que este seja apenas o início de muitas conquistas compartilhadas. A todos, meu mais profundo agradecimento.

*Senhor historiador,
deixe o sobrado, a casa-grande,
recue na linha do tempo,
mergulhe no espaço geográfico,
peça licença, limpe os pés,
se deixe abocanhar por um quilombo,
mastigar pelas choças,
meta-se no bucho do Palmar,
escute aí seu coração tambor
e veja o sangue digno
fluindo generoso
nas veias caudalosas.
Desde o alto da serra da Barriga
Olhe no rumo litoral:
Veja num lado história, noutro escória.
Depois comece a contar.
(Silva, 2004, p. 151)*

*Calunga ficou no litoral
Mas o supremo Nzambi,
o amuado Calundu
e o espírito bantu dos ancestrais,
deuses jejes,
divindades da costa da Guiné,
todos chegaram logo
para acompanhar seu povo, e houve fé.
A mata virgem se abriu colo,
se abriu ventre,
se abriu mãe.
(Silva, 2004, p. 154)*

RESUMO

O campo empírico de estudo deste TCC é a comunidade quilombola de Umarizal, no município de Baião, estado do Pará. A questão central da pesquisa foi construída em torno de compreender a relação entre a introdução de elementos da modernização do território nessa realidade – como a construção da UHE Tucuruí, a abertura da Br-422, a universalização do acesso à energia elétrica, o acesso à internet e a interação com as mídias sociais – e a construção da identidade territorial quilombola no contexto daquela comunidade, tendo como referência para a análise o estudo do Samba de Cacete e do Festival Quilombola de Umarizal. Diante disso, questionamos: como a comunidade lida com a preservação de suas tradições, práticas culturais e valores ancestrais diante das mudanças anunciadas com a “chegada da modernidade” em seu território? A hipótese com a qual trabalhamos foi a de que a realização destas festividades tem incorporado cada vez mais as mídias sociais, apontando para um papel considerável dessas ferramentas na mediação de práticas culturais como as festividades, ao invés de simplesmente “perder” suas tradições e identidade. Em termos de método de interpretação, a opção foi pelos princípios do materialismo histórico-dialético, incorporando na análise o papel da história na compreensão e explicação das estruturas sociais e de suas influências ao longo do tempo. O caráter da pesquisa é qualitativo e envolveu a realização de levantamento bibliográfico e documental e de trabalho de campo, com a realização de observação participante e de entrevistas semiestruturadas. Após organização e discussão dos dados coletados, é possível afirmar que os elementos de modernização do território, que se fazem presentes em Umarizal, concorrem para a valorização, o reforço e a projeção da identidade territorial dessa comunidade, principalmente porque mulheres negras e homens negros, ao se reconhecerem como quilombolas, constroem a partir daí todo um processo de apropriação de parte dessa modernidade, como a internet e as mídias sociais, processo esse no qual se elas e eles colocam na posição de sujeitos de direitos, territoriais e espaciais. Trata-se muito mais de um verdadeiro processo de *apropriação* dos elementos da modernidade que historicamente foram instalados em seus territórios, uma apropriação que é efetuada desde o contexto do quilombo de Umarizal e que desempenhou e desempenha um papel crucial na mediação, reprodução e consolidação dessa identidade, ao promover a conectividade e a difusão das práticas culturais, como o Samba de cacete e o Festival Quilombola.

Palavras-chave: Quilombo, Umarizal, território, modernização, identidade territorial, Samba de Cacete, Festival Quilombola.

ABSTRACT

The empirical field of study of this TCC is the quilombola community of Umarizal, in the municipality of Baião, state of Pará. The central question of the research was built around understanding the relationship between the introduction of elements of the modernization of the territory in this reality – such as the construction of the Tucuruí HPP, the opening of the BR-422, the universalization of access to electricity, access to the internet and interaction with social media – and the construction of quilombola territorial identity in the context of that community, having as reference for the analysis the study of Samba de Cacete and the Quilombola Festival of Umarizal. In view of this, we ask: how does the community deal with the preservation of its traditions, cultural practices and ancestral values in the face of the changes announced with the "arrival of modernity" in its territory? The hypothesis we worked with was that the realization of these festivities has increasingly incorporated social media, pointing to a considerable role of these tools in mediating cultural practices such as festivities, rather than simply "losing" their traditions and identity. In terms of method of interpretation, the choice was for the principles of historical-dialectical materialism, incorporating into the analysis the role of history in understanding and explaining social structures and their influences over time. The nature of the research is qualitative and involved a bibliographic and documentary survey and fieldwork, with participant observation and semi-structured interviews. After organizing and discussing the data collected, it is possible to affirm that the elements of modernization of the territory, which are present in Umarizal, contribute to the valorization, reinforcement and projection of the territorial identity of this community, mainly because black women and black men, by recognizing themselves as quilombolas, build from there a whole process of appropriation of part of this modernity. such as the internet and social media, a process in which they place themselves in the position of subjects of territorial and spatial rights. It is much more a true process of appropriation of the elements of modernity that have historically been installed in their territories, an appropriation that is carried out from the context of the quilombo of Umarizal and that has played and continues to play a crucial role in the mediation, reproduction and consolidation of this identity, by promoting connectivity and the diffusion of cultural practices. such as Samba de Cacete and the Quilombola Festival.

Keywords: Quilombo, Umarizal, territory, modernization, territorial identity, Samba de Cacete, Quilombola Festival.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Fotografia aérea do Quilombo de Umarizal. Destaques para o rio Tocantins, em primeiro plano, e a estrada e a floresta, ao fundo.....24
- Figura 2:** Pannel com imagens aéreas do quilombo de Umarizal. Confeccionado a partir de diferentes perfis privados dos moradores do quilombo.....25
- Figura 3:** Pannel do Quilombo de Umarizal. Confeccionado a partir de diferentes perfis privados dos moradores do quilombo.....26
- Figura 4:** Croqui mostrando a distribuição da rede de energia elétrica que atende ao quilombo de Umarizal, Baião-PA.....56
- Figura 5:** Croqui mostrando a torre de distribuição de internet no Quilombo de Umarizal, Baião-PA.....58
- Figura 6:** Pannel de imagens dos funcionários da empresa Conect A&D em trabalho de manutenção da rede e instalação de equipamentos.....61
- Figura 7:** Pannel da Fornada de Samba de Cacete de Umarizal, confeccionado a partir de perfis dos moradores do quilombo.....74
- Figura 8:** Pannel contendo diferentes momentos da noite gospel do XII Festival Quilombola de Umarizal, realizado no ano de 2023.....76
- Figura 9:** Pannel. Desfile de miss e mister quilombolas.....78
- Figura 10:** Pannel. Desfile de miss e mister quilombolas.....79
- Figura 11:** Pannel. Desfile mirim de miss e mister quilombolas.....80
- Figura 12:** Pannel. Desfile mirim de miss e mister quilombolas.....81

Figura 13: Paineis. Apresentação do grupo de Samba de Cacete de Umarizal.....	82
Figura 14: Paineis. Apresentação do grupo de Samba de Cacete de Umarizal.....	83
Figura 15: Paineis. Apresentação cultural em homenagens as mulheres do quilombo de Umarizal.....	84
Figura 16: Paineis. Apresentação das misses da quadrilha Explosão Umarizalense.....	85
Figura 17: Paineis. Barraca de vendas de comidas típicas e banca de vendas de copos.....	86
Figura 18: Paineis. Pintura corporal.....	87
Figura 19: Paineis. Noite dançante e varrição.....	89
Figura 20: Paineis. <i>Banners</i> utilizados para divulgação do Festival Quilombola de Umarizal.....	92
Figura 21: Paineis. <i>Banners</i> utilizados para divulgação do Festival Quilombola de Umarizal.....	93
Figura 22: Paineis. Imagens do Círio da Santíssima Trindade dos Inocentes em Umarizal.....	95

LISTAS DE MAPAS

MAPA 1: Localização do quilombo de Umarizal.....	23
MAPA 2: Localização da Sub-região do Baixo Tocantins	50
MAPA 3: Localização da hidrelétrica de Tucuruí-PA.....	52
MAPA 4: Abrangência e extensão da rodovia federal BR-422.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LISTA DE SIGLAS

ACORQBU	Associação das Comunidades Remanescente de Quilombos de Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá-Miri e Flosrestão.
AMPU	Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal
CF	Constituição Federal
FGEO	Faculdade de Geografia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICH	Instituto de Ciências Sociais
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ITERPA	Instituto de Terras do Pará
PARFOR	Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PSE	Processo Seletivo Especial
SOME	Sistema Modular de Ensino
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Baião
T-D-R	Territorialização-desterritorialização-reterritorialização
UFPA	Universidade Federal do Pará
UHE	Usina Hidrelétrica
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I –	
O PONTO DE PARTIDA: O TERRITÓRIO, SEUS SENTIDOS E RELAÇÕES.....	21
1.1 Uma primeira apresentação, a comunidade quilombola de Umarizal, Baião-PA.....	22
1.2 Uma segunda apresentação, pensando o conceito de território quilombola.....	27
1.3 O debate dos sentidos atribuídos ao conceito de território.....	28
1.4 Um quadro síntese dos sentidos de território para pensar a pesquisa.....	34
CAPÍTULO II –	
NO ENTREMEIO: EXPLORANDO AS PROPOSIÇÕES DE MODERNIDADE MEDIADA E DE MODERNIZAÇÃO E SEUS ELEMENTOS.....	37
2.1 Em direção à noção de construção mediada da modernidade.....	37
2.2 A modernização vista a partir de seus elementos.....	41
2.3 Os processos de modernização na sub-região do Baixo Tocantins e o quilombo de Umarizal em Baião-PA.....	48
2.3.1 O Baixo Tocantins, uma rápida caracterização.....	48
2.3.2 A construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí.....	51
2.3.3 A abertura da BR-422.....	53
2.3.4 O Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica (“Luz Para Todos”)	55
2.3.5 A implantação da rede de internet.....	57
CAPÍTULO III –	
O FIM É O COMEÇO: O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE TERRITORIAL QUILOMBOLA ATRAVÉS DA APROPRIAÇÃO DOS ELEMENTOS DA MODERNIDADE.....	6
3.1 Breve análise sobre a conceituação da identidade territorial.....	64
3.2 A interação entre o Samba de Cacete, o Festival Quilombola e as mídias sociais no quilombo de Umarizal.....	69
3.2.1 Uma pequena nota sobre o Samba de Cacete da Comunidade de Umarizal.....	70

3.2.2 O ordenamento do território durante o Festival Quilombola de Umarizal.....	72
3.2.3 Mudanças e permanências na construção da identidade territorial quilombola de Umarizal: o papel das mídias sociais.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE	105

INTRODUÇÃO

A luta por territórios e direitos territoriais tem levado à retomada, preservação e ao fortalecimento de identidades territoriais, como a quilombola, que se tornou um tema de extrema relevância no contexto social e cultural brasileiro. Como destaca Haesbaert (2013), a identidade é de suma importância por ser considerada um direito à diferença. Entretanto, no Brasil, muitas comunidades remanescentes de quilombos ainda enfrentam desafios significativos em relação à modernização de seus territórios que, segundo Lechner (1990, p. 74), colocam em questão “o controle dos processos sociais e naturais”.

É necessário compreender, então, como se articulam as lutas por acesso à equipamentos e objetos modernos, melhorias no padrão e qualidade de vida com a preservação de suas tradições e valores ancestrais já que, segundo Koury e Paz (2021, p. 122), “reconhecer a existência da pluralidade cultural requer, antes, aceitar que esta se deve ao ato de resistir”. Nesse contexto, este trabalho se propõe a investigar as dinâmicas de construção e de fortalecimento da identidade territorial quilombola na comunidade de Umarizal, localizada no município de Baião, estado do Pará, diante da chegada de elementos da modernidade em seus territórios.

A comunidade de Umarizal, assim como tantas outras comunidades quilombolas em todo o país, tem sido afetada por mudanças socioeconômicas e transformações territoriais resultantes dos processos de modernização e de suas inserções crescentes na globalização contemporânea. A necessidade de se adaptarem a essas mudanças, ao mesmo tempo em que buscam preservar as tradições e a identidade cultural, é um desafio constante para essas comunidades. A busca por estratégias adequadas para enfrentar essa realidade e fortalecer sua identidade territorial, torna-se essencial.

Essas questões têm sido refletidas em um intenso debate teórico acerca do tema da relação entre identidade cultural, territorial e os processos políticos e socioeconômicos de transformação contemporâneo, cada vez mais globalizados. Desse debate, destacamos¹ rapidamente aqui três posições.

De um lado, em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall (2006, p. 69) diz que “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização”. De outro lado, no artigo intitulado

¹ O uso da primeira pessoa do singular (eu) e da primeira pessoa do plural (nós) teve como objetivo dar uma visão mais honesta e reflexiva do processo de pesquisa e de sua escrita. Uso o “nós” para reconhecer as ideias e argumentações que resultaram de elaborações mais coletivas, das discussões que tive com o orientador. O “eu” é utilizado para indicar as situações de reflexões mais individuais, a fim de registrar as ideias e *insights* particulares. Este uso está mais destacado no Capítulo III, onde escrevo sobre os resultados do trabalho de campo.

“Distúrbios identitários em tempos de globalização”, Michel Agier (2001) apresenta um debate afirmando que a globalização tem levado a desestabilização das identidades, principalmente nas comunidades tradicionais e marginalizadas, o que tem sido interpretado ou como o fim das identidades territoriais e culturais ou a sua reelaboração. Este último autor diz que a circulação rápida das informações, das ideologias e das imagens acarreta dissociações entre lugares e culturas, ou seja, a globalização pode levar à homogeneização cultural e à perda de identidade local. Por fim, no artigo “Identidades territoriais”, Rogério Haesbaert (2013) cita Stuart Hall (1997) para quem “as identidades ‘globais’ ou a diluição das identidades pela globalização, como uma das três possibilidades concomitantes de manifestação identitária” (Hall, 1997 *apud* Haesbaert, 2013, p. 240).

Diante disso, nossa intenção foi a de refletir essas questões tomando como referência empírica para a análise o contexto do quilombo de Umarizal, no município de Baião-PA, levando em conta uma prática cultural importante de sua identidade territorial, o Festival Quilombola.

Como veremos mais adiante, o quilombo de Umarizal foi originado através de um antigo quilombo chamado Paxibal, este pequeno quilombo surgiu em meados de 1873 e se localizava nas margens de onde hoje passa o Km 115 da BR-422. A comunidade também chamada de “comunidade de Umarizal”, “Vila de Umarizal”, “Umarizal Beira” e, para os moradores mais antigos, “Umarizal dos Pretos”, faz parte do município de Baião, na sub-região do Baixo Tocantins, localizada à margem esquerda do rio Tocantins. Por sua história, e de acordo com o processo de reconhecimento, foi oficialmente estabelecida como uma comunidade remanescente de quilombo. Nas três últimas décadas, essa comunidade passou por grandes transformações.

No que diz respeito às dinâmicas territoriais contemporâneas, percebemos a existência de uma diversidade de formas de como se deram as vivências das mudanças mais significativas em termos de introdução de elementos da modernização na região, ao longo do século XX, sendo algumas delas muito importantes para compreender o espaço sub-regional do Baixo Tocantins. Entre essas mudanças, as que mais atingiram a comunidade quilombola de Umarizal foi a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE Tucuruí) (1984) e da rodovia BR-422 (Transcametá) (1985), a chegada do Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica “Luz para Todos” (2006) e, por fim, o último grande elemento a chegar em Umarizal foi a instalação da rede de internet (2010), possibilitando maiores avanços em termos de acesso à tecnologia e à comunicação – principalmente através do uso das mídias sociais.

Diante desses processos, problematizamos o tema da pesquisa a partir dos seguintes questionamentos: a) como se dá a relação entre a chegada de elementos da modernização do território (redes de energia elétricas e de telecomunicações, principalmente) e a construção da identidade territorial no quilombo de Umarizal? b) a introdução desses elementos levou a que mudanças e permanências no território, ao enfraquecimento ou ao fortalecimento e projeção da identidade no quilombo de Umarizal? c) coexistem antigas e novas formas de identidade territorial nesse contexto? d) quais são as práticas e usos sociais que ainda se mantêm? Como eram? Como estão? e) nesse contexto, como se relacionam o tradicional e o moderno?

Para ajudar na realização, desenvolvimento e compreensão desta pesquisa, optamos pela escolha e exercício do método do materialismo histórico-dialético, conforme a leitura de José de Souza Martins (1996),² já que este caminho se concentra na análise crítica das estruturas sociais e da influência que estas têm ao longo da história, nas relações sociais e práticas sociais que condicionam a vida das pessoas, auxiliando a identificar as possíveis relações de poder e as contradições presentes em uma determinada situação.

A hipótese que apresentamos a seguir é a de que a comunidade de Umarizal promove um processo de apropriação e uso de elementos da globalização e da modernização para o fortalecimento e reelaboração de sua identidade, pois no mundo contemporâneo, segundo Haesbaert (2013, p. 242), “convivem novas e antigas formas de identificação no/com o território”.

Dessa perspectiva, preferimos abordar esse processo como conjunto de estratégias e uso que fortalecem ainda mais a identidade territorial e cultural quilombola em Umarizal. Em outras palavras, a apropriação de elementos da modernização tem sido uma estratégia importante para a sobrevivência, o fortalecimento e a projeção da identidade territorial e cultural desta comunidade. Por exemplo, no Capítulo III, veremos que a introdução da energia elétrica e redes de internet no quilombo permitiu o acesso a novas tecnologias, como celulares e computadores, e esses recursos têm sido usados para fortalecer a comunicação interna e externa da comunidade, bem como para registrar e divulgar suas tradições e histórias. Ao usar esses

² Esse método é dividido em três partes:

- a) a análise da realidade concreta: envolve uma análise detalhada da realidade concreta em questão, considerando todas as suas dimensões sociais, políticas e culturais. Isso inclui examinar as condições materiais de existência das pessoas, as relações de produção, as estruturas sociais e os conflitos existentes.
- b) a identificação das contradições e conflitos: aqui, identificam-se as contradições e conflitos presentes na realidade vivenciada. Essas contradições podem ser de classe, gênero, raça, ou quaisquer outras que estejam moldando a dinâmica social.
- c) a compreensão do movimento dialético ou da mudança histórica: que inclui a análise das mudanças históricas e a compreensão de como essas contradições e conflitos impulsionam a transformação social ao longo do tempo. Isso abrange a compreensão das forças motrizes das mudanças sociais, bem como das consequências das transformações históricas (Martins, 1996).

recursos de forma consciente e crítica, essa comunidade quilombola tem conseguido resistir às pressões externas e preservar suas tradições, segundo Haesbaert (2013, p. 234) “paralelamente à mercantilização, a identidade também pode ressurgir como uma forma, consciente ou não, de contraposição ao processo excludente engendrado pela globalização”, ou, acrescentaríamos nós, a introdução de elementos da modernização tem garantido “o controle dos processos sociais e naturais” (Lechner, 1990, p. 74),

Nesse sentido, a organização e divulgação do Festival Quilombola de Umarizal é feita com o uso da internet através das mídias sociais e de outros elementos da modernização do território. Isso, por sua vez, não tem acarretado na perda da identidade dos quilombolas deste território, com suas raízes e tradições. Pelo contrário, a introdução desses elementos contribuiu para a preservação e fortalecimento das memórias, tradições e práticas culturais deste quilombo. Ou seja, como esperamos demonstrar, a comunidade se apropriou desses elementos, visando a sua melhoria e o seu fortalecimento em vários aspectos, dado que, de acordo com os autores como Bonnemaïson e Cambrezy (1996),

[...] ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e “coração”, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e oprime ou uma rede que se abre e se conecta em um “coração” que emana poesias e novos significados (Bonnemaïson e Cambrezy, 1996 *apud* Haesbaert, 2013, p. 242).

Em vista disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a construção da identidade territorial quilombola na comunidade de Umarizal na atualidade, e sua relação com os processos contemporâneos de modernização do território. Para alcançar o objetivo geral proposto, ele foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- a) analisar a dimensão histórica do processo de construção da identidade territorial quilombola em Umarizal, Baião-PA.
- b) discutir as relações entre mudanças e permanências, levando em conta aspectos da relação entre cultura e elementos da modernização do território introduzidos nesse contexto.
- c) compreender o significado das práticas identitárias, das estratégias territoriais e dos usos dos elementos da modernidade no contexto do Festival Quilombola de Umarizal, Baião-PA.

Ao cumprir esses objetivos específicos, espera-se obter um panorama abrangente das estratégias e usos dos processos de modernização apropriados nesse contexto e do fortalecimento da identidade territorial quilombola na comunidade de Umarizal, bem como

contribuir para o debate sobre a preservação cultural e o desenvolvimento sustentável dessa e de outras comunidades tradicionais.

A importância deste estudo reside na possibilidade de identificar e analisar práticas bem-sucedidas que possam ser compartilhadas e replicadas em outras comunidades quilombolas, bem como fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas e ações que promovam o fortalecimento da identidade territorial quilombola em Umarizal e em outras regiões, sem que isso signifique um estado de isolamento. Além disso, esta problemática é essencial para compreender a relação entre o tradicional e o moderno na comunidade de Umarizal, que segundo a hipótese levantada, dividem e compartilham o território mutuamente, isso torna essa pesquisa essencial pelo fato de discutir os elementos da modernização do território a partir da relação desse processo com a comunidade de Umarizal, enquanto um sujeito político sem pressupor a ideia de que a modernização do território leva sempre à perda da identidade. Busca-se observar como diversos benefícios chegaram para a comunidade. Nesse sentido, apresentamos aqui uma expressão de Morin, que explica e exemplifica a importância de obter novos conhecimentos, inclusive o conhecimento técnico, “toda renúncia ao conhecimento empírico/técnico/racional conduziria os humanos à morte, toda renúncia a suas crenças fundamentais desintegraria sua sociedade” (1986 *apud* Haesbaert, 2013, p. 237), mas a pesquisa também busca alertar sobre a importância de preservar e renovar o conteúdo tradicional dessa identidade.³

Desse modo, o tipo de pesquisa que estamos propondo pode ser caracterizada como pesquisa qualitativa. De acordo com essa perspectiva, e usando como referência o livro “A pesquisa nas ciências sociais e no direito” de autoria de Violeta Loureiro (2018), o processo da pesquisa inclui, inicialmente, o levantamento e discussão de referências teóricas sobre o tema e as categorias de análise que, em nosso caso, referem-se à identidade territorial quilombola, e a partes da história de formação do território quilombola de Umarizal, em Baião-PA. Para complementar essa etapa da pesquisa, realizamos também pesquisa e levantamento documental

³ Segundo o *site* da faculdade de geografia (FGEO/ICH) foram defendidas 148 monografias nos cursos de bacharelado e licenciatura entre os anos de 2014 a setembro de 2023, assim distribuídas: oito em 2014, sendo quatro pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor); sete em 2015; cinco em 2016; 12 em 2017; 18 em 2018; 54 em 2019; 32 em 2020; um em 2021; quatro em 2022; e três em 2023, até o momento em que escrevo esse TCC. Das 148 monografias registradas, apenas uma teve sua temática voltada a um quilombo, foi defendida em 2019 pelo discente Karleison Coelho da Paixão, tendo como orientador o Professor Dr. Marcus Vinicius Mariano de Souza, com o título “Ensino de Geografia e as relações raciais: o ‘Projeto Nós Propomos’ como intervenção metodológica para o resgate da cultura e identidade na comunidade remanescente quilombola de Vila Nova Jutáí, Breu Branco-PA”. Isso mostra a necessidade de multiplicar pesquisas sobre as questões étnico-raciais e suas relações com o território, e ao mesmo tempo a importância de mais trabalhos desdobrando e ampliando essa temática, buscando uma maior inserção, estabelecimento e pluralidade nos cursos de geografia e na universidade.

que auxiliou a compreensão da história e do caso mais específico da comunidade de Umarizal, em Baião-PA. A pesquisa participante é uma abordagem metodológica que envolve a participação ativa do pesquisador no contexto da pesquisa, integrando-se com os participantes da situação estudada. É uma estratégia que busca compreender fenômenos complexos a partir da imersão do pesquisador no ambiente em que ocorrem, promovendo uma colaboração estreita entre ele e os participantes.

Durante o trabalho de campo, a observação participante foi implementada como parte fundamental da coleta de dados, esse método consistiu na presença direta e interativa do pesquisador no ambiente em estudo, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados. A observação participante é particularmente indicada quando se deseja analisar contextos pouco conhecidos, nos quais a presença do pesquisador é valiosa para capturar nuances, relações sociais e detalhes que podem não ser facilmente acessíveis por meio de métodos mais tradicionais. Durante o processo de observação participante, foram registrados eventos e comportamentos, e houve interação com os participantes, dialogando, participando de atividades e buscando uma compreensão mais holística do ambiente. Essa abordagem permitiu uma imersão mais profunda na realidade estudada, possibilitando uma análise mais rica e contextualizada.

Como visto, o objetivo principal da observação participante é a compreensão e descrição detalhada de um fenômeno ou situação, indo além da superfície para explorar as camadas mais profundas da realidade. Além disso, essa metodologia visa verificar as hipóteses de trabalho de forma mais objetiva e em profundidade, proporcionando uma base sólida para análises subsequentes. A pesquisa participante, por meio da observação participante, destacou-se como uma abordagem robusta e envolvente para a coleta de dados. Ao integrar o pesquisador ativamente no ambiente de estudo, essa metodologia proporcionou uma compreensão mais completa e aprofundada da realidade investigada.

Além da observação participante, foram utilizadas outras técnicas de coleta de dados em campo, tais como, realização de entrevistas junto aos organizadores, participantes e colaboradores do Festival Quilombola.

Assim, de posse da abordagem qualitativa, o trabalho de campo e a observação de caráter participante ajudaram bastante na pesquisa, principalmente nos momentos em que foram realizadas as entrevistas e as observações em campo, já que este tipo de técnica permite que o pesquisador colete dados ricos, em primeira mão, e mais detalhados por meio do diálogo com seus informantes e outros sujeitos da pesquisa, esses dados ajudam a iluminar a complexidade

do fenômeno em estudo. Trata-se de um processo altamente flexível, ensinando ao pesquisador o aprendizado de técnicas de adaptação da metodologia às necessidades da pesquisa, gerando respostas rápidas às mudanças e aos ajustes para a pesquisa alcançar os objetivos desejados.

Feito isso, estruturamos o TCC em três capítulos, mais a introdução, e a conclusão ao final, dispostos da seguinte maneira.

No capítulo I, após a breve apresentação da comunidade quilombola de Umarizal, a pesquisa se concentra em sintetizar o debate em torno dos conceitos de território. O objetivo é organizar e sistematizar os diversos significados atribuídos a esse conceito, abrangendo perspectivas acadêmicas, experiências práticas da comunidade e considerações culturais, históricas e socioeconômicas. Essa síntese busca proporcionar uma compreensão mais profunda da relação entre a comunidade e seu território, indo além da dimensão geográfica para explorar aspectos simbólicos, tradicionais e dinâmicas territoriais específicas de Umarizal.

O capítulo II visa estabelecer uma base teórica sólida ao examinar as noções de modernidade mediada e modernização, conectando-as diretamente ao contexto específico da pesquisa e preparando o terreno para uma análise mais aprofundada dos processos de modernização na sub-região do Baixo Tocantins e no quilombo de Umarizal, expondo entrevista com a comunidade, destacando os principais eventos e marcos históricos ligados a esses elementos.

No capítulo III, o foco central está no debate contemporâneo em torno do conceito de identidade territorial. É feita uma breve apresentação do termo quilombola e do território quilombola. A compreensão da identidade territorial é apresentada, destacando sua associação com a ligação emocional, cultural e social de uma comunidade ou grupo de pessoas com uma área geográfica específica, sendo fundamental na construção de suas identidades. Em seguida, o capítulo explora a relação entre os elementos da modernização na sub-região do Baixo Tocantins e o quilombo de Umarizal, destacando a análise da construção da identidade étnico-territorial quilombola nesse contexto, utilizando como principais referências o Festival Quilombola e o Samba de Cacete. Além disso, são apresentados os principais resultados da pesquisa de campo realizada em Umarizal durante os períodos de novembro de 2022 e maio de 2023, proporcionando uma visão aprofundada das dinâmicas locais e da influência dos elementos da modernização na identidade da comunidade quilombola.

CAPÍTULO I – O PONTO DE PARTIDA: O TERRITÓRIO, SEUS SENTIDOS E RELAÇÕES

Como o título acima anuncia, o primeiro capítulo dessa monografia inicia uma exploração em direção aos conceitos fundamentais da pesquisa, tendo como foco as três chaves de leitura principais de nossa análise: o território e seus sentidos, a modernização e a identidade territorial quilombola.⁴

Entretanto, no texto do TCC não há um capítulo específico dedicado à apresentação dessas três chaves de leitura. Pelo contrário, procuramos diluir a abordagem sobre o território, a modernidade e a modernização e a identidade territorial quilombola ao longo das partes que compõem o texto de apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

De acordo com essa ideia, após apresentar rapidamente a comunidade quilombola de Umarizal, organizamos, uma síntese do debate acerca dos conceitos de território, buscando sistematizar os sentidos atribuídos a este conceito. Em seguida, no Capítulo II, introduzimos o debate sobre conceitos de modernidade e modernização, a fim de destacá-la como uma noção importante para nossa análise de como esse processo se deu na sub-região do Baixo Tocantins. Por fim, no Capítulo III, segue-se a discussão e apresentação de como estamos compreendendo a relação deste processo com o conceito de identidade territorial quilombola, considerando a análise do Festival Quilombola de Umarizal.

Essa abordagem proporcionou uma base sólida para a compreensão das questões territoriais e identitárias que foram exploradas ao longo da pesquisa. Por isso, o primeiro capítulo é um ponto de partida e serve como base para o debate conceitual da pesquisa, fornecendo um quadro dos elementos essenciais que foram explorados ao longo do estudo, e dos conceitos aqui debatidos e que são fundamentais para o aprofundamento da pesquisa sobre o Festival Quilombola em Umarizal, no município de Baião-PA.

⁴ Após discussões com a orientação, decidimos fazer uso do termo modernidade também, em alguns casos para evitar a repetição do termo modernização, pois o utilizamos bastante no texto. Entretanto, *estamos compreendendo modernização e modernidade como termos intercambiáveis e que ambos se referem a um processo no plural (modernidades, modernizações)*, dado as diferenças profundas com que elas foram introduzidas na Amazônia, e que podem ser visualizadas nos territórios.

1.1 Uma primeira apresentação, a comunidade quilombola de Umarizal, Baião-PA.

O quilombo de Umarizal foi originado a partir de um antigo quilombo chamado Paxibal, um pequeno quilombo que surgiu em meados de 1873 e se localizava nas margens de onde hoje passa o Km 115, da BR-422 (ver Mapa 1).

A comunidade é também chamada de “comunidade de Umarizal”, “Vila de Umarizal”, “Umarizal Beira” e, para os moradores mais antigos, “Umarizal dos Pretos”, faz parte do município da cidade de Baião, na região do Baixo Tocantins, localizada à margem esquerda do rio Tocantins. É uma comunidade remanescente de quilombo que passou por grandes transformações, principalmente nas últimas décadas.

Oficialmente, o distrito de Umarizal foi criado no dia 23 de abril de 1993 com aprovação do Projeto de Lei n. 001/93. O primeiro artigo desse projeto, diz o seguinte:

Fica criado o Distrito de Umarizal no município de Baião, nos termos da Lei Orgânica Municipal e da Lei Estadual nº 5.584 de 18 de janeiro de 1990. Parágrafo único - O distrito a que se refere o artigo primeiro terá sede na localidade de Umarizal à margem esquerda do Rio Tocantins, que por força desta lei terá a categoria de Vila. Após a instalação do Distrito de Umarizal seus limites ficaram assim demarcados: ao norte, o município de Mocajuba; a leste a cidade de Baião e a ilha do Bacuri; a oeste, os limites do município de Baião com município de Oeiras do Pará; ao sul com a calha do Igarapé Paritá (Baião, 1993).

Segundo Farias (2021, p. 30) o nome "Umarizal" tem sua origem na presença de uma grande floresta de chamada umarizeiro (*Poraqueiba sericea Tulasne*) ou marizeiro (*Geoffroea spinosa*) na região. Essa árvore produz frutas apreciadas na região Norte do Brasil. A área era originalmente a do quilombo Paxibal, estabelecido desde o século XIX por negros livres e escravos fugidos. Entretanto, devido aos ataques indígenas, Paxibal foi abandonado por volta de 1930 a 1940. Os quilombolas refugiados passaram a se estabelecer em Umarizal, que começou a se formar entre 1930 e 1935. Ainda segundo esse mesmo autor, a época, o novo povoado manteve o estilo semicircular de Paxibal e se desenvolveu ao longo das margens do rio Tocantins, facilitando o comércio com comunidades vizinhas e centros urbanos maiores.

Umarizal também se dedicou à coleta de Castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*) e à extração de látex de seringueira (*Hevea brasiliensis*), produtos valiosos na época. A população cresceu nos anos 1970, com melhorias na infraestrutura, incluindo escola e energia elétrica. Umarizal tornou-se a sede do 4º distrito de Baião em 1993, e atualmente conta com uma população de cerca de 3.000 habitantes e 13 ruas. Atualmente, a vila oferece serviços públicos de educação e saúde e tem comércio, telefone e acesso à internet limitados. Além disso, é um importante centro cultural quilombola da região.

MAPA 1: Localização do quilombo de Umarizal

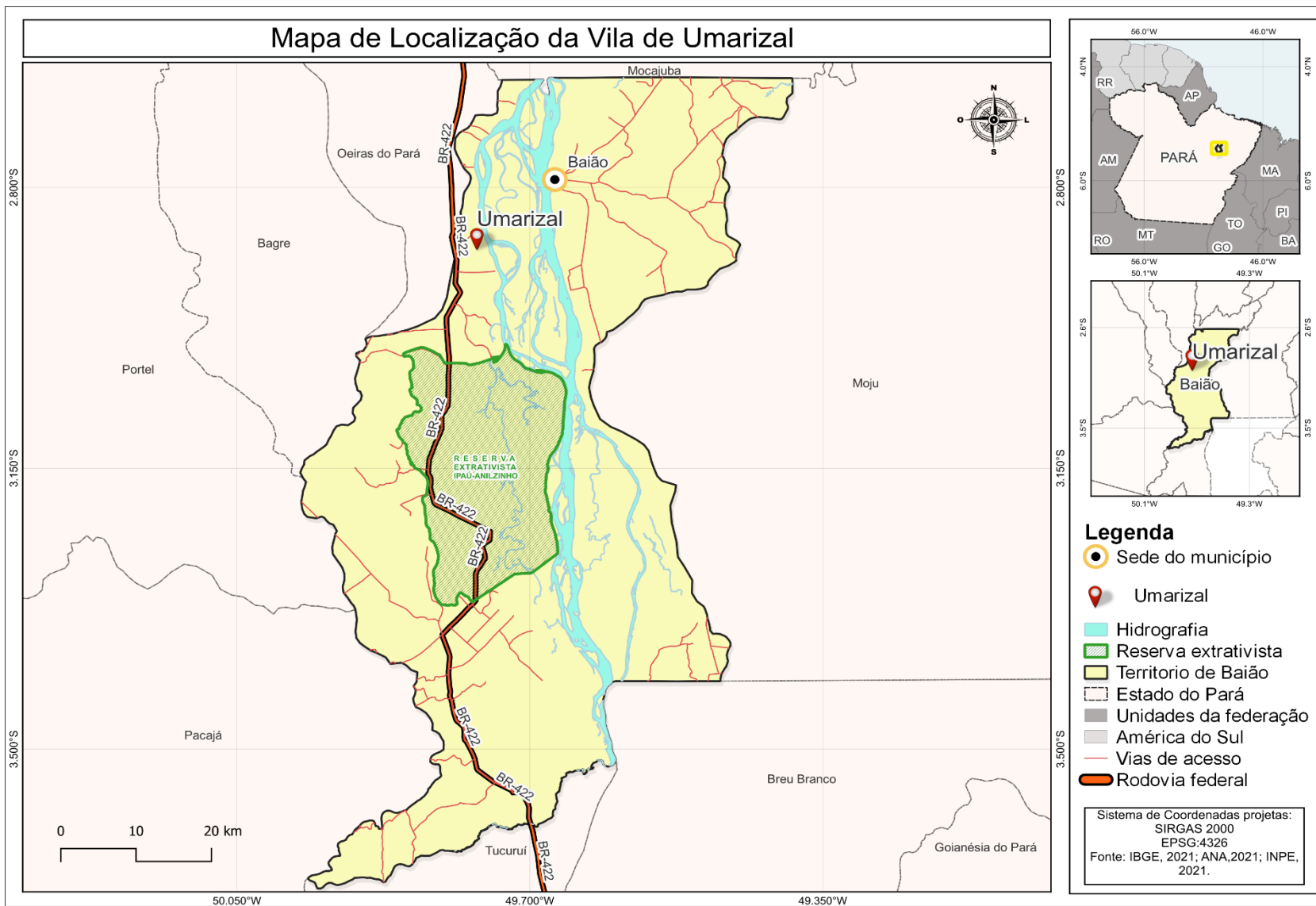




Figura 1: Fotografia aérea do Quilombo de Umarizal. Destaques para o rio Tocantins, em primeiro plano, e a estrada e a floresta, ao fundo.
Fonte: É do Pará (2022).



Figura 2: Painel com imagens aéreas do quilombo de Umarizal. Confeccionado a partir de diferentes perfis privados dos moradores do quilombo. Fonte: Mídias Sociais (2023).



Figura 3: Painel do Quilombo de Umarizal. Confeccionado a partir de diferentes perfis privados dos moradores do quilombo.
Fonte: Mídias Sociais (2023).

1.2 Uma segunda apresentação, pensando o conceito de território quilombola.

No Brasil, do ponto de vista dos processos de reconhecimento do direito territorial, das terras tradicionalmente ocupadas, terras de preto, o termo território quilombola está relacionado aos territórios ocupados por comunidades remanescentes de quilombos. O sentido desses territórios revela uma dimensão histórica importante, pois quilombos eram comunidades formadas por pessoas afrodescendentes que fugiam da escravidão e buscavam estabelecer-se em locais isolados, muitas vezes em áreas rurais ou de difícil acesso (Arruti, 2006).

No presente, a luta pela garantia dos direitos territoriais das comunidades quilombolas ganhou destaque a partir da Constituição de 1988, que reconheceu a obrigação do Estado de titular e demarcar as terras tradicionalmente ocupadas por essas comunidades. Assim, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, reconhece o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos, garantindo-lhes a propriedade da terra nos territórios que estiverem ocupando. A legislação brasileira não estabelece uma definição única e específica para o termo “quilombo”, mas é comumente aceito que se refere a comunidades formadas por descendentes de africanos escravizados que buscaram refúgio em locais isolados, onde preservaram sua cultura, tradições e modos de vida.

Com efeito, o processo de regularização fundiária quilombola, por sua vez, envolve a identificação, reconhecimento, delimitação e titulação das terras ocupadas por essas comunidades, esse processo é conduzido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em parceria com as comunidades e outros órgãos governamentais. A demarcação consiste em estabelecer os limites geográficos da área a ser reconhecida como território quilombola. Após a demarcação, ocorre a titulação, que é a concessão formal do título de propriedade coletiva da terra à comunidade quilombola (Arruti, 2006).

Além do aspecto legal e fundiário, o território quilombola tem uma importância crucial para a preservação da identidade cultural, social e econômica dessas comunidades, a terra é vista como um elemento central na manutenção das práticas culturais e na promoção do bem-estar das comunidades quilombolas. E vice-versa, pois a construção da identidade territorial quilombola é também condição da garantia desse direito. Entretanto, apesar dos avanços legais, as comunidades quilombolas ainda enfrentam desafios significativos, incluindo a demora nos processos de titulação, a pressão por parte de empreendimentos que buscam explorar recursos naturais nas áreas quilombolas e conflitos territoriais. De todo modo, o conceito de território quilombola está intrinsecamente ligado ao reconhecimento e garantia dos direitos territoriais

das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, visando preservar suas culturas e modos de vida. Esse reconhecimento busca corrigir historicamente as injustiças sofridas por essas comunidades e promover a inclusão social e o respeito à diversidade cultural.

1.3 O debate dos sentidos atribuídos ao conceito de território.

Levando em conta a experiência de luta por território de remanescentes quilombolas no Brasil e na Amazônia, em particular, vale a pena explorar a contribuição da Geografia a esse debate, sobretudo no que se refere ao debate teórico acerca do território.

No livro “Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste”, Rogério Haesbaert (1997) aborda vários conceitos de território, apresentando diversos autores, como Raffestin (1986, 1988), que investigou o processo que denomina de T-D-R, isto é, territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Este último autor define a territorialidade humana como “o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos” (Raffestin, 1986 *apud* Haesbaert, 1997, p. 33). Raffestin também afirma que,

O território é uma reordenação do espaço na qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais dispõe o homem enquanto pertencente a uma cultura. O território pode ser considerado como o espaço informado pela semiosfera. [...] O acesso ou o não-acesso à informação comanda o processo de territorialização, desterritorialização das sociedades (Raffestin, 1988 *apud* Haesbaert, 1997, p. 33).

Pela abordagem de Haesbaert (1997), vê-se que Raffestin destaca a importância da informação e da cultura na formação e na manutenção do território. Enfatiza como a ordenação do espaço geográfico está ligada aos sistemas de informação, à comunicação e à interpretação cultural, e como o acesso à informação desempenha um papel crucial nos processos de territorialização das sociedades. Indica que o território não é apenas um espaço físico, mas uma reordenação desse espaço. Isso significa que o território não é apenas um local geográfico, mas um espaço que foi organizado e moldado de acordo com uma ordem ou diferentes ordens, e por meio de sistemas. Sugere que a ordem no território, ou seja, a organização ou estrutura desse espaço, está relacionada aos sistemas de informação ou sistemas informacionais, que são os meios pelos quais as informações são transmitidas e compartilhadas dentro de uma cultura ou sociedade, podendo incluir sistemas de comunicação, linguagem, símbolos e outros mecanismos de transmissão de informações.

Isso tudo implica que a organização do território é influenciada pelos sistemas de comunicação e pelo conhecimento que as pessoas têm sobre o espaço em questão. A informação desempenha um papel fundamental na construção e manutenção do território.

Uma referência à semiosfera, que é um conceito que se refere ao universo dos signos e símbolos que as pessoas utilizam para comunicar e referir significado ao seu ambiente, sugere que o território é moldado pela influência dos sistemas de signos e símbolos que existem dentro de uma cultura. Portanto, o território é informado e influenciado pela maneira como as pessoas interpretam e representam esses elementos culturais. O acesso ou a falta de acesso à informação é apontado como um fator crítico que influencia o processo de re-territorialização (a criação e reivindicação de territórios) e desterritorialização (a perda ou desintegração de territórios). A informação é uma ferramenta poderosa na construção e na desconstrução de territórios, pois determina quem tem conhecimento e controle sobre a área em territorialização. Por isso, Raffestin insiste que o conceito de território não é apenas físico, mas é intrinsecamente ligado à cultura, à informação e à ordem imposta a um espaço. O acesso à informação desempenha, assim, um papel crucial na definição e redefinição dos territórios e na relação das sociedades com esses espaços.

Outro autor abordado na análise de Haesbaert (1997) é Knight (1982) para quem o território é, ao mesmo tempo, “uma área que é limitada, formal ou informalmente” e um “espaço ao qual está ligada uma identidade através de um grupo distinto que mantém ou ambiciona este território e que deseja obter total controle dele em proveito do grupo” (Knight, 1982 *apud* Haesbaert 1997, p. 36). Desse modo, a definição de território de Knight incorpora tanto as dimensões físicas quanto as dimensões simbólicas e culturais do território.

A primeira parte da definição proposta por este autor enfatiza que um território é uma região geográfica claramente definida e delimitada, seja por fronteiras oficiais, por meio de acordos legais, como as fronteiras entre países (limitação formal) ou por fronteiras menos formais e mais subjetivas e políticas, como comunidades que definem esses limites por meios de tradições, uso regular ou costumes (limitação informal).

Por outro lado, a segunda parte de sua definição ressalta que um território está vinculado a uma identidade específica, geralmente de um grupo social ou cultural. O território não é apenas uma área geográfica, mas também possui um significado cultural e emocional para um grupo particular. Esse grupo, de acordo com o autor, não ocupa apenas o território em si, mas também busca controlá-lo e tirar benefícios dele em benefício do próprio grupo.

Conforme a apropriação feita por Haesbaert (1997), na perspectiva de Godelier território passa a ser

Uma porção da natureza e portanto do espaço sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou a parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar (Godelier, 1984 *apud* Haesbaert, 1997, p. 40).

Um território, assim, não é apenas uma área geográfica, mas também envolve uma reivindicação de, ou luta por (garantia), direitos resultantes sobre essa área, o controle e a capacidade de exploração dos recursos naturais presentes nessa área. Essa visão destaca a relação entre a sociedade e a terra, onde a sociedade se organiza e utiliza o território de acordo com seus interesses e necessidades.

O território, de acordo com essa visão, é uma área específica na superfície da Terra. Essa área não é apenas um espaço geográfico vazio, mas também faz parte da natureza, ou seja, inclui recursos naturais, como solo, água, flora e fauna. As sociedades humanas lutam pelo controle sobre esse espaço geográfico e, ao fazê-lo, estabelecem direitos relacionados a esse território. Esses direitos podem variar, mas geralmente incluem o direito de acesso, controle e uso dos recursos presentes na área. Nesse sentido, as sociedades que têm um território esperam não apenas ter acesso a ele, mas também o controlar e usá-lo de acordo com seus interesses. Elas almejam por decidir como os recursos naturais presentes nesse território serão explorados e utilizados. Uma sociedade que reivindica um território também deve ser capaz de explorar os recursos disponíveis nesse território, deve ter os meios e a capacidade técnica para aproveitar e utilizar efetivamente os recursos naturais encontrados neste território.

Após analisar essas múltiplas proposições sobre os sentidos atribuídos ao território e suas categorias, Haesbaert (1997) classificou as interpretações conceituais de território em três vertentes básicas:

- a) *a jurídico-política*, majoritária, inclusive no âmbito da Geografia, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal; a perspectiva aqui comentada de Allières (1980) e a abordagem clássica de Ratzel podem ser consideradas nesta versão;
- b) *a cultural(ista)* que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva do espaço, o território é visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço; Guattari (1985) e, na Geografia, Tuan (1980, 1983) são autores que, em diferentes posições, se aproximam desta abordagem; e

- c) *a econômica* (muitas vezes economicista), minoritária, que destaca a des-territorialização em sua perspectiva material, concreta, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho. Embora o autor não tenha citado exemplos para essa vertente, ela é bem forte no âmbito das ciências voltadas à economia.

A partir dessas observações, Haesbaert (1997) enuncia que:

A distinção entre território como instrumento do poder político (quase sempre de caráter estatal, ligado à questão da cidadania) e território como espaço de identidade cultural, instrumento de um grupo cultural e/ou religioso, é fundamental no mundo contemporâneo, dentro do debate entre universalistas (defensores de uma “cidadania-mundo”, calcada ou não na territorialidade-padrão dos Estados-nações) e multiculturalistas (defensores do respeito às especificidades culturais, que pode incluir as diferentes concepções de territorialidade moldadas no interior de cada cultura) (Haesbaert, 1997, p. 37).

Compreende-se que para Haesbaert (1997), no contexto universalista, o território é visto como um instrumento do poder político, frequentemente associado ao Estado. Em vista disso, o território é utilizado como base para o exercício do poder estatal e dos conflitos em torno da cidadania. Esse conceito está relacionado à ideia tradicional do Estado-nação, onde o território é fundamental para constituição de um Estado soberano. Nesse ponto de vista, a cidadania e o direito dos indivíduos muitas vezes dependem de sua relação com o território de um Estado específico. Na perspectiva multiculturalista, por outro lado, o território é considerado um espaço de identidade cultural, vinculado a grupos culturais e/ou religiosos. Em vez de ser apenas um espaço político e administrativo, o território é visto como um local onde uma determinada cultura ou grupo é enraizado. Em razão disso, diferentes grupos com diferentes culturais podem ter concepções distintas de territorialidade e podem considerar um território como parte essencial de sua identidade. Essa abordagem valoriza a diversidade cultural e permite a importância de respeitar as especificidades culturais dentro de um mundo globalizado.

Essa distinção entre as visões de território como instrumento político e território como espaço de identidade cultural é relevante nos debates contemporâneos sobre questões como autonomia cultural, direitos de comunidades tradicionais, globalização e multiculturalismo. Ela reflete a complexidade das interações entre o poder político e as identidades culturais em um mundo cada vez mais interconectado.

O autor também afirma que:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de

apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (Haesbaert, 1997, p. 41).

Aqui, Haesbaert (1997) argumenta que o território possui uma dimensão simbólica e cultural. Por esse motivo as pessoas atribuem significados e valores específicos a um determinado espaço geográfico. Esses significados e valores são geralmente moldados pela identidade territorial que os grupos sociais constroem em relação a esse espaço. Essa identidade territorial é uma forma de “controle simbólico” sobre o território, onde os grupos sociais estabelecem uma conexão emocional e cultural com o espaço onde vivem. O território, desse modo, não é apenas uma área física, mas também um objeto cultural e simbólica. Além da dimensão simbólica, para o autor, o território também possui uma dimensão mais concreta e política. Nesse sentido, é visto como um espaço onde o poder é exercido e onde ocorre a ordenação do espaço, isso se relaciona com a ideia de domínio e disciplina dos indivíduos que habitam esse território. O Estado e outras instituições políticas têm um papel fundamental na apropriação e organização do espaço geográfico, definindo fronteiras, leis e regulamentações que governam como o espaço é utilizado e controlado.

Em suma, o território não é apenas uma área física, mas uma construção complexa que envolve aspectos simbólicos, materiais, culturais e políticos. É uma manifestação da identidade cultural dos grupos sociais que o habitam, ao mesmo tempo em que é um instrumento de poder e enfatiza sua importância como uma dimensão fundamental da geografia humana e das relações de poder na sociedade.

Por fim, afirma que:

Historicamente, podemos encontrar desde os territórios mais tradicionais, numa relação quase biunívoca entre identidade cultural e controle sobre o seu espaço, de fronteiras geralmente bem definidas, até os territórios-rede modernos, muitas vezes com uma coesão/identidade cultural muito débil, simples patamar administrativo dentro de uma ampla hierarquia econômica mundialmente integrada. Poderíamos dizer que hoje, na “pós” ou “neo” modernidade, um traço fundamental é a multiterritorialidade humana, como diz Barel, onde, de acordo com o espaço/tempo em que estamos e os interesses em jogo, determinadas identidades são ativadas em detrimento de outras (Haesbaert, 1997, p. 41-42).

O autor destaca que ao longo da história, houve uma variedade de tipos de territórios. Ele faz uma distinção entre os territórios mais tradicionais e os territórios-rede modernos. Nos territórios tradicionais havia uma correspondência quase direta entre a identidade cultural de um grupo e seu controle sobre o espaço geográfico. Esses territórios tradicionais muitas vezes tinham fronteiras bem definidas em uma forte ligação entre cultura e território. Em contraste, os territórios-rede modernos tendem a ter uma identidade cultural mais frágil e são

frequentemente apenas uma parte de uma situação econômica globalizada. Eles podem ser vistos mais como entidades administrativas dentro de um contexto maior. Haesbaert (1997) também sugere que, no período contemporâneo, chamado de “pós” ou “neo” modernidade, uma característica fundamental é a multiterritorialidade humana. Por essa razão, as pessoas estão cada vez mais envolvidas em múltiplos territórios e identidades, dependendo do contexto em jogo. Em outras palavras, as identidades culturais são ativadas ou desativadas de acordo com as necessidades e as conexões que as pessoas têm em diferentes espaços e tempos. Essa ideia reflete a complexidade das identidades contemporâneas, que não estão mais rigidamente ligadas a um único território.

Resumidamente, o autor enfatiza a evolução dos conceitos de território e identidade cultural ao longo da história. Ele destaca a transição de territórios tradicionais com identidades culturais fortes e fronteiras definidas para territórios-rede modernos, onde as identidades culturais são mais fluidas e fragmentadas. Além disso, ressalta a importância da multiterritorialidade humana na sociedade pós-moderna, onde as pessoas podem ativar diferentes identidades culturais com base em suas interações e interesses em diferentes contextos.

Para esse tema, outro autor importante a ser consultado é Robert David Sack e sua obra “O significado de territorialidade”, sobretudo no que se refere à sua concepção de territorialidade. Entre outras questões, o autor desta que,

Territorialidade para humanos é uma poderosa *estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas por meio do controle de área*. Territórios políticos e propriedades privadas de terra podem ser as formas mais familiares em que a territorialidade ocorre em vários níveis e em numerosos contextos sociais. A territorialidade é usada em relacionamentos cotidianos e em organizações complexas. Territorialidade é uma expressão geográfica primária de poder social. É o meio pelo qual espaço e sociedade estão inter-relacionados. As funções de mudança da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo (Sack, 2013, p. 63, grifos nosso).

Sack (2013) enfatiza que a territorialidade não se limita a situações específicas, mas é uma dinâmica presente tanto em relacionamentos cotidianos quanto em organizações complexas. Ele a considera como uma expressão geográfica fundamental do poder social, evidenciando como a capacidade de controlar e delimitar espaços influencia diretamente as dinâmicas sociais (certo poder territorial?!). Além disso, para o autor, a territorialidade é um meio crucial pelo qual o espaço e a sociedade estão inter-relacionados, ao entender como as pessoas estabelecem e mantêm fronteiras, sejam elas políticas ou por meio de propriedades privadas, é possível compreender a complexidade das relações sociais e suas ramificações no espaço geográfico. Este autor também destaca que as funções da territorialidade são mutáveis,

ou seja, elas evoluem ao longo do tempo, o que, por sua vez, oferece lampejos valiosos para compreender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo. Sack ainda ressalta a importância da territorialidade como uma ferramenta fundamental para entender não apenas as dinâmicas sociais presentes, mas também as transformações ao longo do tempo nas relações entre sociedade e espaço geográfico, e por que não acrescentar a compreensão da construção de identidades territoriais?

1.4 Um quadro síntese dos sentidos de território para pensar a pesquisa.

Após essa rápida exposição, concordamos que é necessário pontuar ao final do Capítulo I o conjunto de questões que derivam do debate a respeito dos sentidos atribuídos aos conceitos de território, a fim de destacar as principais ideias desse conceito que nos ajudaram e nos guiaram na pesquisa e análise do caso concreto representado pelo quilombo de Umarizal, em Baião-PA no período contemporâneo.

- a) **O *continuum* territorialização-desterritorialização-reterritorialização:** trata-se da ideia de que não há perda total do território diante de um processo de desterritorialização, e que há sempre a busca por uma reterritorialização, ainda que sob outras bases. Isso nos obriga a considerar que nem sempre as relações estabelecidas entre os territórios quilombolas e a modernidade, por exemplo, tem sempre como fim a desterritorialização.
- b) **A importância da informação (mediação) para a (re)territorialização:** refere-se ao efeito de re-ordenação de caráter simbólico e material que é feito com a informação, pois a apropriação do território depende dos significados que estão colocados (da semiosfera, da cultura) e implica a construção de novos significados (ressignificação), sobretudo quanto à informação do que é e de como se realiza o acesso e o não-acesso aos territórios.
- c) **O território como espaço informado, que muda sua ordem espacial também por meio da informação e de seus sistemas:** o território é mais do que apenas espaço geográfico; ele é moldado, organizado e transformado por meio da informação e de seus sistemas, não é apenas uma área geográfica física, mas um espaço informado, que pode ser reconfigurado e alterado por meio de dados, informações e sistemas de gestão. Trata-se da importância da informação para o entendimento, o uso e a gestão do território.

- d) **A ideia de delimitação formal e informal do território:** a distinção entre a delimitação formal e informal do território, compreendendo que a delimitação formal se refere a fronteiras definidas oficialmente, muitas vezes por instituições ou leis, enquanto que a delimitação informal é baseada em acordos não oficiais, costumes ou práticas locais para demarcar limites territoriais. Essas duas abordagens representam as diferentes maneiras que se tem para definir e controlar territórios, com implicações distintas para o seu uso e governança.
- e) **A proposição de que há sempre a reivindicação por um espaço (luta por território) e luta para manter os direitos (territoriais):** sugere que existe uma constante reivindicação por espaço, o que implica uma luta por território, bem como uma luta contínua para manter os direitos territoriais. Isso enfatiza que a competição e os esforços para garantir o acesso e a posse de territórios são uma parte intrínseca da dinâmica social, com as pessoas disputando espaços e batalhando para preservar seus direitos territoriais ao longo do tempo, o que não é diferente na realidade dos quilombos no Brasil.
- f) **O sentido de controle mediante a informação:** o controle é alcançado por meio do domínio da informação, o poder de controlar uma situação ou um ambiente é exercido através do acesso, gestão e uso eficaz de informações relevantes (e da produção constante dessas informações). Ter o controle implica ter o conhecimento e as informações necessárias para influenciar uma situação ou um contexto.
- g) **O território condiciona também a construção de identidades:** trata-se da ideia de que o território desempenha um papel fundamental na formação das identidades das pessoas, o local onde alguém vive, seu ambiente geográfico e as experiências relacionadas a esses territórios influenciam fortemente a maneira como uma pessoa se identifica e como a comunidade local molda suas identidades. O território tem um impacto significativo na construção das identidades individuais e coletivas.

Podemos dizer, assim, que, quando falamos em território quilombola, referimo-nos às extensões de terras historicamente ocupadas e utilizadas por comunidades quilombolas no Brasil. Essas comunidades são compostas principalmente por descendentes de africanos escravizados que fugiram de onde eram mantidos como cativos e se estabeleceram em áreas rurais remotas, onde mantiveram suas tradições culturais, meios de vida e sistemas de organização social ao longo dos séculos e hoje se constituem enquanto territórios de apropriação de elementos da modernidade.

Como resultado disso, os territórios quilombolas são reconhecidos como parte integrante do patrimônio cultural e histórico do Brasil, seu reconhecimento é respaldado por políticas públicas e leis que visam proteger e garantir os direitos dessas comunidades.⁵

Assim, procuramos abordar e apresentar até aqui, ainda que sumariamente, o debate das perspectivas contemporâneas sobre o território – as proposições a respeito do seu conceito, como a da ideia do *continuum* Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização (TDR); os elementos da territorialidade humana, o papel da informação, da comunicação e da cultura; a semiosfera e identidade cultural como os quadros que dão sentido às territorialidades; as dimensões simbólica e concreta, da maneira como propõe Haesbaert, entre outras questões –, não apenas com o intuito de diferenciar o conceito de território do conceito de lugar, por vezes usado como sinônimo de território, mas para mostrar como enxergamos esse debate e como ele pode nos ajudar no estudo que propomos.

Diante desse debate, vê-se que umas das questões recorrentes se refere à possibilidade da desterritorialização, efeito de diferentes processos, é claro. Levando isso em conta e inserindo esse debate no contexto de comunidades tradicionais como as quilombolas, em geral, fala-se da perda de identidades e de territórios em função do avanço de processos facilmente relacionados à modernização do território, tais como o acesso à informação, tecnologia, internet, às mídias sociais, entre outros. Nesse sentido, cabe retomar o questionamento central dessa monografia, até que ponto a chegada de elementos da modernidade no contexto do quilombo de Umarizal, no município de Baião-PA, tem levado à perda das identidades quilombolas e de seus territórios?

É com essa questão em mente que passaremos a falar agora, no Capítulo II a seguir, do processo de chegada dos elementos da modernidade no contexto sub-regional em que se encontra a comunidade quilombola de Umarizal, discutindo o que estamos entendendo por modernização do território.

⁵ CF/88 – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. Por outro lado, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto nº 6.040, de 2007, tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

CAPÍTULO II - NO ENTREMEIO: EXPLORANDO AS PROPOSIÇÕES DE MODERNIDADE MEDIADA E DE MODERNIZAÇÃO E SEUS ELEMENTOS

Neste capítulo, buscamos organizar a proposição de uma abordagem das noções propostas de modernidade mediada e de modernização vista por seus elementos, analisando suas características mais importantes a fim de compreender como essas perspectivas influenciam o tema de nossa pesquisa, em particular os processos de modernização que historicamente se colocaram para a sub-região do Baixo Tocantins e o quilombo de Umarizal em Baião-PA.

Adiantemos que a noção de *modernidade mediada* (ou de *modernização mediada*) refere-se à interconexão complexa entre esse processo e a experiência humana que se encontra envolvida nos mais diferentes contextos de construção política de identidades territoriais. Por outro lado, a impressão que temos da impossibilidade de uma experiência total da modernidade conforme os seus projetos (*a modernização e seus elementos*), de sua fragmentação, deve-se ao fato de que, enquanto um processo que finca raízes no território, ela é apropriada não em sua totalidade, mas por seus elementos (partes), justamente em função das práticas e formas de apropriação de diferentes grupos sociais, étnicos e territoriais. São eles que *mediam* a introdução desses elementos no território, contribuindo assim para um processo mais amplo de transformação social, econômica e política.

Ao propor essas noções procuramos examinar como se dá a relação entre o quilombo de Umarizal, a reconstrução de sua identidade territorial e as mudanças trazidas pela tecnologia e pelo progresso, a disseminação de informações e o desenvolvimento socioeconômico; e como essas dinâmicas impactam a construção da identidade nesse território.

2.1 Em direção à noção de construção mediada da modernidade.

Na obra “Introdução à modernidade”, Henri Lefebvre diz que “a modernidade não é só o moderno e menos ainda o modernismo” (Lefebvre, 1969, p. 9). Dessa perspectiva, a compreensão da modernidade é como algo que vai além do conceito de “moderno” e do movimento artístico do modernismo, pois, para o autor, a modernidade transcende a mera ideia de ser moderno ou estar inserido no contexto do modernismo. Ele argumenta que se trata de um fenômeno mais amplo e complexo, que abrange diversas esferas da sociedade. Para Lefebvre,

a modernidade é caracterizada por mudanças profundas nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ela representa a transição da sociedade tradicional para sociedade industrial, com todas as transformações decorrentes desse processo. Para ele,

Em cerca de 1905 (por que essa data? Por causa da primeira revolução russa, símbolo do período que começa) os contornos do Modernismo e da Modernidade emergem lentamente das brumas da história e nós podemos vê-los vir a nosso encontro. Eles saem de uma Europa adormecida por algumas dezenas de anos de progresso (relativo), de bem-estar (relativo e limitado), de euforia burguesa (Lefebvre, 1969, p. 208).

O autor menciona o ano de 1905 como um marco importante para o surgimento do modernismo e da modernidade, e a escolha dessa referência está relacionada à primeira Revolução Russa que ocorreu nesse ano. Esse evento significativo simbolizou a inovação e as mudanças sociais e políticas que ocorreram nesse país e, por extensão, em partes da Europa e do mundo. Lefebvre sugere que, em torno de 1905, os elementos que caracterizavam o modernismo (um movimento artístico e cultural que questionava as tradições) e a modernidade (uma época de mudanças sociais, tecnológicas e culturais) tornam-se mais evidentes e discerníveis. As ideias, valores e estilos associados a esses dois termos estavam se desenvolvendo e se tornando mais visíveis, sobretudo nas cidades. Este autor descreve a Europa como “adormecida” por algumas décadas de progresso relativo, bem-estar limitado e euforia burguesa, referindo-se ao período anterior a 1905, no qual muitas partes da Europa experimentaram um período de relativa estabilidade e prosperidade, especialmente para a classe média burguesa. No entanto, essa estabilidade estava começando a ser desafiada pelas crescentes tensões sociais e políticas, como evidenciado pela Revolução Russa e outros movimentos sociais e políticos. Trata-se, essencialmente nessa concepção, de um processo total de transformação social em grandes escalas.

Por outro lado, no livro “A sociabilidade do homem simples”, José de Sousa Martins trata da modernidade observando que,

O tema da modernidade está profundamente comprometido com o do progresso. Nesse sentido, é um tema das sociedades ricas e é sobretudo um tema europeu. Na América Latina ainda é confundido, por alguns, com o tema do moderno em oposição ao tradicional, num curioso reavivamento das concepções dualistas dos anos cinquenta e sessenta (Martins, 2011, p. 17).

Através dessa citação, podemos dizer que essa concepção de modernidade se traduz em um conceito que também está associado a um período histórico e cultural e a um contexto regional específico, a América latina, caracterizado por mudanças significativas nas esferas social, econômica, políticas e cultural. Nesse caso, uma das características centrais da modernidade é a busca pelo progresso, como processo de avanço constante em direção ao

desenvolvimento econômico, tecnológico e social. Essa busca é frequentemente associada às sociedades ricas e industrializadas, como as da Europa, que desempenharam um papel crucial na formação da ideia de modernidade. Vale ressaltar que o tema da modernidade é, em grande parte, um tema europeu, isso se deve ao fato de que essa foi uma das regiões pioneiras na transição para a modernidade, com o surgimento da Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX), e suas transformações políticas e culturais, e um foco no desenvolvimento científico e tecnológico.

Dessa perspectiva, o conceito de modernidade está historicamente enraizado na experiência europeia. Entretanto, Martins (2011) evidencia que na América Latina ainda há confusões em relação ao conceito de modernidade, algumas pessoas confundem o termo “moderno” com “moderno em oposição ao “tradicional”. Por isso, ao compreenderem a modernidade como um período histórico e cultural, algumas pessoas na América Latina podem interpretá-la como simplesmente algo novo ou contemporâneo em oposição ao antigo ou tradicional. Essa confusão pode ser uma reminiscência das concepções dualistas que eram comuns nas décadas de 1950 e 1960, quando se debateu a modernização e a oposição entre valores tradicionais e modernos em muitos países da região.

O autor reitera que “a modernidade é uma espécie de mistificação desmistificadora das imensas possibilidades de transformação humana e social que o capitalismo foi capaz de criar, mas não é capaz de realizar” (Martins, 2011, p. 19). O termo “mistificação desmistificadora” sugere uma contradição ou ambiguidade constitutiva da modernidade: embora ela tenha trazido inúmeras oportunidades de mudança e progresso, ela também envolve uma forma de ilusão ou engano, e mesmo de dominação. Isso pode ser entendido como uma referência à *ambivalência* desse processo, ao mesmo tempo em que promove uma ideia de progresso e liberdade, também gera ilusões sobre a realização plena dessas ideias e contribui, portanto, para processos de dominação.

Martins exprime que,

[...] na América Latina, é uma modernidade constituída ao mesmo tempo por temporalidades que não são suas. A diversidade dos tempos históricos que se combinam nessa modernidade difícil, como observam Canclini e Schelling; incorpora a cultura popular que pouco ou nada tem de moderno; mas, insisto, incorpora também efetivas relações sociais datadas, vestígios de outras estruturas e situações que são ainda, no entanto, realidades e relações vivas e vitais. E que anunciam a historicidade do homem nesses desencontros de tempos, de ritmos e de possibilidades, nessas colagens (Martins, 2011, p. 20).

Através disso, inferimos que a modernidade na América Latina não segue um padrão linear ou uniforme, como pode ter ocorrido em regiões “europeias”. Em vez disso, é uma

modernidade que incorpora uma diversidade de tempos históricos e influências culturais que coexistem e se combinam, e que sofre as mudanças impressas por essas temporalidades e influências culturais e políticas. Essa modernidade latino-americana abriga diferentes épocas históricas que coexistem simultaneamente, por causa disso, ao mesmo tempo em que a região avança em direção aos elementos modernos, também mantém aspectos de seu passado histórico que não se alinham completamente com a ideia “europeia” de modernidade, criando uma complexa “tapeçaria” de temporalidades. Por isso, insistimos que *uma parte importante da modernidade na América Latina, que pode ser percebida em suas sub-regiões, é formada pela cultura e a política popular; que, em muitos casos, não reflete completamente os aspectos modernos importados. Essa cultura popular pode ser influenciada por tradições antigas e não modernas, mas ainda é uma parte vital da identidade cultural da região e é a partir dela que é promovido todo um movimento, muitas vezes político e de caráter identitário, em direção a apropriação de elementos da modernidade para os seus territórios.*

Desse modo, a modernidade em nossa região também incorpora relações sociais que têm raízes em estruturas históricas herdadas do passado. Embora a sociedade esteja passando por mudanças em direção à modernidade, ainda existem vestígios de estruturas sociais mais antigas que persistem e que são fortes. A coexistência de diferentes temporalidades e influências cria “desencontros de tempos e ritmos”, isso se refere ao fato de que diferentes aspectos da sociedade estão se movendo em ritmos diferentes em direção à modernidade, criando uma sensação de desequilíbrio e complexidade. A ideia de “colagens” sugere que essa modernidade é uma combinação de diferentes elementos, onde as partes não necessariamente se encaixam perfeitamente. Essas colagens representam a maneira de como esse processo é construído na região, por meio de diferentes práticas populares de apropriação do espaço que incorporam elementos diversos e muitas vezes contraditórios. Em síntese, dialogando com Martins (2011), é possível dizer que a modernidade na América Latina é uma realidade complexa, marcada pela coexistência de diferentes temporalidades, influências culturais e estruturas sociais. Essa mistura de elementos cria uma modernidade única na região, caracterizada por desencontros, colagens e uma diversidade de ritmos e possibilidades. Ela é abrangente, abarcando tanto aspectos modernos quanto elementos históricos e culturais mais antigos.

Por outro lado, levando em conta ainda as considerações feitas por Martins (2011, p. 29), “a modernidade (e não o moderno) é um fenômeno historicamente recente, marcado sobretudo pela diluição das identidades, como as identidades nacionais, pela composição heterogênea do cultural e do social”. Trata-se de uma questão que surgiu relativamente tarde na história da humanidade, ela não existia desde sempre, mas começou a se manifestar em um

período recente. Nessa leitura, uma das características centrais da modernidade é uma “diluição das identidades”, o que significa que as identidades individuais e coletivas se tornam mais complexas e menos essencializadas. Isso ocorreu, em parte, devido à globalização e à promoção da maior interconexão de culturas e sociedades. As identidades nacionais, por exemplo, tornaram-se menos rígidas à medida que as pessoas passaram a se identificar com múltiplas influências culturais.

Martins (2011) observa que;

a questão da modernidade no Brasil fica melhor compreendida quando investigamos o modo como o moderno e os signos da modernidade são incorporados pelo popular. Nessa mediação é que se pode observar as dificuldades da modernidade (Martins, 2011, p. 29).

Nesta ocasião, ele sugere que a compreensão da modernidade no Brasil está relacionada à forma como essa incorporação ocorre por meio de uma “mediação popular”, havendo um processo intermediário por meio do qual elementos modernos são apropriados, transmitidos e interpretados pela sociedade (nesse caso, questionamos, a construção de identidades étnico-territoriais não acaba por exercer esse papel de mediação?). Essa mediação pode ser complexa e enfrentar desafios. Em relação às “dificuldades da modernidade” mencionadas pelo autor, referem-se às barreiras, conflitos ou resistências que podem surgir quando a sociedade brasileira tenta assimilar e adaptar as características modernas, podendo envolver conflitos de valores, desafios de adaptação cultural ou resistência a mudanças em áreas específicas da vida social.

Desse modo, a modernidade está marcada por uma composição heterogênea em função da ação do cultural e do social de bases “populares”, sobretudo. Em vista disso, as culturas e sociedades modernas são formadas por uma diversidade de elementos culturais, sociais e étnicos. A interação e hibridização desses elementos encontram-se para gerar a complexidade e pluralidade das identidades modernas. A modernidade representa uma mudança fundamental na forma de como as sociedades e as pessoas se veem e se relacionam, inclusive com o território que constroem, resultando em identidades mais fluidas, diversificadas.

2.2 A modernização vista a partir de seus elementos.

No âmbito da Geografia brasileira, uma outra perspectiva sobre esse tema nos é fornecida por Paulo Cesar da Costa Gomes no livro “Geografia e Modernidade”. Nesta obra, a discussão sobre modernidade é abordada a partir da perspectiva da história do pensamento geográfico. Gomes (2011) aborda como a modernidade se relaciona com os saberes geográficos, examinando como os geógrafos e a geografia como disciplina responderam a essas

mudanças ao longo do tempo, desenvolvendo novas teorias, métodos e abordagens para compreender e explicar as transformações que ocorriam no mundo, como essa ciência se moldou e se adaptou ao longo do tempo, destacando um processo dinâmico de reestruturação desses conhecimentos.

No cerne da discussão de Gomes (2011) está a ideia de que a modernidade não é um processo unidirecional de substituição dos saberes geográficos tradicionais, mas sim uma interação complexa em que alguns conhecimentos são descartados, enquanto outros são incorporados e adaptados às demandas da sociedade moderna. Isso revela como a geografia como ciência é uma área dinâmica que evolui em resposta às mudanças na sociedade e na forma como vemos o mundo. Ele também observa que:

A modernidade, frequentemente apresentada como um período totalmente dominado pela racionalidade, constrói sua identidade muito mais sob a forma de um duplo caráter: de um lado, o território da razão, das instituições do saber metódico e normativo; do outro, diversas “contracorrentes”, contestando o poder da razão os modelos e métodos da ciência institucionalizada e o espírito científico universalizante (Gomes, 2011, p. 27).

O autor nos mostra que a modernidade é frequentemente vista como um período histórico em que a racionalidade baseada na razão desempenha um papel dominante, e nesse sentido, a ênfase é colocada na razão como a principal força motriz por trás das mudanças sociais, culturais, políticas e científicas que ocorreram durante esse período, e o principal critério para avaliá-las e classificá-las como modernas. Mas a modernidade não pode ser reduzida apenas a uma era de racionalidade. Em vez disso, ela pode ser descrita como tendo um “duplo caráter”, levando a entender que é composta por duas facetas distintas, que coexistem e interagem entre si. Um aspecto dessa sua característica é representado pelo “território da razão” e pelas “instituições do saber metódico e normativo”, referindo-se à ênfase na racionalidade, na criação de instituições baseadas na lógica e na aplicação de métodos sistemáticos e normas para entender e governar o mundo, o que inclui o desenvolvimento da ciência, da burocracia, da educação formal, entre outros. Por outro lado, a modernidade também é caracterizada por “contracorrentes”, essas contracorrentes representam movimentos, ideias e grupos que desafiam ou contestam o poder da razão e a capacidade dos modelos e métodos da ciência institucionalizada, incluindo movimentos religiosos, filosofias críticas, movimentos políticos alternativos e outras formas de contestação à racionalidade dominante.

A noção de modernidade associada à razão é também a de sua associação ao “espírito científico universalizante”, logo a busca pela verdade e pelo conhecimento é vista como uma busca que transcende fronteiras geográficas e culturais. A ciência moderna é, assim, definida

por uma abordagem universal, que procura compreender o mundo de maneira objetiva e geral. Assim, para Gomes,

[...] a modernidade epistemológica do ponto de vista das ciências humanas, segundo Foucault, é portanto composta de três modelos, que seguem as três “positividades” da modernidade: a vida, o trabalho e linguagem, que formam juntas o discurso científico da modernidade (Gomes, 2011, p. 42).

Esses modelos passam a representar as principais áreas de investigação e análise nas ciências humanas e tornam-se fundamentais para entender como o conhecimento evolui nesse contexto. Essas “positividades” são áreas-chaves de interesse e foco para as ciências humanas na modernidade, elas representam as dimensões fundamentais da experiência que foram objeto de investigação e análise. Esses três modelos juntos compõem o que o autor descreve como o “discurso científico da modernidade” e, em razão disso, a modernidade na epistemologia das ciências humanas é descrita por um conjunto de conhecimentos e teorias que emergiram nas áreas da vida, do trabalho e da linguagem. Esses campos representam os principais pilares do conhecimento científico nas ciências humanas durante o período moderno europeu.

Apoiando-se em Jean Baudrillard, Gomes chama atenção para a questão de que a modernidade não é

[...] nem um conceito sociológico, nem um conceito político, nem propriamente um conceito histórico; é um modo de civilização característico, que se opõe ao modo da tradição, ou seja, a todas as outras culturas anteriores ou tradicionais (Baudrillard *apud* Gomes, 2011, p. 50-51).

Para essa perspectiva, a modernidade transcende, opõe-se e “supera” as categorias “tradicionais”, e deve ser compreendida como uma categoria por si só, “universal”, que abrange uma variedade de aspectos da vida, da cultura e da civilização. Nessa direção, ela é descrita como um “modo de civilização característico”, a modernidade é um tipo particular de civilização que se distingue por suas características únicas e distintas. Também é acentuado que ela se opõe ao modo da tradição, pois, a modernidade representa uma quebra com as culturas e civilizações anteriores, que são tradicionais. A modernidade é vista, assim, como *uma ruptura* com os valores, práticas e estruturas sociais que caracterizam as sociedades pré-modernas. Para entender a modernidade desse ponto de vista, é necessário considerar as características específicas que a definem como avanços tecnológicos, mudanças nas estruturas sociais, uma ênfase na individualidade e na racionalidade, suas potencialidades de emancipação, entre outros traços que são frequentemente associados à essa condição moderna.

Além de Baudrillard, Gomes (2011) se apoia também na concepção de Jürgen Habermas, sobre a origem da modernidade, que segundo Habermas, é bem mais precisa no

plano histórico. Ele constata que no séc. V o termo ‘moderno’ era utilizado para diferenciar a nova ordem cristã do passado pagão. Desde então, a noção de moderno é sempre retomada para indicar uma substituição:

Através de conteúdos mutantes, o conceito de ‘modernidade’ traduz sempre a consciência de uma época que se situa em relação ao passado da Antiguidade para se compreender, ela mesma como o resultado de uma passagem do antigo para o moderno. Este não é apenas o caso do Renascimento, que marca *para nós* o início dos tempos modernos. ‘Moderno’ pensava-se também sê-lo no tempo de Carlos Magno, no séc. XII, e na época das Luzes – isto é, a cada vez que uma relação renovada com a Antiguidade fez nascer na Europa a consciência de uma época nova (Habermas, 1981 *apud* Gomes, 2011, p. 51).

Nesse trecho, Habermas argumenta que o conceito de “modernidade” está ligado à consciência de uma determinada época sobre si mesma (caráter autorreflexivo), as pessoas percebem e definem seu tempo como a modernidade com base na forma como se relacionam com o passado e o presente em um lado momento histórico. No caso da Europa, a modernidade foi definida em relação ao passado da antiguidade, as pessoas ficaram “modernas” quando sentiram que estavam passando por uma mudança significativa em relação ao passado antigo.

Por fim, apresentamos a contribuição do geógrafo Rogério Haesbaert. É em “Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste” que Haesbaert apresenta um rápido debate sobre os conceitos de modernidade e modernização. Para este autor, a modernização possui dois sentidos:

[...] um envolvido no caráter conservador e/ou autoritário do capitalismo, outro de natureza progressista ou mesmo revolucionária, na medida em que as mudanças sociais desencadeadas pela modernização poderiam levar a uma sociedade mais democrática e igualitária. Uma das razões que explica a contradição dessas diferentes leituras é a ênfase geralmente dada à face *técnico-econômica da modernização*, em que os avanços tecnológicos poderiam ser úteis a toda a humanidade, dependendo da sua forma de apropriação e socialização. Outra razão, prende-se ao fato de que a “modernidade” é tida muitas vezes como intrinsecamente ambivalente, crítica e heterogênea (Haesbaert, 1997, p. 105, grifo nosso).

Há um sentido instrumental contido nessa concepção de modernização, pois ela é vista como um processo liderado pelo capitalismo e possui características conservadoras ou autoritárias, as mudanças sociais e econômicas associadas à modernização podem ser usadas para manter ou fortalecer o poder das elites e a desigualdade social. Assim, a modernização pode ser usada como uma ferramenta nas mãos daqueles que desejam preservar estruturas de poder e dominação existentes e controlar a sociedade em benefício próprio. Entretanto, enquanto processo, ela também pode ser vista em um sentido progressista ou até mesmo revolucionário, aqui as mudanças sociais associadas à modernização têm o potencial de criar uma sociedade mais democrática e igualitária, pois as transformações trazidas pela

modernização podem abrir espaço para a participação pública, a igualdade de oportunidades e a melhoria das condições de vida para amplas camadas da população que se encontram em condições de exclusão e precarização.

O autor aponta que a contradição entre essas diferentes interpretações da modernização pode ser explicada por dois fatores principais. Por um lado, a ênfase na face técnico-econômica da modernização, em que ela é vista, muitas vezes e de forma predominante, como avanço tecnológico e econômico. Desse modo, a forma como esses avanços são socializados determinará se eles beneficiarão ou prejudicarão a humanidade em geral. Por outro lado, a interpretação da modernização pode variar dependendo de como esses avanços são utilizados, isto é, do *uso* que dela é feito. Por isso, devemos considerar como um processo ambivalente, crítico e heterogêneo, a modernidade é intrinsecamente ambivalente e heterogênea, não há uma definição única ou caminho claro para esse processo. Além disto, a modernidade pode ser vista como uma condição complexa que envolve diferentes forças, tendências e perspectivas. Como resultado, a interpretação da modernização pode variar dependendo dos diferentes usos, visões e abordagens para lidar com as mudanças sociais, econômicas e culturais associadas a ela, e dos contextos nos quais ela se faz presente.

Haesbaert questiona também a perspectiva da modernização como desenraizamento. Para isso, dialoga também com a concepção de Baudrillard para quem “a modernização seria marcada pelo desenraizamento e o constante surgimento de novos objetos e tecnologias” (Baudrillard, 1989 *apud* Haesbaert, 1997 p. 106). A partir da perspectiva, é sugerido que a modernização é um processo que leva ao desenraizamento das pessoas, à medida que a sociedade moderna avança, as pessoas ficam cada vez mais desconectadas de suas raízes culturais, históricas e tradicionais. O desenraizamento pode ocorrer devido a uma série de fatores, incluindo a rápida urbanização, a migração de áreas rurais para urbanas, a globalização e a crescente influência da tecnologia e da cultura de massa em diferentes regiões. Tudo isso pode contribuir para a sensação de que as pessoas estão perdendo suas conexões com as tradições e em relação às antigas identidades culturais. Ainda nessa perspectiva, considera-se que a modernização está intrinsecamente ligada à constante criação e introdução de novos objetos e tecnologias na sociedade, a modernização é descrita por um ciclo de inovação contínuo. Esses novos objetos e tecnologias podem incluir produtos de consumo, dispositivos eletrônicos, sistemas de comunicação avançados, entre outros. Eles muitas vezes têm a capacidade de transformar a vida cotidiana das pessoas e alterar as relações sociais e culturais.

Essa ideia aparece novamente no livro “Territórios Alternativos”, em que o autor observa que “a modernidade pode ser vista como um período em que se estabelece esse

movimento permanente de rápidas substituições e interações do antigo com o novo” (Haesbaert, 2006, p. 80). Durante a modernidade não há estabilidade ou estagnação, pelo contrário, há um movimento intenso de mudanças constantes. As coisas estão em constante evolução.

É claro que o autor não descarta que, sob as rápidas substituições que resultam desse processo, elementos antigos são frequentemente substituídos por elementos novos de maneira rápida e contínua, podendo haver mudanças na tecnologia, na cultura, na moda etc. Entretanto, na prática, as interações entre o antigo e o novo sugerem que, em vez de uma substituição completa, muitas vezes ocorre uma mistura ou fusão entre esses elementos. Isso pode ser observado em diversas áreas, como na arquitetura moderna que incorpora elementos tradicionais, na música que mistura estilos antigos e contemporâneos, ou mesmo na sociedade onde valores antigos ainda desempenham um papel junto às novas ideias. Além do mais, Haesbaert (2006) fala sobre os binômios da modernidade (ordem/caos e mudança/permanência). Sobre as mudanças e permanências o autor diz que,

De certa forma a modernidade é um tempo de conflitos entre o “moderno” e o “tradicional”, mas também entre as visões do novo e a imprevisibilidade das transformações, entre as versões proclamadas das mudanças e os processos efetivamente vividos. Compreende assim uma com-vivência – a vivência conjunta de múltiplas intensidades entre conflitos e transformações, resistências e ambiguidades, desordem e organização, compondo uma atmosfera com a qual podemos nos confrontar em diversas escalas e contextos espaciais (Haesbaert, 2006, p. 80).

Os conflitos entre o “moderno” e o “tradicional” se referem às tensões que surgem quando os valores, ideias e as práticas modernas entram em choque com as tradições e os valores mais antigos, e mesmo com práticas de apropriação do espaço classificadas como não-modernas. Na modernidade, há uma luta contínua entre o desejo de impor novas formas de pensar e agir, a luta para se apropriar de parte dos elementos da modernidade e a resistência à mudança por parte daqueles que se apegam às tradições, a uma ideia estática de suas tradições. As visões do novo e a imprevisibilidade das transformações expõem como as pessoas têm diferentes perspectivas sobre o que é “novo” na modernidade e como as transformações podem ser imprevisíveis, nem todos veem as mesmas mudanças como progresso, e as consequências das transformações muitas vezes são incertas.

O autor salienta que a modernidade é uma experiência complexa que envolve múltiplos níveis de intensidade, as pessoas vivem simultaneamente conflitos e transformações, resistências e ambiguidades, desordem e organização. A modernidade não pode ser facilmente simplificada, pois é uma interação dinâmica de diferentes forças e elementos. Esses conflitos e transformações ocorrem em várias escalas e contextos geográficos, o que a define a

modernidade como uma experiência não uniforme; ela varia dependendo do local, da cultura e do contexto em que ocorre.

Sobre o binômio ordem/caos, Haesbaert, apoiado em Marshall Berman (1978), explica-nos que:

Para Berman (1987), a característica fundamental desse período é a contínua mudança, o movimento ininterrupto de transformação, em que a velocidade e o ritmo são avassaladores, colocando o homem moderno frente a um turbilhão destruidor/construtor que o conduz a uma condição de perplexidade diante de um mundo inconsistente em permanente mutação. Esta avalanche tem como motor propulsor a luta e consolidação da hegemonia burguesa, que se apresentou como a destruidora de todos os valores e representatividades do mundo pré-moderno e que se mantém hegemônica sob a condição de promover contínuas transformações (inclusive dentro de seus próprios segmentos) (Haesbaert, 2006, p. 80-81).

O autor complementa dizendo que “estes novos deuses, em sua conquista ‘racional’ do mundo, não só transformaram a ordem em caos, como são obrigados a renová-lo (o caos) a cada momento em que se lhes ameaça a ordem” (Haesbaert, 2006, p. 80). Na apropriação que Haesbaert (2006) faz da concepção de Berman, a modernidade é caracterizada por mudanças incessantes, a sociedade moderna está em constante evolução, e essas mudanças acontecem em um ritmo vertiginoso, as pessoas estão constantemente se adaptando a novas realidades e ideias, o que pode ser desafiador e confuso. Ela é descrita como um período em que as mudanças ocorrem em uma velocidade e ritmo avassaladores, isso pode criar uma sensação de desorientação e sobrecarga, à medida que as pessoas tentam acompanhar as transformações em curso. Assim, para Haesbaert (2006), a modernidade, como é um turbilhão, tanto destrutivo quanto construtivo, derrotou os valores e representações do mundo pré-moderno, desmantelando as estruturas tradicionais, mas ao mesmo tempo construiu novas formas de organização e pensamento, é um período de destruição criativa. A modernidade é impulsionada pela luta e consolidação da hegemonia burguesa que, associada ao capitalismo emergente, desempenha um papel central na condução dessas mudanças e na promoção de transformações contínuas. Eles são vistos como destruidores dos valores do mundo pré-moderno, mas também como os promotores da constante reinvenção da ordem.

Concordamos com Haesbaert, para quem ordem e caos, mudanças e permanências são os binômios que parecem definir a natureza da modernidade, por isso são centrais para entender a complexidade desse período ou condição.

A sociedade moderna é caracterizada por um (des)equilíbrio constante entre a busca pela ordem e a emergência do caos, bem como entre a busca pela mudança e persistência de elementos tradicionais. Essas relações e as interações entre esses pares de conceitos auxiliam na compreensão da modernidade como um momento histórico de grande turbulência e

transformação. A modernização, por outro lado, é um processo contínuo de transformação social e econômica que pode ocorrer em qualquer época e lugar. Que até os dias de hoje nunca cobriu os territórios em sua totalidade, pois resulta de uma dinâmica de apropriação, tornando-se uma busca para adotar seletivamente características associadas à modernidade. Por isso, envolve a adoção de tecnologias avançadas, mudanças nas estruturas sociais, políticas e econômicas, bem como a secularização e a urbanização, para se tornar mais semelhante às sociedades consideradas “modernas” e, no entanto, não consegue homogeneizar tudo. A modernização não está limitada a um período histórico específico e pode acontecer em sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento. Deste modo, para diferentes contextos, a modernidade é um período histórico específico que trouxe uma série de mudanças profundas para suas sociedades, enquanto a modernização é um processo contínuo de transformação social e suas características decorrem das formas de apropriação de elementos associados à modernidade, como tecnologia avançada, urbanização e secularização. A modernidade é o resultado das mudanças da modernização, mas não se limita a ela.

2.3 Os processos de modernização na sub-região do Baixo Tocantins e o quilombo de Umarizal em Baião-PA.

Para compreender a história do processo de modernização do território e sua relação com o quilombo de Umarizal, no município de Baião-PA, é essencial analisar as mudanças sociais, econômicas e culturais que ocorreram ao longo do tempo e no espaço. Através de um rápido mergulho nesse processo, podemos traçar resumidamente um panorama geral e identificar períodos-chave das transformações que pavimentaram o caminho para os desafios e oportunidades que a modernização trouxe para essa realidade.

Neste contexto, passamos a explorar agora os principais marcos, eventos e fatores que produziram e moldaram a sub-região do Baixo Tocantins – que, logicamente, foram colocados também para o quilombo de Umarizal –, responsáveis por torná-la um espaço de transformações importantes, destacando fragmentariamente os eventos e as políticas públicas que influenciaram sua evolução ao longo dos anos.

2.3.1 O Baixo Tocantins numa rápida caracterização.

A sub-região do Baixo Tocantins corresponde a uma área geográfica localizada no nordeste paraense, ao longo das margens inferiores do rio Tocantins. É uma região marcada

pela presença desse importante rio que desempenha um papel significativo na geografia, economia e ecologia regionais. É conhecida também por sua rica biodiversidade, recursos naturais e sua importância tanto para a pesca como para a agricultura.

Esse espaço regional inclui diversos municípios que se beneficiam das águas do rio Tocantins, os quais, muitas vezes, dependem economicamente das atividades relacionadas à pesca, agricultura, comércio e outros setores que estão ligados aos recursos naturais da região (ver Mapa 2).

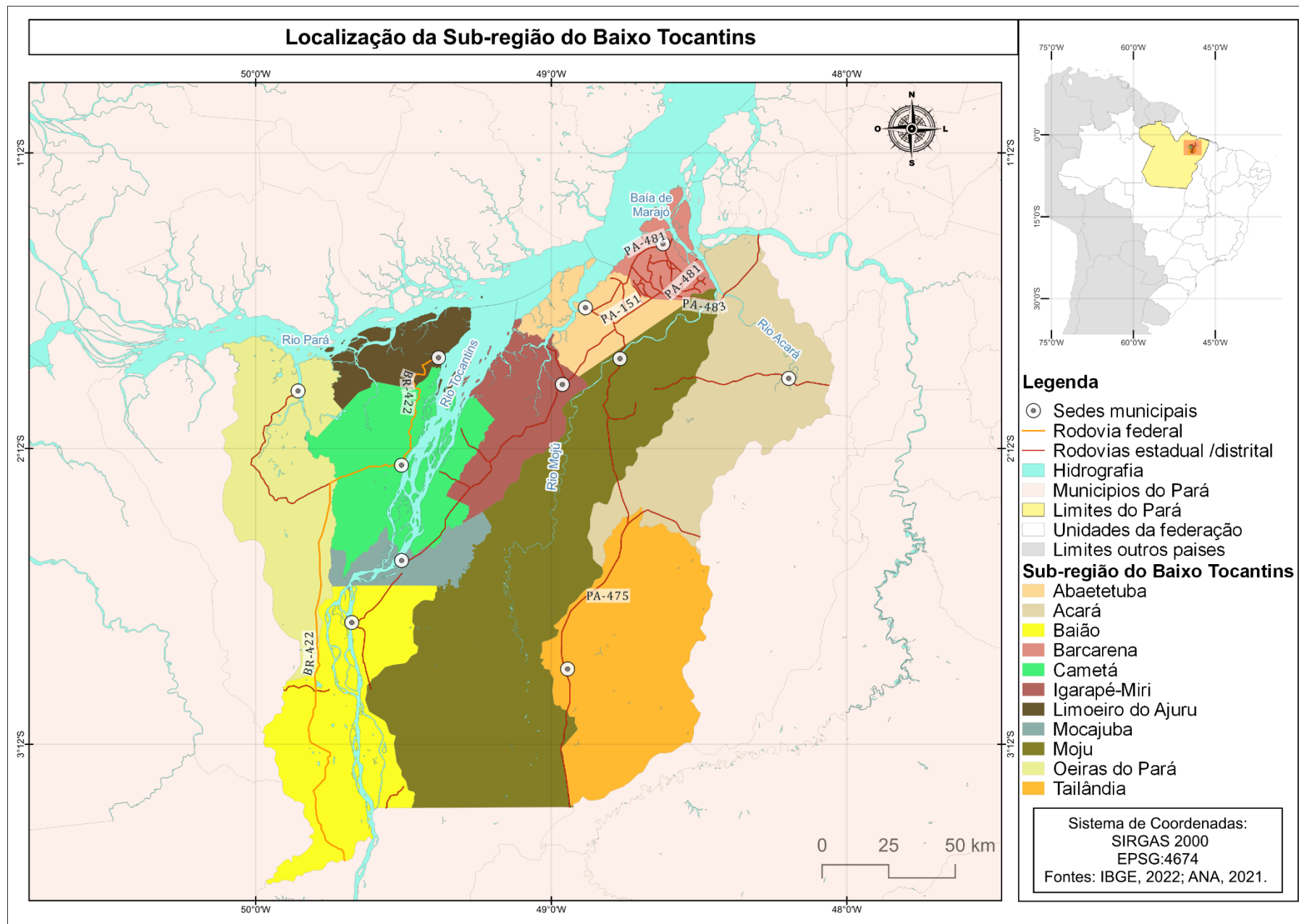
Além disso, as comunidades tradicionais nessa região, assim como em outros espaços da Amazônia, desempenham um papel crucial na interação com o meio ambiente, na preservação da biodiversidade e na manutenção de práticas culturais ancestrais. Frequentemente são dependentes dos recursos naturais locais para subsistência, incluindo o rio, para atividades como pesca; e a terra e as florestas, para a prática da agricultura de subsistência, a coleta de frutas e plantas medicinais, entre outras.

Na verdade, muitas comunidades tradicionais dependem diretamente desses recursos. Suas economias estão frequentemente entrelaçadas disponibilidade e sustentabilidade desses recursos.⁶

Por conta disso, possuem um vasto conhecimento sobre a flora, fauna e os ecossistemas que se estendem até o local, esse conhecimento, transmitido de geração em geração, desempenha um papel crucial na preservação ambiental e nas práticas de utilização sustentável dos recursos. Mesmo assim, a interação entre as comunidades tradicionais e o meio ambiente está sujeita às pressões das políticas de desenvolvimento, como a construção de represas, projetos de mineração e expansão agrícola, isto é, à modernização e seus elementos. Como veremos no Capítulo III, esses projetos podem ter impactos significativos nas comunidades tradicionais, afetando seus modos de vida e o equilíbrio ambiental e a forma de como constroem suas identidades étnico-territoriais.

⁶ Como essa informação excede nossos objetivos, à título de ilustração, destacamos as comunidades de Igarapé Preto, Baixinha, Araquembáua, Itaperuçu, Varginha, Pampelônia, Campelo, França, Cupu, Igarapezinho, Teófilo, Carará, Bailique Centro, Bailique Beira, Umarizal Beira, Umarizal Centro, São Bernardo, Poção, Florestão, entre outros, como foi possível constatar durante a realização do Trabalho de Campo em Umarizal, no ano de 2022.

Mapa 2: Localização da Sub-região do Baixo Tocantins



Assim, é incontestável que as comunidades tradicionais na sub-região do Baixo Tocantins desempenham um papel fundamental quanto à preservação das tradições culturais, línguas, práticas espirituais e modos de vida. A manutenção desses elementos está muitas vezes vinculada à relação harmoniosa com o ambiente natural do entorno. O reconhecimento e a proteção dos direitos territoriais das comunidades tradicionais são fundamentais para garantir que elas possam continuar a viver de maneira sustentável em suas terras ancestrais. Isso inclui o respeito aos seus territórios, a participação nas decisões que afetam suas comunidades e o apoio à preservação de suas práticas culturais, de modo que o envolvimento dessas comunidades nas discussões sobre o uso sustentável dos recursos e a preservação ambiental é crucial para garantir um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e conservação. Finalmente, é importante destacar que se trata de dinâmicas territoriais complexas e podem variar em diferentes contextos.

2.3.2 A construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí.

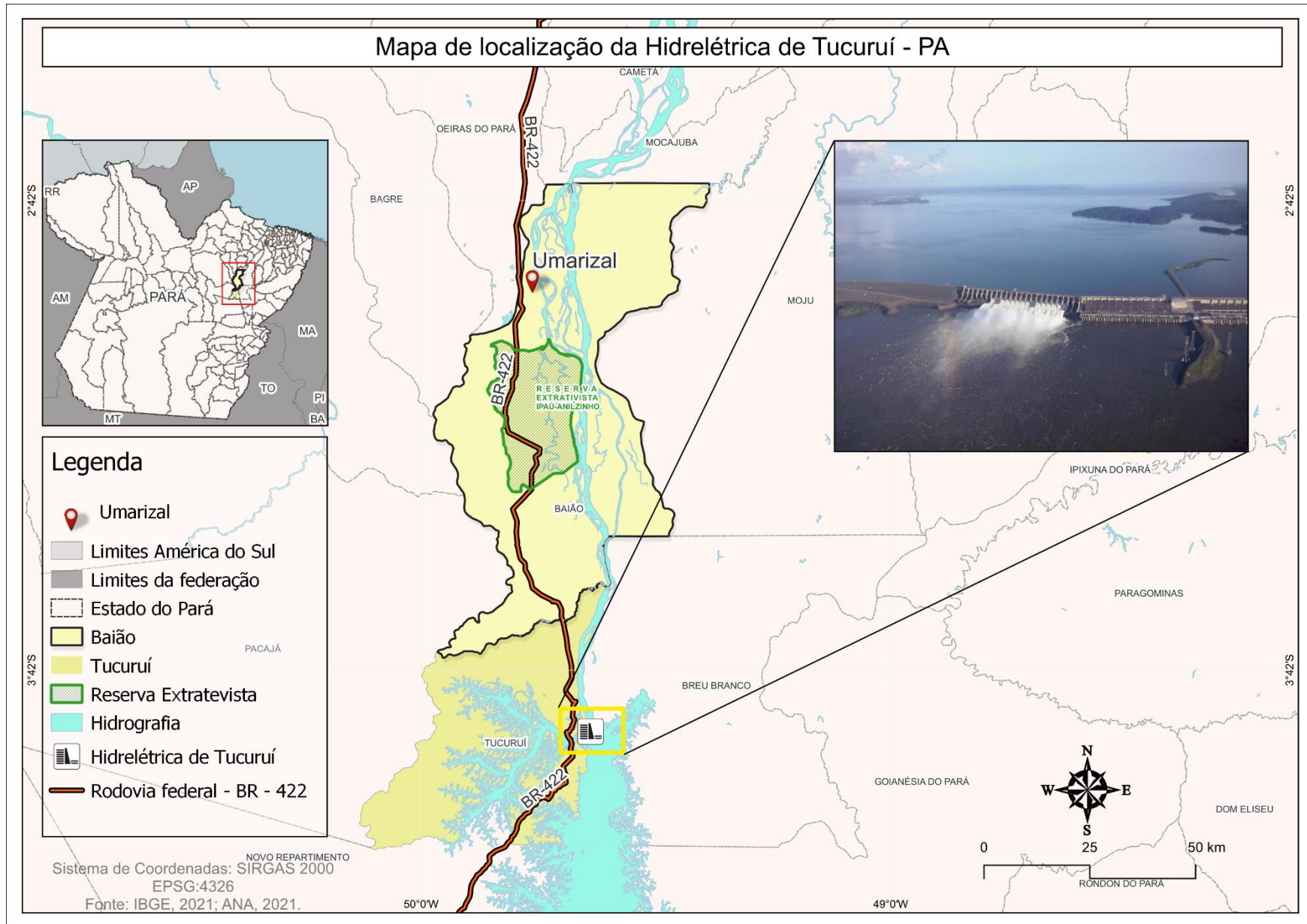
O projeto de construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí foi criado no período de governo dos militares, durante a ditadura militar (1964-1985). Uma das metas desse governo foi a de integrar, controlar e dominar a Amazônia, introduzindo esta região nos planos e planejamento do desenvolvimento do país – principalmente aqueles de caráter econômico (ver Mapa 3).

A UHE Tucuruí foi construída na bacia do rio Tocantins e está entre as maiores barragens do Brasil e do mundo. Sua construção teve o início exatamente no dia 21 de novembro de 1974 e entrou em operação em 22 de novembro de 1984, tornando-se a primeira usina hidrelétrica 100% brasileira com maior potência instalada (atualmente esse título pertence a UHE de Belo Monte) (Memória da Eletricidade, 2023).

Das obras anteriormente citadas, essa foi a que mais trouxe impactos negativos para a comunidade quilombola de Umarizal. Segundo a autora Benedita Celeste de Moraes Pinto, em seu livro “Nas Veredas da Sobrevivência: Memória, gêneros e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos”,

[...] para os habitantes deste povoado, as inundações causadas pela construção da Hidrelétrica de Tucuruí, em 1984, fizeram piorar muito a qualidade d'água do rio Tocantins, cuja poluição causou um aumento considerável de doenças intestinais, além de afugentar peixes e mariscos do Tocantins (Pinto, 2004, p. 86).

Mapa 3: Localização da hidrelétrica de Tucuruí-PA



No trecho anterior, Pinto (2004) destaca os impactos ambientais e de saúde causados pela construção da Hidrelétrica de Tucuruí na vida dos habitantes da comunidade de Umarizal, como as inundações resultantes da construção da Hidrelétrica de Tucuruí que, em 1984, tiveram impactos significativos na qualidade da água do rio Tocantins, tendo como consequência o aumento considerável da poluição da água, resultando em graves problemas de saúde para os habitantes do quilombo. Este processo está associado a um considerável aumento de doenças intestinais na comunidade. Além disso, a construção da hidrelétrica teve o efeito negativo de afugentar peixes e mariscos da região, afetando a fauna aquática local e, por extensão, as atividades de pesca e a segurança alimentar da comunidade.

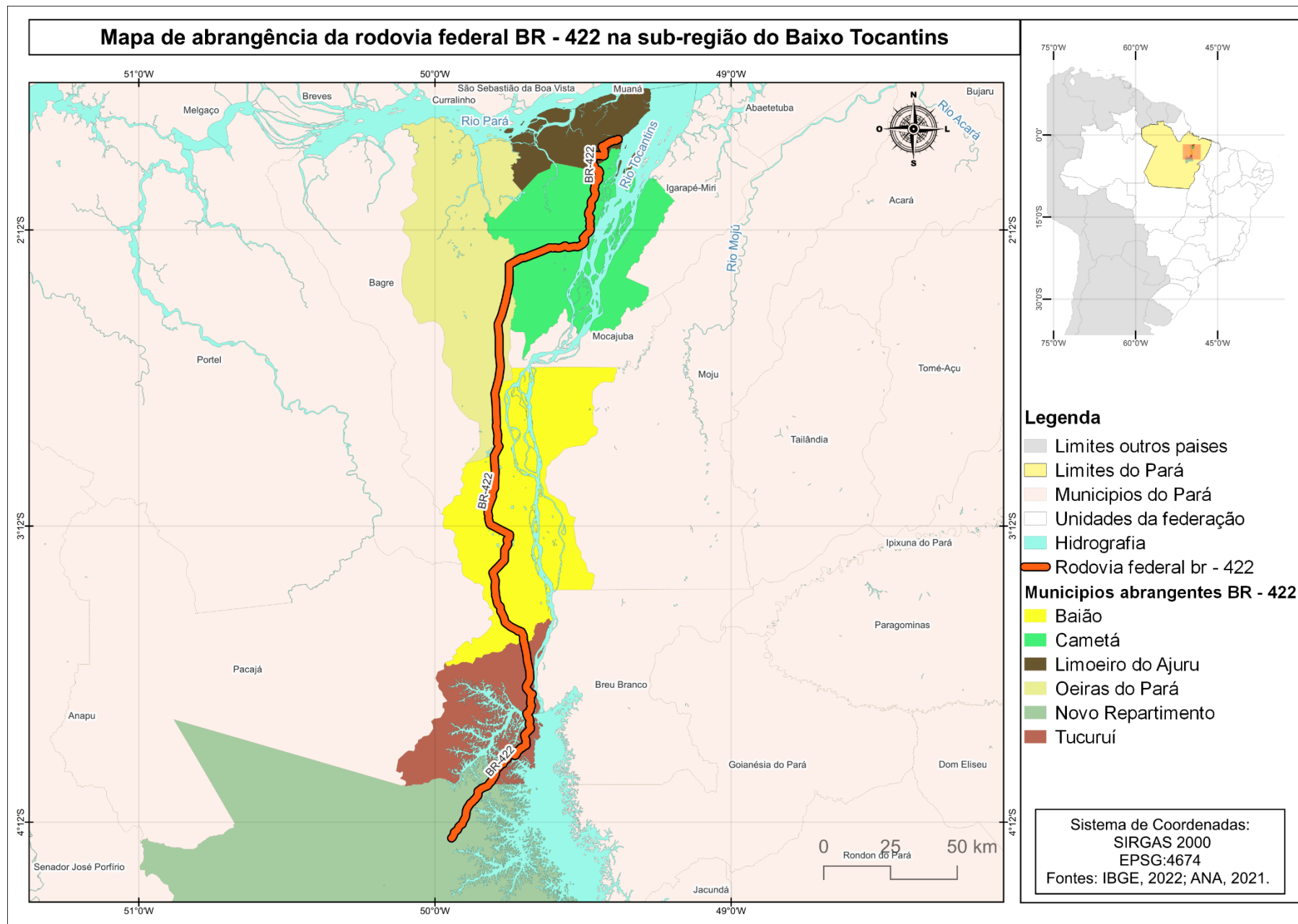
Com base no livro de Pinto (2004) e nas entrevistas realizadas nos trabalhos de campo nos meses de setembro de 2022 e maio de 2023, notamos que a relação entre a UHE Tucuruí e o quilombo de Umarizal envolveu impactos socioambientais significativos, pois a construção da usina resultou na formação de um grande reservatório, afetando áreas circunvizinhas e, conseqüentemente, comunidades locais, incluindo o quilombo de Umarizal, historicamente dependente da pesca, da agricultura e da coleta de produtos da floresta, viram seus modos de vida tradicionais ameaçados devido à inundação de terras e às mudanças ambientais resultantes da construção da barragem.

2.3.3 A abertura da BR-422

A BR-422, por sua vez, como as demais rodovias, é um outro elemento da modernidade imposto à Amazônia e que foi importante para a história de formação do quilombo de Umarizal.

É uma rodovia de ligação, e possui à extensão de 367 km. Sua construção foi iniciada no ano de 1982 e concluída em 1985, com início no entroncamento com a BR 230 (Rodovia Transamazônica), no município de Novo Repartimento; passa pelo município de Tucuruí; pela terra indígena *Trocará*, que tem sua área localizada nos municípios de Tucuruí e Baião; pela Unidade de Conservação e Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho; e várias outras comunidades pertencentes à Baião. A rodovia também passa pelo município de Cametá, estendendo-se até Limoeiro do Ajuru. Antes da alteração causada pela lei Federal nº 10.789, de 28 de novembro de 2003, que transformou a rodovia em federal, esta rodovia era estadual, a PA 156 (Fontana, 2011).

Mapa 4: Abrangência e extensão da rodovia federal BR-422



A construção da rodovia trouxe benefícios positivos para o quilombo de Umarizal, facilitando o acesso a serviços públicos como saúde – principalmente por facilitar o acesso às cidades de Tucuruí e Cametá, onde esses serviços possuem uma qualidade melhor –, educação, em especial pelo acesso ao Sistema Modular de Ensino (SOME) para os moradores das cidades vizinhas, no caso os estudantes do SOME – lembrando que os professores que atuam nesse sistema vêm de outras cidades, então a abertura da rodovia veio facilitar as suas idas para o quilombo – e, por fim, o transporte, que anteriormente eram limitados, devido à falta de infraestrutura no Baixo Tocantins. Além disso, a abertura da rodovia gerou oportunidades de emprego para os moradores da comunidade de Umarizal, especificamente em empresas relacionadas à construção e manutenção da rodovia, além de ter melhorado o transporte de produtos agrícolas e artesanais, como a farinha de mandioca, que é distribuída e comercializada nas cidades de Cametá e Tucuruí, principalmente.

2.3.4 O Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica (“Luz Para Todos”)

Outra grande mudança que afetou o quilombo de Umarizal, de forma positiva, foi a implementação do processo de universalização de energia elétrica pelo Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica “Luz para Todos”, iniciado no ano de 2003.

O processo de Universalização teve seu início marcado com a edição do Decreto nº 4.873, de 11 de novembro de 2003, que instituiu o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica “Luz para Todos”. Esse programa foi concebido como instrumento de desenvolvimento e inclusão social, pois, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano 2000 existiam dois milhões de domicílios rurais não atendidos pela prestação dos serviços de energia elétrica (Ministério de Minas e Energia, 2003).

Nesse contexto, a vila de Umarizal foi beneficiada pelo programa no ano de 2006. Sua implementação teve um impacto muito positivo na comunidade, permitindo o acesso mais regular à energia elétrica, a produtos eletroeletrônicos e eletrodomésticos, às tecnologias modernas, o que melhorou consideravelmente a qualidade de vida dos moradores e fortalecendo a identidade cultural.

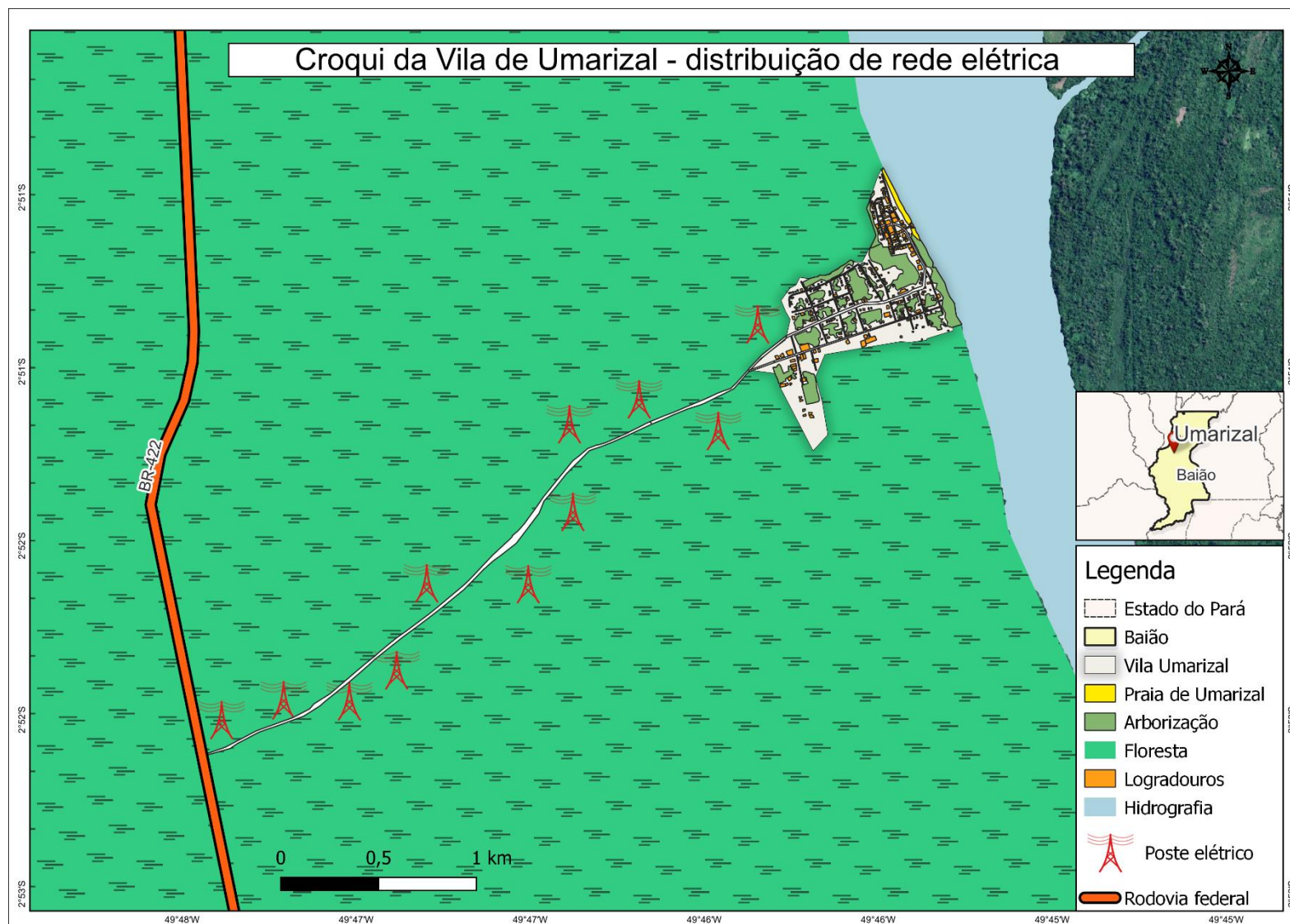


Figura 4: Croqui mostrando a distribuição da rede de energia elétrica que atende ao quilombo de Umarizal, Baião-PA.

Com efeito, o acesso à energia elétrica foi fundamental para acelerar o desenvolvimento do quilombo e permitiu a realização de diversas atividades que antes não eram possíveis. Por exemplo, antes do “Luz para Todos”, Umarizal dependia de geradores a diesel ou querosene, que eram caros e poluentes, e de alguns painéis solares, que em determinados momentos eram usados para iluminar a escola, o posto de saúde da comunidade, e recarregar baterias, principalmente aquelas usadas pelos barqueiros. Os painéis também permitiam a geração de energia limpa e renovável e isso foi especialmente importante para a comunidade de Umarizal, que tem uma forte conexão com a natureza e busca preservar o meio ambiente. Contudo, com a chegada da eletricidade, o quilombo passou a usufruir de eletrodomésticos, como geladeiras e máquinas de lavar roupa, o que facilitou o cotidiano das famílias e melhorou a qualidade de vida dos moradores. A comunidade também começou a ter acesso à televisão e *internet*, o que permitiu uma maior conexão com o mundo e com outras comunidades quilombolas. Essa conexão ajudou a fortalecer a identidade étnico-territorial de Umarizal e permitiu a troca de experiências e conhecimentos, bem como a difusão de práticas culturais e festividades para outros quilombos em todo o país.

2.3.5 A implantação da rede de internet.

Finalmente, o último elemento da modernidade que merece destaque na comunidade de Umarizal é a chegada da rede de internet, que só foi possível de ser instalada alguns anos após a consolidação da rede de energia elétrica, no ano de 2010 através da empresa A&D Informática – atualmente Conect A&D (Trabalho de Campo, 2023).

Durante a realização do trabalho de campo no quilombo de Umarizal, nos meses de novembro do ano de 2022 e maio de 2023, foi possível constatar que a infraestrutura de telecomunicações especificamente na área de telefonia móvel, embora existente, ainda é bastante limitada, pois, de um lado, só algumas casas possuem telefonia fixa e o uso dos telefones públicos chamados “orelhões⁷” está extinto há mais de uma década, de outro lado, o acesso às redes móveis é bastante difícil, o que se destaca nesse contexto é o acesso através de antenas para celular rural e telefones rurais.

⁷ O “orelhão” é um termo coloquial utilizado no Brasil para se referir aos telefones públicos de grande porte que possuem uma estrutura bem distinta, na forma de grandes orelhas. Esses telefones, oficialmente conhecidos como orelhões, eram instalados em locais públicos, proporcionando uma opção de comunicação para pessoas que não possuíam telefone móvel ou necessitavam fazer chamadas em espaços de grande circulação. Apesar de terem sido uma parte importante da infraestrutura de telecomunicações, a popularidade dos orelhões tem diminuído com o advento dos dispositivos móveis. Esta síntese foi feita através de conversas informais que mantive com minha mãe e tias, que acompanham a instalação dos “orelhões” na comunidade de Umarizal.

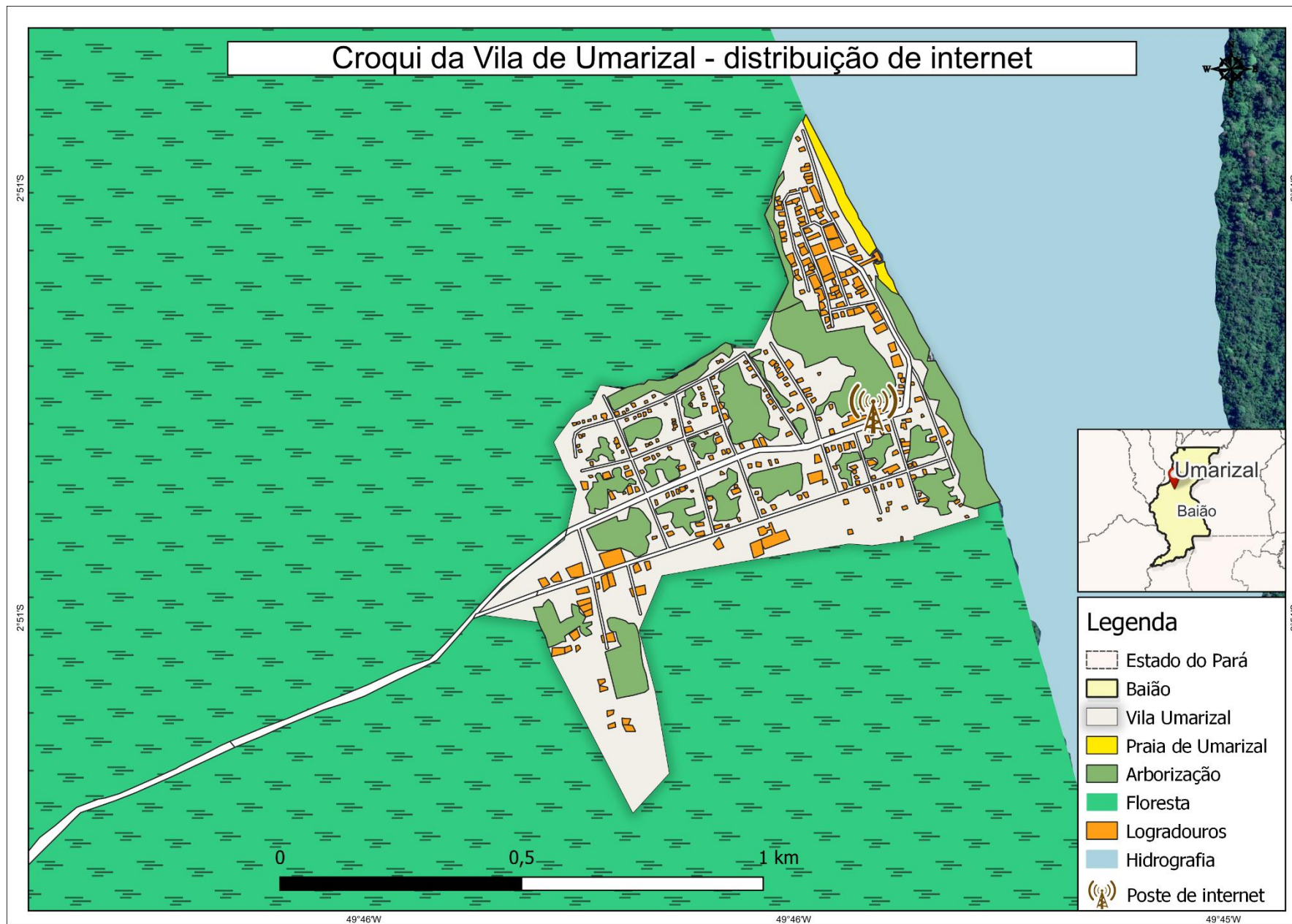


Figura 5: Croqui mostrando a torre de distribuição de internet no Quilombo de Umarizal, Baião-PA.

Em Umarizal, a principal empresa que oferecia serviços de telefonia era a Telemar,⁸ tanto os serviços de telefonia fixa para algumas casas quanto o acesso público, com os “orelhões”. Em seguida, nos anos 2000, algumas empresas como Tim Brasil SA, Vivo (Telefônica Brasil) e Claro SA passaram a oferecer serviços de telefonia e acesso a redes móveis na cidade de Baião, porém, em Umarizal esse serviço é bastante limitado e só funciona em alguns lugares da comunidade.

Outra grande vantagem que a instalação dessa rede trouxe foi a possibilidade do acesso a diferentes programas de educação à distância, e de ter acesso a cursos e outras formas de obter conhecimentos *online*.

Durante o trabalho de campo, em entrevista com Assis Meireles e Daysiane Meireles, donos da empresa Conect A&D, estes informaram que de início a internet era utilizada somente para a verificação do pagamento do Seguro Defeso,⁹ além disso, havia uma preocupação em ter acesso as mídias sociais, que estavam começando a chegar na comunidade, o que os levou a buscar o acesso a rede através de um provedor na cidade de Baião, porém o dono do provedor cobrou um preço muito caro pelo fornecimento, impossibilitando a contratação do serviço. Entretanto, após quase um ano juntando recursos, finalmente no ano de 2010 conseguiram comprar um *link* de acesso do fornecedor em Baião. Assim, através de uma antena via rádio 2.4 instalada próximo ao *cyber*¹⁰ da empresa, esse *link* tinha a capacidade de liberar o acesso banda larga de 128 k,¹¹ uma internet bastante lenta para a época, só para contextualizar, as primeiras ofertas desse tipo de banda larga no Brasil, foram feitas em 1999. Assis explicou que, mesmo com bastante dificuldade, conseguiam acessar alguns *sites*, já que naquele período os *sites* eram mais leves, por não terem um protocolo de segurança tão pesado e rigoroso como os de hoje em dia.

Atualmente a Conect A&D atende cerca de 120 clientes só na comunidade de Umarizal, mas o serviço foi expandindo para comunidades vizinhas, como Boa Vista. Segundo

⁸ A Telemar foi uma empresa brasileira importante de telecomunicações que, em 2012, passou a se chamar OI SA, fundada em 2002, a Telemar atuava principalmente na oferta de serviços de telefonia fixa, telefonia móvel, internet banda larga e serviços de televisão por assinatura. A empresa teve uma presença significativa no mercado brasileiro de telecomunicações, sendo uma das maiores do setor (Plaza, 2019).

⁹ Com diversos méritos, o Seguro Defeso situa-se na confluência das políticas sociais e ambientais definidas após a Constituição Federal de 1988 no Brasil. Ele ampara os pescadores artesanais, impedidos de subsistir com seu trabalho durante certo período do ano. E, além de estar voltado a este pescador, o SD também se encontra focado na preservação de várias espécies do ecossistema brasileiro (Campos e Chaves, 2014, p. 7).

¹⁰ Estabelecimento que permite o acesso à internet ou apenas aos computadores por um preço por hora. Normalmente esses espaços oferecem outros tipos de serviços e produtos de interesse do público, como; assistência de informática, recarga para celular, impressão, xerox, e produtos de conveniência, como água, refrigerante etc.

¹¹ 1 Kbps (kilobit) é equivalente a 1000 bits. Essa medida era muito usada no passado para se referir à velocidade de internet. Porém, com o passar do tempo o termo passou a ser substituído por Megabit.

informações dos proprietários da Conect A&D, juntando todas as empresas que fornecem esse tipo de serviço, de cerca dos 3,000 moradores de Umarizal, entre 250 a 300 têm o serviço de internet instalado em suas casas.

Os proprietários informaram também que os usuários do serviço de internet desejavam acessar o serviço de suas casas, com mais da comodidade, porém, para os donos da empresa, isso era uma tarefa muito complicada de se realizar, pois, mais uma vez, dependiam não só da disponibilidade do fornecedor, mas também da disponibilidade financeira para poder investir nos materiais necessários. Assim, a Conect A&D levou aproximadamente de um ano e meio a dois anos para conseguir juntar o dinheiro e os materiais necessários, e em 2015 foi montada uma pequena torre e a instalação do serviço nas casas começou a ser feita, distribuindo internet via rádio. Mais uma vez, a falta de recurso financeiro atrapalhou a rápida expansão do serviço, contando apenas com recursos próprios, os donos da empresa por diversas vezes retiravam os equipamentos de sua própria casa para instalar na casa de novos clientes, isso aconteceu até conseguirem juntar recursos o suficiente para montar um estoque de equipamentos.

Essa empresa foi a primeira a instalar internet de fibra ótica no quilombo de Umarizal, já no ano de 2020. Na pandemia da covid-19, como no restante do Brasil, surgiu a necessidade de diversos serviços *online*, as pessoas passaram a ficar mais em suas casas, muitos moradores adquiriram televisores *smart*, ou compraram celulares, até mesmo *tablets*, *notebooks* e computadores pessoais (PCs) utilizados principalmente para os estudos remotos. As demandas, tanto de banda larga quanto de cliente, aumentaram, e o usuário que antes da pandemia utilizava um mega, agora já sentia a necessidade de usar um plano maior, devido ao excesso de dispositivos conectados. Sem a possibilidade de instalar mais antenas de via rádio, pois o número de antenas já estava gerando interferências no sinal, a solução que a empresa encontrou para esse aumento na demanda do serviço de internet foi a instalação de rede de fibra ótica, por isso, atualmente a empresa oferece tanto serviço via rádio quanto por meio de fibra ótica, ofertando planos de 50, 200 e 400 *megas* com os respectivos preços de R\$ 84,99, R\$ 99,99 e R\$149,99 com a instalação do serviço sendo feita de forma gratuita.

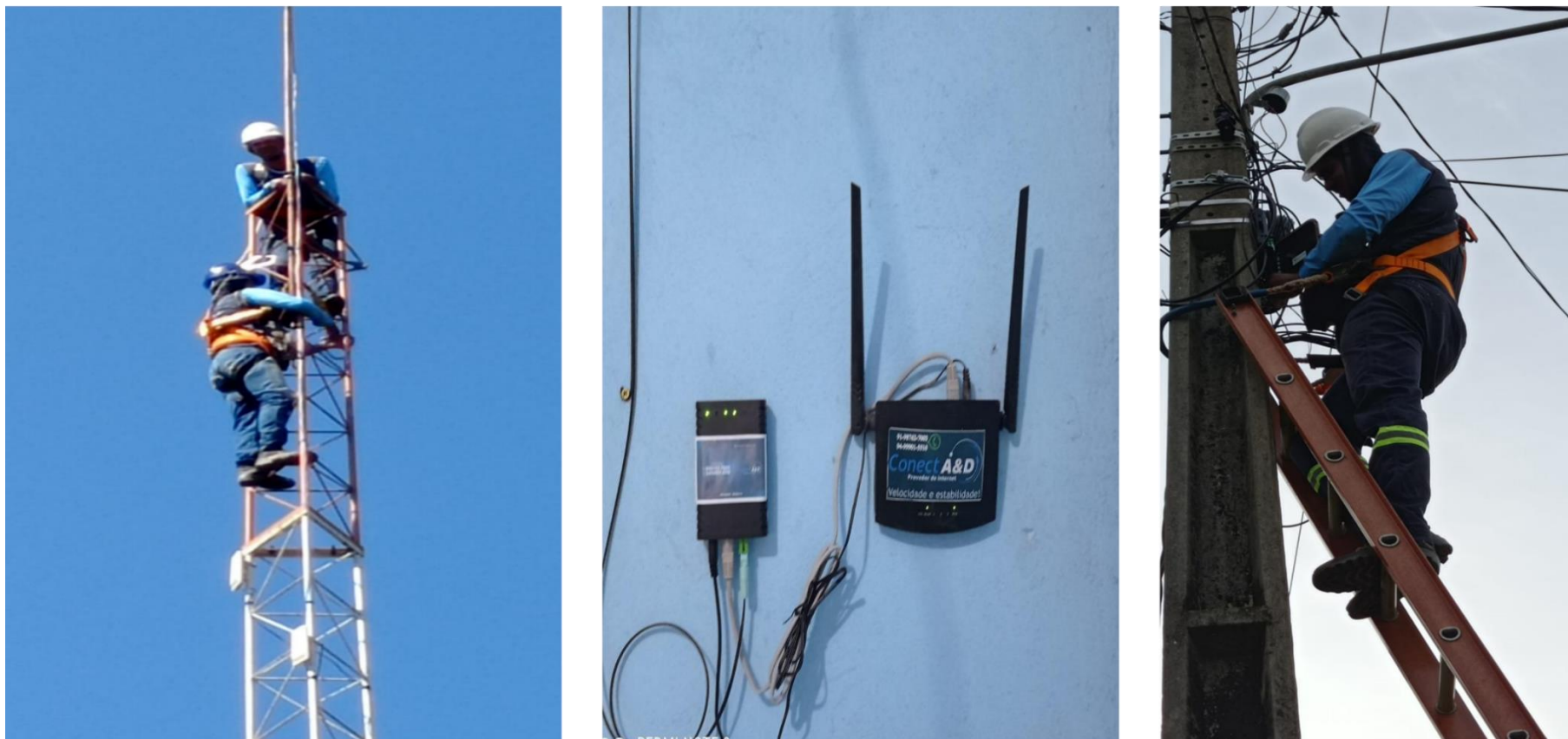


Figura 6: Painel de imagens dos funcionários da empresa Conect A&D em trabalho de manutenção da rede e instalação de equipamentos.
Fonte: Conect A&D (2023).

Sobre as outras empresas de internet que atuam na comunidade, no caso da Bit Net, com sede na cidade de Baião, devido ao falecimento do proprietário e todos os funcionários que atuavam na comunidade terem se desligado da empresa, não foi possível obter informações concretas e até mesmo substanciais sobre quando e de que forma a empresa começou a atuar em Umarizal. A Infolink foi a última empresa desse setor a chegar ao quilombo, entretanto devido a essa recente chegada e o fato de a sede da empresa se localizar na cidade de Tucuruí, não foi possível acompanhar a implementação da empresa.

Mas, para além da esfera doméstica, em que outros espaços do quilombo de Umarizal o acesso a essas mídias se deu? Quais foram seus efeitos em outros âmbitos do seu cotidiano, como por exemplo as festividades características de sua identidade étnico-territorial? Nesses contextos, o acesso aos elementos da modernidade tem implicado na perda dessa identidade, levando em conta o caso de Umarizal?

Essas são questões que orientam a organização do próximo capítulo, que é o Capítulo III. O foco da discussão desta parte da pesquisa é dado pelo debate atual em torno do conceito de identidade territorial. Desse modo, apresentamos qual a nossa compreensão sobre a identidade territorial, um conceito que geralmente está relacionado à ligação emocional, cultural e social de uma comunidade ou grupo de pessoas com uma determinada área geográfica na construção de suas identidades. Em seguida, após explorar esse debate, o Capítulo III analisa ainda como se dá a relação dos elementos da modernização que afetaram a sub-região do Baixo Tocantins e o quilombo de Umarizal; e a construção da identidade étnico-territorial quilombola nesse contexto, destacando a abordagem do Festival Quilombola e os principais resultados da pesquisa de campo que foi realizado em Umarizal durante os períodos de novembro de 2022 e maio de 2023.

CAPÍTULO III – O FIM É O COMEÇO: O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE TERRITORIAL QUILOMBOLA ATRAVÉS DA APROPRIAÇÃO DOS ELEMENTOS DA MODERNIDADE

No capítulo anterior, exploramos o processo de instalação e funcionamento dos elementos da modernização que afetaram a sub-região do Baixo Tocantins e a comunidade de Umarizal, em particular. Foi destacada a importância da internet, que possibilitou um grande avanço tecnológico para a comunidade, proporcionando acesso rápido e eficiente à informação. Discutimos os desafios enfrentados durante a implementação desses elementos, como a infraestrutura necessária e a colaboração entre as partes envolvidas. Além disso, ressaltamos como esse processo impactou positivamente diversos setores, como a educação e a comunicação entre os habitantes, a internet em Umarizal não apenas conectou as pessoas, mas também abriu portas para oportunidades de crescimento econômico e social, consolidando-se como um elemento transformador na vida cotidiana da comunidade.

Contudo, antes de tratarmos da dinâmica da relação entre a construção da identidade territorial e as mídias sociais enquanto um elemento da modernidade, destacando o caso do Festival Quilombola de Umarizal, cabe lembrar que o termo “quilombola” tem origem nas comunidades conhecidas como quilombos,¹² que remontam aos antigos refúgios utilizados pelos escravos fugitivos. Desse modo, o reconhecimento de um território como esse envolve um processo legal e burocrático que exige a comprovação da continuidade histórica da ocupação e da identidade quilombola da comunidade. Uma vez reconhecido, o território quilombola recebe proteção legal e os quilombolas têm direito à terra, à preservação de suas tradições culturais e às políticas públicas destinadas ao desenvolvimento sustentável de suas comunidades. O reconhecimento dos territórios quilombolas é um passo importante na luta contra a desigualdade e a discriminação históricas, enfrentada por essas comunidades. Além disso, coloca-se também como uma importante ferramenta na promoção da preservação de suas culturas, modo de vida e sustento, bem como proporcionar condições para o desenvolvimento socioeconômicos de sua população.¹³

¹² Comunidades que historicamente se originaram a partir da resistência de africanos escravizados que fugiam da escravidão. Essas pessoas se estabeleciam em áreas isoladas, muitas vezes em regiões rurais, onde buscavam autonomia e liberdade. Atualmente, o termo quilombo também se refere a comunidades remanescentes dessas origens, reconhecidas pelo Estado, com direitos territoriais e culturais protegidos por lei.

¹³ Segundo Farias (2015), após sua constituição formal, a Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo de Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá Miri e Florestão (ACORQBU), empreendeu

Diante disso, cabe questionar como se dá a relação do quilombo de Umarizal com essas transformações. Para nós, isso significa analisar a relação entre a construção da identidade territorial quilombola e sua relação com um dado elemento da modernidade, as mídias sociais. Para isso, passaremos agora à abordagem do conceito de identidade territorial e, logo em seguida, da discussão dos dados coletados em campo sobre como esse processo se dá quando tomamos como referência o Festival Quilombola de Umarizal, Baião-PA.

3.1 Breve análise sobre a conceituação da identidade territorial.

Para Haesbaert (2013, p. 234-235) identidade, de um lado, “é o direito a diferença” e, de outro, procura “encontrar um sentido geral e comum”.

Através dessas proposições, o autor manifesta que a identidade não deve ser vista como uma homogeneização, mas sim como o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, étnica, social e individual. As pessoas têm o direito de serem diferentes umas das outras, e de expressarem suas maneiras diversas, sem serem subjugadas ou obrigadas a se adaptar a um padrão único, isso está relacionado com a ideia de cumprimento da pluralidade e da singularidade das identidades individuais e coletivas. Apesar da diversidade de identidades, é importante encontrar elementos de coesão e conexão que possam unir as pessoas em uma sociedade, isso não quer dizer que se deve negar as diferenças, mas sim buscar valores, objetivos ou princípios compartilhados que possam servir como pontos de encontro e coesão social. É a ideia de que, apesar das diferenças individuais, é possível construir um sentido geral de pertencimento e comunidade que seja inclusivo e respeitoso com a diversidade.

Haesbaert ainda afirma que:

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente por meio do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo, assim, parte fundamental dos processos de identificação social (Haesbaert, 2013, p. 235).

Esta perspectiva parece muito próximo à discussão feita por Arruti (2006) que observou que no Brasil, discutir a territorialidade quilombola significa levar em conta não apenas a ideia

esforços para demarcar os limites de sua área coletiva. Em 2000, protocolaram um pedido no Instituto de Terras do Pará (ITERPA) buscando a demarcação e titulação de propriedade coletiva, com base no artigo 68 da Constituição Federal. Contudo, após mais de duas décadas, o estado do Pará ainda não emitiu o título para os cinquenta e três mil hectares solicitados pela ACORQBU. O ITERPA propôs um título de apenas dezessete mil hectares, recusado pelos quilombolas. As comunidades persistem na luta administrativa e judicial, buscando a documentação das terras consideradas tradicionalmente legítimas na Vara Agrária de Castanhal.

de remanescentes (componente das identidades étnico-sociais quilombolas), como também considerar que essa territorialidade se expressa como luta pelo reconhecimento do território quilombola (a dimensão da regularização fundiária desses espaços). De uma forma mais ampla, a identidade social de um grupo de pessoas, seja em uma comunidade local, ou um povo ou uma nação, está intimamente ligada ao *onde* essas pessoas vivem ou ao território pelo qual lutam e com o qual se identificam. Assim, como argumentando anteriormente, o território não é apenas um espaço físico, mas também um elemento simbólico que contribui para a construção da identidade, a forma como as pessoas se relacionam com o território, suas experiências vividas nele e a história que compartilham estão na base de sua identidade social.

Haesbaert (2013) também indica que a identidade não se limita apenas à posse física do território, mas também engloba a maneira como as pessoas se apropriam desta parcela do espaço, da região em termos simbólicos e culturais, considerando que essa apropriação ocorre tanto no nível conceitual (ideias, mitos, narrativas) quanto no nível das práticas (usos do território, práticas cotidianas), as pessoas constroem sua identidade territorial tanto por meio de conceitos e símbolos quanto por meio de atividades e relações concretas com o espaço geográfico. O espaço geográfico desempenha um papel fundamental nos processos de construção da identidade social, as características geográficas, a paisagem, a topografia e a localização geográfica de um território influenciam como as pessoas se veem e como são vistas pelos outros. Portanto, o espaço geográfico, quando transformado em território, não é apenas um contexto para a construção da identidade social, mas também uma parte intrínseca dela.

Este autor constrói seus argumentos em constante diálogo com outros autores. Um deles é Charles Taylor. Com base nesse autor, Haesbaert observa que:

A(s) identidade(s) implica(m) uma busca de *reconhecimento* (Taylor, 1994) que se faz frente à *alteridade*, pois é no encontro ou no embate com o Outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue e que, por isso, ao mesmo tempo, pode promover *tanto o diálogo quanto o conflito* com o Outro (Taylor, 1994, *apud* Haesbaert, 2013, p. 236).

Em face do imposto, notamos que as pessoas anseiam por serem reconhecidas e valorizadas por quem são, por suas características, cultura, valores, e assim por diante, esse reconhecimento é uma parte fundamental da construção da identidade, pois contribui para a nossa autoestima e senso de pertencimento. Ao buscarmos o reconhecimento, estamos nos confrontando com a alteridade, com a noção de que somos diferentes. Quando interagimos com a diferença irreduzível de outras pessoas (o “Outro”), seja através do encontro amigável ou do conflito, estamos constantemente tentando afirmar nossa identidade através do reconhecimento daquilo que nos torna únicos e diferentes dos outros. Essa afirmação de identidade pode ser

resultado de facilidades e valorização, mas também pode ser motivada por um desejo de provar nossa singularidade em situações de conflito. Desse modo, o processo de busca por reconhecimento em relação à alteridade pode levar a duas possibilidades: ou ao diálogo ou ao conflito. Em algumas situações, o reconhecimento mútuo das identidades pode promover o diálogo e a compreensão entre as partes, no entanto, em outras situações, a busca por reconhecimento pode gerar conflitos quando as identidades entram em choque ou são contestadas.

Para além disso, Haesbaert diz que “a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção dessa *identidade parte do ou transpassa* o território” (Haesbaert, 2013, p. 238). Isso quer dizer que, a forma de como as pessoas se identificam socialmente, isto é, como se veem e como são vistas em termos de grupos sociais, perpassa pela construção, simultânea, de um território específico, a construção da identidade de um grupo ou comunidade passa a ser também a construção do lugar onde vive ou com o qual se relacionam, identificam-se e defendem. A ligação entre identidade social, étnica e o território ocorre quando o território desempenha um papel fundamental na construção dessas identidades, isso pode acontecer quando símbolos, valores, tradições, história ou experiências associadas a um território específico são centrais para a forma como as pessoas se identificam. Esse “referente simbólico central” pode ser tanto algo que emerge do território quanto algo que ultrapassa as fronteiras territoriais, mas ainda assim está intrinsecamente ligado à identidade social da comunidade.

Haesbaert dialoga também como Bonnemaïson e Cambrèzy (1996), chamando a atenção de que, para esses autores

[...] ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e “coração”, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e oprime ou uma rede que se abre e se conecta em um “coração” que emana poesias e novos significados (Bonnemaïson e Cambrèzy *apud* Haesbaert, 2013, p. 242).

Dessa perspectiva, o território de identidade pode ser experimentado de duas maneiras contrastantes: por um lado, pode ser uma “prisão”, o que significa que ele pode restringir as pessoas em termos de mobilidade, oportunidades ou liberdade de escolha. Por outro lado, pode ser uma fonte de “liberdade”, oferecendo um senso de pertencimento e seguranças que permite às pessoas expressarem sua identidade de maneira autêntica. O território de identidade também pode ser percebido como um “lugar” espaço físico e geográfico com limites definidos e, ao mesmo tempo, pode ser uma “rede”, que as pessoas podem estar conectadas a outros membros da mesma comunidade ou grupo de identidade, independentemente de onde estiverem

geograficamente. Do mesmo modo, esse território pode ser visto na forma de uma “fronteira”, demarcando a diferença entre um grupo e os outros, ou pode ser visto como um “coração”, um local de conexão intensa, emocional e cultural.

Como visto, a interpretação do território de identidade depende das perspectivas e experiências das pessoas, podendo ser visto como uma prisão quando é usado para excluir ou reprimir outras identidades, ou pode ser uma rede que promove conexões e interações enriquecedoras. Além do mais, o território de identidade pode ser uma fonte de criatividade e significado, gerando “poesias e novos significados” que enriquecem a cultura e a identidade do grupo.

Para finalizar, o último elemento apontado por Haesbaert (2013, p. 242) se refere às ambivalências da identificação, pois “convivem novas e antigas formas de identificação no/com o território”.

Desse modo, as identidades enraizadas em tradições culturais, históricas ou religiosas existem há muitas gerações, essas identidades frequentemente estão ligadas ao território de origem da comunidade e são transmitidas de uma geração para outra. Elas estão relacionadas às práticas, idiomas, costumes e valores específicos que são profundamente enraizados na história local. Entretanto, algumas identidades surgem ou se transformaram devido às mudanças sociais, culturais, tecnológicas ou políticas, isso pode incluir identidades urbanas, digitais, transnacionais ou aquelas baseadas em interesses específicos. Em um determinado território, você pode encontrar pessoas que se identificam de maneiras tradicionais, como membros de uma comunidade tradicional ou religião, e ao mesmo tempo, outras pessoas que se identificam de maneiras mais contemporâneas, como membros de comunidades *online* de alcance global ou de movimentos sociais. Essa coexistência destaca a complexidade da identidade humana, pois as pessoas podem se identificar de várias maneiras, essas identidades podem se sobrepor ou entrar em conflito. A identidade de uma pessoa pode ser influenciada por sua história pessoal, contexto social, experiências de vida e conexões geográficas, entre outros fatores.

Segundo Laura Souza;

Pensar a identidade de uma população implica buscar compreender os valores por detrás da lógica do pensamento e de sua vida cultural. Saberes, costumes e a cosmovisão integram os laços identitários e reafirmam a experiência de um grupo social (Souza, 2012, p. 79).

Souza (2012) destaca a necessidade de compreender os valores subjacentes à maneira como uma população pensa e vive culturalmente, destacando que a identidade de um grupo não se limita apenas às características superficiais, mas está profundamente ligada aos saberes, costumes e à cosmovisão que permeia a vida desse grupo. É necessário, então, pensar a

identidade de uma população para além das aparências e entender os valores que fundamentam o pensamento e a vida cultural desse grupo. Para isso, a autora menciona três elementos fundamentais, e que para nós são importantes: saberes (conhecimentos), costumes (práticas culturais) e cosmovisão (a maneira como o grupo percebe o mundo), esses elementos não apenas compõem os laços identitários, mas também reforçam a experiência coletiva de um grupo social, até mesmo com o território. Finalmente, a perspectiva de Souza (2012) nos diz ainda que a identidade de uma população não pode ser compreendida apenas observando aspectos externos, mas requer uma análise mais profunda dos valores subjacentes que moldam o pensamento, os costumes e a visão de mundo desse grupo, isso destaca a complexidade e a riqueza envolvidas na formação da identidade cultural de uma comunidade.

Por trás dessa concepção, há o conceito de identidade proposto pelo sociólogo catalão Manuel Castells. Para ele:

Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo [...]. No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado (Castells, 2008 *apud* Souza, 2012, p. 79-80).

Além de Manuel Castells, outro autor que sustenta a argumentação de Souza (2012) é o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2006). Para esse último autor: “as identidades surgem como movimentos de *resistência às opressões*. Elas se afirmam no conflito de lutas e/ou movimentos específicos e na transitoriedade histórica” (Sousa Santos *apud* Souza, 2012, p.80, grifo nosso).

Na abordagem de Sousa Santos (2006), pela apropriação de Souza (2012), a ideia central aqui é a de que as identidades não são formadas de maneira isolada, mas emergem como uma resposta às situações de opressão, as pessoas constroem identidades como uma forma de resistência contra as forças que as oprimem, sejam essas forças sociais, políticas, econômicas ou culturais. Boaventura de Sousa Santos realça que essas identidades não surgem apenas, mas também se afirmam em meio a conflitos, lutas ou movimentos específicos, elas não são passivas, mas ativamente moldadas e expressas por meio de engajamento em confrontos ou movimentos sociais. O uso da palavra “transitoriedade” sugere que essas identidades não são fixas ou permanentes, pelo contrário, elas são moldadas e modificadas ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas condições sociais e históricas, isso destaca as suas naturezas dinâmicas e fluidas, que evoluem em resposta às transformações no contexto em que estão inseridas.

As identidades constituem também uma busca por reconhecimento, e, no caso aqui pesquisado, a apropriação de elementos da modernização do território se dá em função do fortalecimento de símbolos da identidade territorial/cultural de Umarizal (como o Círio da Santíssima Trindade dos Inocentes, o grupo de Samba de Cacete, o Festival Quilombola, entre outros) levou a um maior reconhecimento dessas identidades. Através disso, notamos que a coexistência de elementos da modernização e elementos da identidade territorial, reforçam a experiência coletiva e a identidade territorial no quilombo de Umarizal.

Assim, quando falamos de apropriação, estamos tratando de uma apropriação de forma virtual, feita por pessoas ligadas ao quilombo, mas que na prática, não moram nesse território. Através das mídias sociais - que no contexto de Umarizal, as principais são Facebook, Instagram, WhatsApp e Youtube - essas pessoas podem ter acesso ao território, mesmo que seja de forma simbólica, isso se torna muito importante, já que o território é a base para essa identificação. Pois como já foi citado, a identidade territorial não é apenas ter a posse física do território, mas também simbólica. O acesso mesmo que de forma virtual, é essencial para a manutenção dessa identidade. Isso reforça a ideia de território de identidade captado como uma rede, ou seja, as pessoas podem se conectar com o território independentemente de onde estiverem.

A seguir, faremos a análise da relação entre esses elementos da modernização e a construção da identidade territorial de Umarizal, enfatizando o Samba de Cacete e o Festival Quilombola em Umarizal, estes que são essenciais para compreender como as práticas culturais específicas nesse contexto estão intrinsecamente ligadas à construção da identidade dessa comunidade.

3.2 A interação entre o Samba de Cacete, o Festival Quilombola e as mídias sociais no quilombo de Umarizal.

Tanto o Samba de Cacete quanto o Festival Quilombola têm raízes profundas em Umarizal. A análise dessas duas práticas permite explorar como o espaço geográfico, suas características e a história local contribuem não só para a construção da identidade territorial, mas também para a identidade das pessoas que vivem ali, pois o território se torna não apenas um local físico, mas um contexto simbólico importante nesse processo. Desse modo, o estudo dessas práticas culturais nos permite explorar a interseção entre o simbólico e o concreto na construção da identidade territorial em Umarizal, além de nos fornecer compreensões valiosas sobre como a cultura local, a história e o território se entrelaçam na construção da identidade

quilombola dessa comunidade. Por isso, essas práticas culturais não são apenas formas de entretenimento, mas são veículos ricos de significado que contribuem para a riqueza e diversidade da identidade – principalmente territorial – de Umarizal.

Com efeito, o Samba de Cacete em Umarizal é uma forma de preservar e transmitir tradições culturais, promovendo a continuidade das práticas ancestrais, fortalecendo a identidade territorial da comunidade, reforçando laços sociais e promovendo um senso de pertencimento a esse lugar. É também é um ato de resistência cultural, pois ajuda a preservar práticas que foram historicamente marginalizadas. Já o Festival Quilombola de Umarizal é um evento cultural que celebra a cultura, a música, a dança e as tradições específicas dessa comunidade, sendo muito importante para promover a visibilidade do quilombo, construindo a inclusão e combatendo estereótipos e preconceitos. Além disso, ajuda também no compartilhamento de suas riquezas culturais e incentiva o respeito à diversidade, destacando a riqueza e a diversidade da cultura local, proporcionando um espaço para apresentações artísticas, exposições e trocas culturais. A organização e participação do quilombo nesse festival, leva ao fortalecimento do empoderamento comunitário, influenciando positivamente no desenvolvimento local. Por tudo isso, reiteramos, o Samba de Cacete em Umarizal e mais tarde o Festival Quilombola dessa comunidade, são fortes elementos da cultura e identidade territorial em Umarizal.

3.2.1 Uma pequena nota sobre o Samba de Cacete da Comunidade de Umarizal

O samba de cacete é umas das manifestações culturais mais fortes e tradicionais da comunidade quilombola de Umarizal, aqui apresentaremos somente um breve resumo dessa manifestação, que é uma forma de expressão artística típica dessa comunidade, uma dança ancestral que mistura música, ritmos, canto e tambores, referindo-se também a uma manifestação musical e dançante que contém elementos africanos, realizado por homens e mulheres, geralmente vestidos com roupas coloridas.

Segundo Fernandes (2022), “o Samba de Cacete teve sua origem ainda em Paxibal, com a Festa de Nossa Senhora do Rosário, que era a Padroeira na época. No período da novena, a festividade era denominada como Samba de Nossa Senhora” (Fernandes, 2022, p. 235).

As letras das músicas geralmente abordam temas relacionados ao dia a dia e à história e cultura do quilombo. Esta manifestação é uma expressão cultural tradicional das comunidades quilombolas, principalmente nas comunidades localizadas na sub-região do Baixo Tocantins. A dança do samba de cacete é caracterizada como uma forma de celebração e

resistência cultural das comunidades quilombolas. Essa prática é transmitida de geração em geração, preservando a identidade territorial, cultural e a história da comunidade. Também é uma manifestação cultural que está ligada à luta por direitos e valorização das comunidades quilombolas, e uma prática tradicional, transmitida de geração em geração, que representa a resistência, a identidade e a memória da comunidade quilombola.

3.2.2 O ordenamento do território durante o Festival Quilombola de Umarizal

Devido às minhas vivências como morador do quilombo de Umarizal e a participação de meus avós e tios como organizadores do Círio da Santíssima Trindade e do Festival Quilombola, e minha avó ser membra do grupo de Samba de Cacete, sempre participei desses eventos. Essas experiências também foram importantes para a pesquisa e, baseando-me nelas também, abordarei esses dois temas a seguir.

Através da realização de observação participante, assim como de entrevistas semiestruturadas durante os trabalhos de campos na comunidade, constatamos que o I Festival Quilombola de Umarizal foi realizado nos dias 22 a 25 de setembro de 2011, é, por tanto, uma criação cultural recente.

Em entrevista com o secretário executivo da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá-Miri e Florestão (ACORCBU),¹⁴ Hélio Vieira, que já foi organizador do Festival Quilombola por diversas vezes, e com o senhor Divaldo Vieira, atual coordenador do grupo de Samba de Cacete de Umarizal e um dos fundadores do festival – juntamente com Arilson Serrão, João Roberto, Dilson Serrão, José Corado, Pedro Serrão e outros.

¹⁴ Essa associação representativa foi criada em 1999 por intermédio da Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal (AMPU) e do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Baião (STTR), que segundo o informante Professor Doriedson Lopes Vieira, tiveram a iniciativa de chamar uma reunião de moradores de onde saiu uma comissão de cinco representantes, um por comunidade presente, para organizar a primeira Assembleia Geral de constituição desta associação quilombola. São objetivos da associação: a) administrar as terras de propriedade das comunidades; b) celebrar convênios e parcerias contratos, projetos e acordos de qualquer natureza, receber auxílios, contribuições e subvenções sociais ou econômico de outras entidades, de empresas privadas, pessoas físicas, de autarquias e de todos os órgão esperas do governo, para aplicação em seus objetivos, em especial no que desrespeito a melhoria da qualidade de vida da população: saúde, educação, moradia, arte, cultura, assistência social, meio ambiente, saneamento básico, infraestrutura, agricultura, piscicultura e outras ações de interesse comunitário; c) organizar a celebração dos financiamentos e empréstimos, que poderão ser individuais para cada associado ou de forma coletiva em nome da associação em benefícios dos associados; d) celebrar o cumprimento das regras do regimento interno da presente associação; e) defender e realizar a gestão ambiental e social dos recursos naturais renováveis e não renováveis dentro do território das comunidades 47 remanescentes de quilombo Tocantins com a promoção, buscar implantação de projetos de desenvolvimento sustentável reflorescente, mineral, bem como do meio ambiente (ACORCBU, 2015 *apud* Farias, 2021, p.43-46).

Uma primeira questão a destacar se refere à organização desse festival, que geralmente envolve a colaboração de membros da comunidade em geral, promovendo um senso de coletividade e solidariedade, o envolvimento ativo na organização e participação no festival fortalece o espírito comunitário. Esse festival representa muitas vezes um ambiente propício para o diálogo intercultural, incluindo a troca de experiências com outras comunidades, promovendo a compreensão mútua e o respeito pela diversidade cultural.

Segundo os organizadores, o planejamento e organização para a realização do Festival Quilombola acontece entre os meses de janeiro a julho. São realizadas várias reuniões com diferentes intuitos, como a formação da comissão organizadora, que trabalha em conjunto com a comunidade e sempre tem membros da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá-Miri e Florestão (ACORQBU); os fechamentos de contratos com atrações musicais, distribuidoras de bebidas (cerveja, água, refrigerante, *ice* etc.).

A organização envolve várias etapas. Em síntese, o início se dá com o planejamento do festival, momento em que são definidos os objetivos e as atividades a serem realizadas. Em seguida, a equipe identifica as necessidades de recursos financeiros e busca parcerias e patrocínios para viabilizar o evento. Uma vez que os recursos são garantidos, a equipe seleciona os artistas e grupos culturais que irão se apresentar no Festival, levando em consideração a diversidade cultural e a representatividade quilombola. Na fase de logística, a equipe se encarrega de garantir as estruturas necessárias para o evento, como equipamentos de som e iluminação, banheiros, segurança, local para estadia e alimentação dos artistas. A divulgação do festival é feita através de diferentes meios, sendo o principal as mídias sociais, a fim de atrair o maior número de pessoas possível. Durante a execução do evento, a equipe coordena todas as atividades, garantindo que tudo ocorra conforme o planejado, e fica atenta para resolver quaisquer problemas que possam surgir. Após a realização do festival, a equipe avalia os resultados e a satisfação do público e da comunidade, buscando identificar pontos positivos e áreas de melhoria para edições futuras.

Já a tradicional *Fornada*¹⁵ de Samba de Cacete (ver figura 7) é planejada entre os meses de setembro e outubro e é organizada por membros do grupo. Discussões e decisões como

¹⁵ Nos dias de hoje, cada “fornada de samba de cacete” nos povoados da região do Tocantins, ou Amazônia Tocantina, dura em média de uma a duas horas sem pausa alguma. Motivo pelo qual, no ato do samba, de vez quando, os batedores ou caceteiros se revezam para descansar. É o momento de eles serem trocados por outros, visto que os tocadores anteriores só se sentem realizados por completo quando também participam da dança. Em alguns casos, durante o intervalo de cada fornada de samba, quando não há batedores ou caceteiros voluntários para a troca, eles apenas invertem as posições, ou seja, os dois que estavam batucando com as mãos no couro do tambor passam a batucar do outro lado com os cacetinhos, e os caceteiros passam para o lado que tem o couro para

definição de vestes e canções que serão usadas nas apresentações são tomadas de forma coletiva. O grupo realiza ensaios regulares para aprimorar as apresentações. Além disso, a *Fornada de Samba* também realiza eventos e atividades para angariar fundos, como bingos e festas, a fim de financiar suas despesas e investir em figurinos, adereços e instrumentos.

batucar com as mãos. Esse processo de inversão de posições ou de batedores pode acontecer por diversas vezes, “de fornada em fornada”, até o samba acabar (Pinto, 2013, p. 35).



Figura 7: Pannel da Fornada de Samba de Cacete de Umarizal, confeccionado a partir de perfis dos moradores do quilombo.
Fonte: Mídias Sociais (2023).

Hélio e Divaldo lembraram que esta manifestação cultural (Festival Quilombola) surgiu quando a igreja católica vetou a venda e o consumo de bebidas alcóolicas nas festividades religiosas, durante o então tradicional encerramento da festividade da padroeira de Umarizal, Santíssima Trindade dos Inocentes. Assim, com o intuito de evitar a perda daquela prática cultural e manter a tradição, foi idealizado e criado o Festival Quilombola para ser realizado alguns dias após o encerramento da festa da Santíssima Trindade dos Inocentes, estendendo-se por quatro dias e tendo o seguinte formato:

A primeira noite (ver Figura 8) é dedicada aos cristãos, é a noite gospel, é realizado um culto com ordenação de pastores de várias igrejas, alguns vem de outras comunidades e até mesmo cidades, geralmente os cristãos católicos participam somente como espectadores. Essa noite destaca a importância da espiritualidade na vida da comunidade, ela proporciona um espaço para expressão da fé, fortalece os laços religiosos e promove a solidariedade entre os membros da comunidade, além de ser uma oportunidade para compartilhar valores éticos e morais, promovendo uma base sólida para a coexistência pacífica e para o fortalecimento da identidade territorial.



Figura 8: Painel contendo diferentes momentos da noite gospel do XII Festival Quilombola de Umarizal, realizado no ano de 2023.
Fonte: TRINDADE, Lucas Lopes da (2023).

A segunda noite (ver figuras de 9 a 18) é a noite cultural, pensada para promover e preservar a cultura local. Essa etapa é crucial para preservar e promover a rica herança cultural da comunidade quilombola de Umarizal, com apresentações artísticas de DJs da comunidade e da região, danças culturais, entre elas o Samba de Cacete da comunidade de Umarizal e de outras comunidades, como a de Igarapé Preto, carimbó, exposições de artesanato, desfiles de miss e mister mirins, concurso de miss e mister quilombola, que ajudam a transmitir tradições de geração para geração, não apenas fortalecendo a identidade territorial e cultural, mas também educando as gerações mais jovens sobre a importância de suas raízes.



Figura 9: Painel. Desfile de miss e mister quilombolas.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 10: Paineis. Desfile de miss e mister quilombolas.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 11: Pannel. Desfile mirim de miss e mister quilombolas.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 12: Pannel. Desfile mirim de miss e mister quilombolas.
Fonte: LUCAS, Fernando Lucas (2023).



Figura 13: Pannel. Apresentação do grupo de Samba de Cacete de Umarizal
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 14: Painel. Apresentação do grupo de Samba de Cacete de Umarizal
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 15: Pannel. Apresentação cultural em homenagem as mulheres do quilombo de Umarizal.
 Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 16: Painel. Apresentação das misses da quadrilha Explosão Umarizalense.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).



Figura 17: Painel. Barraca de vendas de comidas típicas e banca de venda de copos.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).

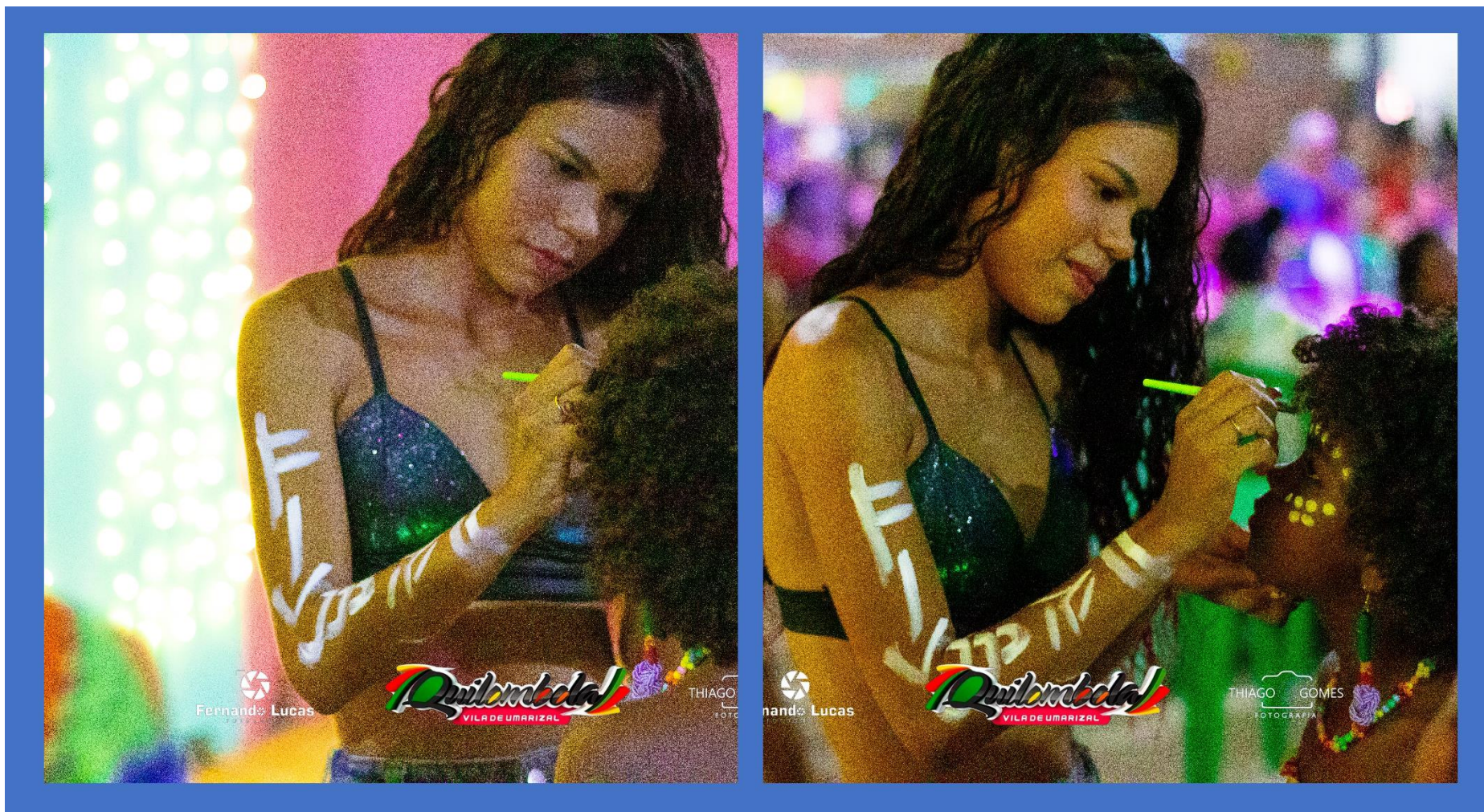


Figura 18: Painele. Pintura corporal.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).

A terceira noite (ver Figura 19) é a dançante, a mais movimentada, que atrai o maior público, marcando um momento de celebração comunitária, assim como na noite cultural, nessa é criado um ambiente muito festivo, fortalecendo os laços entre moradores e turistas, que geralmente chegam durante a noite cultural e no dia da noite dançante, vindo das cidades de Cametá, Baião, Tucuruí, Belém, Novo Repartimento, Breu Branco e das várias comunidades da região. Isso promove um senso de pertencimento, já que esta atrai muitos visitantes externos, e proporciona oportunidades econômicas para a comunidade, principalmente para os comerciantes, donos de bares, e vendedores de comidas.

A quarta noite (ver Figura 19) é a última noite, é a de encerramento, conhecida como “varrição¹⁶”, assim como a terceira, é uma noite dançante, com bingos e apresentações de Dj’s e atrações musicais, que na maioria das vezes são contratadas na sub-região do Baixo Tocantins e na cidade de Belém.

Nesses ciclos, as mídias desempenham um papel importante nas noites do festival, na interação com o público e, como informado previamente, principalmente na divulgação do evento.

Antes do festival, essas “ferramentas” são utilizadas para promover e divulgar a programação das noites, atraindo a atenção do público e gerando interesse na participação do festejo. São criados eventos nas páginas do festival, compartilhados *posts* e vídeos relacionados ao tema utilizando, para isso, os principais canais de comunicação *online*, como Facebook, Instagram, WhatsApp e Youtube. Essas mídias sociais são utilizadas para atualizar o público sobre as atrações em tempo real, são compartilhados vídeos ao vivo, fotos e informações dos artistas que se apresentam, criando uma experiência imersiva para aqueles que não puderam comparecer fisicamente ao evento. Além disso, elas também servem como canal de comunicação direto entre a organização do festival e o público, onde são respondidas dúvidas e perguntas, e se estabelece uma interação constante com os comentários e mensagens recebidas. Dessa forma, as mídias sociais atuam como uma ferramenta fundamental para realizar e ampliar a visibilidade do festival quilombola de Umarizal, conectar as pessoas ao evento, e proporcionar uma experiência digital que complementa a experiência presencial do público.

¹⁶ Termo adotado da antiga Festividade da Santíssima Trindade dos Inocentes, a variação seria o último dia do festejo, dia em que os brincantes e fiéis se despediam da santa (Trabalho de Campo, 2023).



Figura 19: Paineis. Noite dançante e varrição.
Fonte: LUCAS, Fernando (2023).

Como mostrado, o Festival Quilombola de Umarizal é uma celebração anual que desempenha um papel crucial na preservação da cultura, na coesão comunitária e no fortalecimento da identidade da comunidade. Cada noite do festival tem sua própria importância única, contribuindo para diversos aspectos dessa manifestação cultural de Umarizal. O evento como um todo não apenas celebra a rica herança da comunidade, mas também promove valores fundamentais que são essenciais para o bem-estar a longo prazo da sociedade quilombola.

Esse festival atrai visitantes de outras regiões, promovendo o turismo cultural, gerando oportunidades econômicas para a comunidade, e ajudando a compartilhar a rica herança cultural quilombola com um público mais amplo.

Através de trabalhos de campo, e baseado nas minhas vivências e trocas de experiências nos festivais de 2015, 2016, 2017, 2018, 2021 e 2022, pude notar que a grande importância do Festival Quilombola para a comunidade de Umarizal pode ser multifacetada e envolver diversos aspectos significativos. Esse festival fortalece o senso de identidade e pertencimento da comunidade, proporcionando um espaço onde os membros da comunidade podem se conectar uns com os outros e com suas raízes culturais, servindo também como uma plataforma para educar tanto os membros da comunidade quanto o público em geral sobre a história, os desafios e as realizações da comunidade, contribuindo para a conscientização e o combate ao preconceito e à discriminação.

3.2.3 Mudanças e permanências na construção da identidade territorial quilombola de Umarizal: o papel das mídias sociais.

Durante a pesquisa de campo, as entrevistas realizadas mostraram que em Umarizal as mídias sociais, na maioria das vezes, são usadas de formas benéficas, o que trouxe vantagens para a população no território.

Mas não devemos esquecer que, quando usamos o termo mídias sociais estamos nos referindo às principais plataformas *online* que são acessadas na comunidade do Quilombo – como as usadas na organização e divulgação do Círio da Santíssima Trindade, Festival Quilombola e na *Fornada* de Samba de Cacete (Facebook, Instagram, WhatsApp e Youtube) – e aplicativos (como os aplicativos bancários) que facilitam a criação, o compartilhamento, a troca e a difusão de informações, ideias, conteúdos multimídias e as interação entre usuários, levando no contexto do Festival Quilombola em Umarizal e a construção de sua identidade territorial quilombola.

Essas plataformas são construídas com base na participação ativa dos usuários, permitindo que eles gerem e compartilhem conteúdo, além de interagir uns com os outros. Aqui apresentaremos alguns elementos que constituem às mídias sociais.

Nas mídias sociais, os usuários não são apenas consumidores passivos, mas também criadores de conteúdo, eles contribuem ativamente, publicando postagens, compartilhando mídia, comentando e interagindo com o conteúdo de outros usuários. Essas mídias têm o propósito principal de conectar pessoas, seja com amigos, familiares, colegas de trabalho ou até mesmo com indivíduos desconhecidos com interesses semelhantes, essa conectividade transcende barreiras geográficas. A interação é fundamental, os usuários podem curtir, comentar, compartilhar e reagir ao conteúdo de outros usuários, promovendo um ambiente dinâmico de comunicação e engajamento. As mídias sociais suportam diversos formatos de conteúdo, como texto, imagens, vídeos, áudio, enquetes, entre outros, isso permite uma expressão criativa diversificada. Devido à natureza viral e compartilhável, as informações podem se espalhar rapidamente, acarretando implicações significativas em termos de disseminação de notícias, tendências e campanhas. As mídias sociais são frequentemente responsáveis por reunir pessoas com interesses comuns, formando comunidades online em torno de temas específicos. A maioria das plataformas é acessível por meio de dispositivos móveis, o que permite que os usuários estejam conectados e interajam em qualquer lugar e a qualquer momento. Os usuários recebem *feedback* praticamente em tempo real, seja na forma de curtidas, comentários ou compartilhamentos, facilitando a avaliação da recepção do conteúdo e a adaptação rápida. Às mídias sociais tem evoluído ao longo do tempo, desempenhando um papel significativo na comunicação contemporânea, na formação de opinião, na promoção de marcas e na expressão individual (Rockcontent Blo, 2023).

O senhor Hélio Vieira disse, em seu depoimento, que as mídias sociais são muito utilizadas na organização e divulgação do festival. Para explicar mais sobre isso, o secretário utilizou o festival do ano de 2013, quando essas mídias ainda não eram tão populares na comunidade. Naquele ano, a rede social mais acessada foi o Facebook. O WhatsApp e o Instagram ainda eram pouco utilizados, e a comissão organizadora divulgou o festival através de cartazes, usou ainda carro som e alguns banners. Em seguida, apresentamos alguns banners que foram usados na divulgação do festival.



Figura 20: Pannel. *Banners* utilizados para divulgação do Festival Quilombola de Umarizal. Fonte: Arquivo Pessoal e mídias sociais (2023).



Figura 21: Painel. Banners utilizados para divulgação do Festival Quilombola de Umarizal. Fonte: Arquivo pessoal e mídias sociais (2023).

Atualmente, ainda segundo Hélio Vieira, a divulgação é feita de forma diferente, mais rápida, para ilustrar isso, o secretário utilizou como exemplo, a contratação de atrações: assim que uma atração é contratada, a divulgação é feita de forma imediata, através das mídias sociais, a circulação disso se dá principalmente através das redes sociais Facebook e agora com o uso do WhatsApp, muitos moradores também divulgam através de seus *status* nas redes. Segundo o secretário, o festival é divulgado através de banners e vídeos postados nas mídias sociais e a utilização de cartazes é mínima, o uso de carros som foi extinto a partir do ano de 2019.

O coordenador do Samba de Cacete Divaldo Vieira afirmou que as mídias sociais são uma ferramenta muito benéfica e de suma importância para o grupo na contemporaneidade, por exemplo, auxiliando na organização, divulgação e realização da *formada* de samba:

O nosso festival chama-se de formada, tem o festival quilombola, que é o festival da comunidade, mas especificamente do samba, é a formada que nós fazemos na semana da consciência negra. A gente faz do dia 14 até o 20, que na lei orgânica do município é de 14 a 20. Nós não temos uma data certa. Nós comemoramos a nossa formada nesse período. Do 14 a 20, toda essa é a semana que nós temos de Consciência Negra. E com isso, samba de cacete, como é uma cultura nossa, uma cultura assim, que que nós trouxemos no sangue.¹⁷

Divaldo também diz que não tem nem comparação o benefício que a internet e as mídias sociais trouxeram para a divulgação e o fortalecimento da identidade e cultura local. Em seu depoimento, explicou que no ano de 2012, quando cursava ciências sociais, em sua turma, tinha uma senhora de Placas, interior da cidade de Breu Branco-PA, que o surpreendeu ao dizer que já havia feito uma apresentação de samba de cacete junto com seus alunos. Ela havia pesquisado sobre as músicas e o grupo de samba de Umarizal no Youtube, ou seja, exatamente quando os membros do samba de cacete estavam iniciando o uso e apropriação dos elementos da modernização.

À título de informação, pois não foi objeto da pesquisa, outra grande marca da identidade territorial e cultural de Umarizal é o Círio da Santíssima Trindade dos Inocentes, a festa religiosa mais tradicional do quilombo de Umarizal que celebra a devoção à Santíssima Trindade. Essa festividade ocorre no mês de setembro e é um importante momento de demonstração de fé e devoção para os moradores do quilombo e para devotos que vêm de diferentes cidades como, Baião, Tucuruí, Belém, Novo Repartimento, Cametá e de várias comunidades próximas. Durante o evento, a imagem da Santíssima Trindade sai em procissão pelas ruas do quilombo, seguidas por uma multidão de fiéis que rezam e cantam em homenagem a ela. Segue-se, finalmente, a realização de missas durante nove noites (ver Figura 22).

¹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 12 de maio de 2023, no quilombo de Umarizal, Baião, Pará.



Figura 22: Pannel. Imagens do Círio da Santíssima Trindade dos Inocentes em Umarizal.
Fonte: BAIÃO, Neusandra (2023).

O cÍrio da SantÍssima Trindade dos Inocentes no quilombo de Umarizal é um importante evento para a comunidade quilombola, representando também um momento de fortalecimento da identidade cultural e religiosa, além de ser uma oportunidade de confraternização entre os moradores e visitantes.

É uma festa que une tradição, devoção e alegria, marcada por muita música, dança e comida típica e, da mesma forma que no Festival Quilombola e na *Fornada* de Samba, o uso das mídias sociais é muito importante para a organização, divulgação e realização do cÍrio da SantÍssima Trindade dos Inocentes.

Como visto até aqui, procuramos aprofundar a discussão acerca dos efeitos das interações com as mídias sociais destacando dois elementos fundamentais da identidade territorial de Umarizal: o Samba de Cacete e o Festival Quilombola. Essas expressões culturais únicas não apenas proporcionam entretenimento, mas carregam significados profundos relacionados à história, tradição e valores da comunidade quilombola. Hoje, essas práticas não se limitam mais aos limites do espaço físico de Umarizal, e mesmo assim, ainda se encontram enraizadas em símbolos e narrativas culturais, mostrando a interseção entre o simbólico e o concreto, entre o espaço *online* e o mundo *offline* da construção identitária do território quilombola de Umarizal. Participar e celebrar o Samba de Cacete e o Festival Quilombola é uma forma ativa para os quilombolas ativarem o território (a repetição é necessária), de resistirem cultural e socialmente, além de contribuírem para a diversidade e riqueza da identidade territorial de Umarizal.

Ao longo do tempo, barragem, estradas, energia elétrica e internet convergiram para criar as condições de introdução das mídias sociais no Baixo Tocantins e em Umarizal. Nesse contexto, plataformas como Facebook, Instagram, WhatsApp e YouTube desempenham um papel crucial na organização, divulgação e realização de diferentes práticas culturais, permitindo uma difusão mais rápida e eficiente em comparação aos métodos e formas tradicionais com as quais esses processos eram feitos, como o uso de cartazes e carros de som circulando no quilombo. As entrevistas com moradores como Hélio Vieira e Divaldo Vieira, destacaram a mudança significativa trazida com o uso das mídias sociais para a promoção do Festival Quilombola e do Samba de Cacete. O coordenador do Samba de Cacete, Divaldo, enfatizou que a internet e as mídias sociais trouxeram benefícios substanciais para a divulgação

e fortalecimento da identidade e cultura local, principalmente por proporcionar uma maior e mais extensa visibilidade das festividades e uma conexão mais eficaz com o público dentro e fora de Umarizal. No geral, o uso das mídias sociais é apresentado como uma ferramenta fundamental que contribui significativamente para a preservação, promoção e fortalecimento da identidade cultural e territorial desta comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as leituras de caráter teórico, a realização da coleta de dados durante o trabalho de campo nos anos de 2022 e 2023 e as discussões com o orientador, a pesquisa revelou um processo complexo no qual se encontram as relações entre a construção da identidade territorial quilombola em Umarizal e os elementos da modernização do território na sub-região do Baixo Tocantins, que não pode ser lida “de cima para baixo”, como se a chegada dos elementos de modernização do território aqui analisados implicasse sempre em um processo de “desenraizamento” como perda de identidade, como desterritorialização apenas.

É incontestável que a construção da Hidrelétrica de Tucuruí representou a maior fonte de impactos negativos para a comunidade quilombola de Umarizal. Esta comunidade enfrentou um aumento considerável de doenças intestinais, evidenciando a estreita ligação entre a degradação ambiental e os impactos na saúde da população local (Pinto, 2004). Desse modo, a relação entre a UHE Tucuruí e o quilombo de Umarizal representou um exemplo contundente de como as intervenções no meio ambiente, quando desconsideradas a realidade regional e os modos de vida das comunidades locais, podem resultar em impactos devastadores e irreversíveis. Entretanto, devemos ponderar também que, sem UHE de Tucuruí, a geração de energia elétrica era dependente do consumo de diesel e de combustível para alimentar geradores de energia elétrica, bastante limitados quanto ao acesso a outros objetos e equipamentos, como vimos no Capítulo II.

Por outro lado, a construção da rodovia BR-422, enquanto um elemento estruturante de modernização do território, representou um marco significativo para o quilombo de Umarizal, trazendo consigo uma série de benefícios tangíveis e intangíveis para a comunidade. Entre eles, destacamos a importância da facilidade de acesso a serviços públicos essenciais, como saúde e educação, revelou-se crucial para o bem-estar dos moradores, possibilitando um acesso mais rápido e eficiente a centros urbanos próximos, notadamente Tucuruí e Cametá. Dessa forma, a infraestrutura de transporte, anteriormente limitada, tornou-se relativamente mais eficiente, permitindo não apenas o deslocamento de pessoas, mas também a movimentação de produtos agrícolas e artesanais.

Assim, a chegada da modernização por meio de seus elementos no Baixo Tocantins, e no quilombo de Umarizal, em particular, integrou essa comunidade a outros centros urbanos, não facilitou apenas o acesso a recursos e serviços, mas também possibilitou uma maior interação e troca cultural por meio de uma maior integração regional. Proporcionou ainda

melhorias nas condições de vida, mas se revelou também como um agente catalisador para a valorização de práticas tradicionais e a preservação de modos de vida específicos. Ampliou ainda mais as possibilidades materiais (*offline*) de conexão e expressão para o quilombo, com a divulgação de suas tradições, contar as suas histórias e, conseqüentemente, fortalecer a consciência identitária. E, com a presença da internet (*online*), engajou essa comunidade em diálogos mais amplos e em “tempo quase real”, ampliando as possibilidades de construção, reconhecimento e reprodução de suas identidades e luta por direitos.

Para que entendamos isso, é digno de nota que destaquemos aqui a introdução da energia elétrica através do programa “Luz para Todos”, que desempenhou um papel transformador e vital no desenvolvimento do quilombo de Umarizal. Uma primeira repercussão foi a superação da dependência dos geradores a diesel, representou não apenas uma transição para fontes de energia mais acessíveis e ambientalmente sustentáveis, mas também abriu portas para um leque de possibilidades que antes eram inatingíveis. Antes da universalização do acesso à energia elétrica, a comunidade contava com recursos limitados e poluentes, cenário que foi modificado com a chegada da eletricidade, entre essas mudanças podemos destacar o acesso e o uso de eletrodomésticos, como geladeiras e máquinas de lavar roupa, avanços responsáveis não só por simplificarem as tarefas diárias, mas também elevarem a qualidade de vida dos residentes. Além disso, o acesso à televisão e posteriormente à internet abriu as portas para uma maior conectividade, encurtando distâncias geográficas e promovendo uma troca enriquecedora de experiências e conhecimentos. A conexão que passou a ser estabelecida, embora ainda muito limitada do ponto de vista do seu poder de troca e compartilhamento de informações, velocidade etc. permitiu, mesmo assim, que o cotidiano do quilombo deixasse de se limitar apenas ao âmbito local, pois ela (internet) passaria, como de fato passou, a desempenhar um papel crucial na preservação e fortalecimento da identidade territorial e cultural de Umarizal. Tornou-se possível, e assim constatamos, o compartilhamento mais rápido de práticas culturais, das festividades e das experiências com outras comunidades quilombolas em todo o país por meio da internet, o que tem estimulado a construção de uma rede mais ampla e extensa de solidariedade e compreensão mútua. Dessa forma, é incontestável que a introdução da energia elétrica não apenas iluminou os lares de Umarizal, mas também iluminou caminhos para o progresso, melhorando a qualidade de vida e fortalecendo os laços culturais em uma trajetória de desenvolvimento sustentável. Dessa perspectiva, não podemos falar também de uma resistência irrestrita à modernidade e seus elementos.

Desse modo, o Capítulo III fez o registro de mudanças importantes que nos permitem relativizar as duas afirmações feitas até aqui sobre as relações para com os elementos da modernização do território: a da desterritorialização e a da resistência irrestrita.

Sucintamente, a presença da internet e das mídias sociais em Umarizal tem se revelado uma fonte inestimável de benefícios para esta comunidade quilombola. Os serviços proporcionados abrangem diversas esferas, desde o acesso à informação e comunicação até o fortalecimento da identidade cultural e a superação de desafios, especialmente evidenciados durante a pandemia da COVID-19. A internet se apresenta, assim, como uma ferramenta democratizadora do conhecimento, permitindo o acesso a uma vasta gama de informações, recursos educacionais e oportunidades de aprendizado *online*. Além disso, a conectividade proporcionada pelas mídias sociais facilita a comunicação entre os moradores de Umarizal e estabelece laços tanto dentro da comunidade quanto com pessoas de outras regiões. Essa conexão não só mantém vínculos sociais e familiares, mas também promove a troca de experiências e conhecimentos, fortalecendo a identidade cultural quilombola. A divulgação de eventos culturais, como o Festival Quilombola de Umarizal, atingiu escalas mais amplas, alcançando não apenas os moradores locais, mas também aqueles que estão distantes, graças às transmissões ao vivo e postagens nas redes sociais. Contudo, é essencial reconhecer que o acesso à internet não é uniforme em todas as regiões, e a infraestrutura de conectividade pode ser precária em alguns locais. Diante desse cenário, é crucial garantir que esses serviços sejam plenamente aproveitados pelos moradores de Umarizal, considerando a importância da inclusão digital e da utilização responsável dessas ferramentas.

Esses recursos desempenharam e desempenham um papel vital na continuidade da educação, na obtenção de informações sobre saúde, na organização comunitária, e na facilitação do acesso a serviços essenciais. Além disso, as plataformas online contribuíram significativamente para o processo de inscrição em processos seletivos, promovendo inclusão digital e possibilitando a expansão das oportunidades educacionais para os quilombolas. Entretanto, é preciso atenção aos potenciais desafios, como o uso inadequado da internet, especialmente entre os mais jovens, que pode desviar o foco de práticas culturais e educativas tradicionais. Assim, a comunidade de Umarizal precisa equilibrar o uso das tecnologias modernas, aproveitando os benefícios oferecidos pela internet e mídias sociais sem comprometer a preservação de suas raízes culturais. A internet e as mídias sociais emergem como catalisadores de transformação positiva em Umarizal, proporcionando uma rede robusta de oportunidades, conhecimento e conexões. No entanto, o desafio persiste em garantir que

todos os moradores possam usufruir desses recursos de maneira equitativa, respeitando e preservando a rica herança cultural quilombola.

Por tudo isso, é possível afirmar que os elementos de modernização do território que foram implementados na sub-região do Baixo Tocantins, especialmente a internet e as mídias sociais, colaboram para a valorização, reforço e projeção da identidade territorial quilombola de Umarizal, sobretudo porque mulheres negras e homens negros, ao se reconhecerem como quilombolas, constroem a partir daí todo um processo de apropriação de partes da modernização do território, de alguns dos seus elementos, processo esse no qual se colocam de forma ativa, na posição de sujeitos de direitos territoriais e espaciais. Trata-se muito mais de um verdadeiro processo de *apropriação* dos elementos da modernidade que historicamente foram instalados no território, uma apropriação que é efetuada desde o contexto do quilombo de Umarizal e que desempenhou e desempenha um papel crucial na mediação, reprodução e consolidação dessa identidade, ao promover a conectividade e a difusão das práticas culturais, como o Samba de cacete e o Festival Quilombola. Estradas, energia elétrica, internet e mídias sociais não representam apenas avanços tecnológicos, mas também instrumentos essenciais na preservação e empoderamento do quilombo de Umarizal, pois guardam a capacidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana: estudos de antropologia social*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132001000200001>, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/CkgtkrqVdRCMpkrdTXQGW9n/>, Acesso em 12 ago. 2023.
- ARRUTI, J. M. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: Edusc, 2006.
- BAIÃO, **Festival Quilombola de Umarizal de 2023**. Dispõe sobre o Regimento Interno do Festival Quilombola de Umarizal, aprovado em plenária geral, 28/05/2023. Umarizal, Baião, PA, 2023.
- BRAGA, R. M. Território, rede e multiterritorialidade: uma abordagem conceitual a partir das corporações. *Revista Geografias*. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 26-36, jul-dez de 2010. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-549X..13293>, Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13293>, Acesso em 12 ago. 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1998. Brasília: DF: Presidente da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, Acesso em 25 out. 2023.
- BRASIL, **Decreto nº 4.873, de 11 de novembro de 2003**. Dispões sobre o Processo de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica, Programa Luz Para Todos. Brasília, DF. Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <https://www.gov.br/mme/pt-br/destaques/Programa%20Luz%20para%20Todos/sobre-o-programa>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- BRASIL, **Decreto nº 6.040, de 2007**. Dispões sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas/politica-nacional-de-desenvolvimento-sustentavel-dos-povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em 25, out. 2023.
- BRASIL, **Lei Nº 10.789, de 28 de novembro de 2003**. Dispõe sobre a alteração da lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973, que aprova o Plano Nacional de Viação, de modo a modificar a descrição da rodovia BR-422, na Relação Descritiva das Rodovias do Sistema Rodoviário Nacional. Brasília, DF. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.789.htm#:~:text=LEI%20No%2010.789%2C%20DE,Rodovias%20do%20Sistema%20Rodovi%C3%A1rio%20Nacional.&text=Art.,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 28 fev. 2023.
- CAMPOS, A. G.; CHAVES, J. **Seguro defeso**: diagnóstico dos problemas enfrentados pelo programa. Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2014. Disponível em:

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3015/1/TD_1956.pdf, Acesso em 05 dez. 2023.

CORRÊA, A. de M. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia**, v. II. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013, p. 203-218.

É do Pará, disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/edopara/noticia/a-cultura-ancestral-da-comunidade-quilombola-da-vila-de-umarizal.ghtml>, acesso em 05, dez. 2023.

E.M.E.F de Umarizal. Relatório da Vila de Umarizal. Baião/PA, 2013.

Faculdade de Geografia, disponível em:

<https://geografia.unifesspa.edu.br/2023.html>, acesso em 15, dez. 2023.

FARIAS, N. L. As políticas públicas especiais de acesso de quilombolas às universidades: o caso da Comunidade Remanescente de Quilombo de Umarizal – Baião – Pará. 2021. Dissertação (Maestría en Estado, Gobierno y Políticas Públicas) – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Belém, Pará, 2021.

FONTANA, A.L.F. Estimativas de mudanças espaço temporais adjacentes nas rodovias: Estudo de caso BR na 422. 2011. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2011.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. 10ª ED. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**, a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013, p. 233-244. (v. II).

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOURY, S. E. C.; PAZ, M. M. K. Etnodesenvolvimento como uma política contra-hegemônica: o direito das comunidades tradicionais de serem diferentes quando a igualdade as descaracteriza. **Revista Argumentum**. Marília/SP, v. 22, n. 1, p. 119-133, jan-abr, 2021. Disponível em:

<http://ojs.unimar.br/index.php/revistaargumentum/article/view/1251>. Acesso em 12 ago. 2023.

LECHNER, N. A modernidade e a modernização são compatíveis? O desafio da democracia latino-americana. *Lua Nova*. n. 21, p.74-86, out. 1990. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0102-64451990000100005>, Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/YzxcYnPr9T9Wtj6LGF8J7t/>, Acesso em 12 ago. 2023.

LEFEBVRE, H. **Introdução à modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Paz e Terra, 1969.

LOUREIRO, V. R. **A pesquisa nas ciências sociais e no direito**. Belém: Cultural Brasil, UFPA/NAEA, 2018.

MACHADO, A. Sobre a temática qualitativa. Disponível em: <https://www.academica.com.br/post/m%C3%A9todo-qualitativo-como-fazer>. Acesso em 06 mar. 2023.

MARTINS, J. S. As temporalidades da História na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, J. S. (org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 13-24.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PAIXÃO, K. C. **Ensino de geografia e as relações raciais**: o projeto nós propomos como intervenção metodológica para o resgate da cultura e identidade na comunidade remanescente quilombola de Vila Nova Jutai – Breu Branco PA. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Licenciatura em Geografia, Marabá, 2019.

PINTO, B. C. de M. **Nas veredas da sobrevivência**: memória, gêneros e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Belém: Paka-Tatu, 2004.

PLAZA, W. Há 21 anos era criada a Telemar, relembre sua história. 2019. Disponível em: <https://www.minhaoperadora.com.br/2019/05/ha-21-anos-era-criada-a-telemar-relembre-sua-historia.html>. Acesso em 13 dez. 2023.

SACK, R. D. O significado de territorialidade. In: DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2ª ed. 2013, p. 63-89.

SANTOS, M. **O espaço dividido**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SOUSA, L. O. C. **Quilombos**: identidade e história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Usina Hidrelétrica de Tucuruí, UHE Tucuruí. Acervo, Memória da Eletricidade 2020. Disponível em: <https://www.memoriadaeletricidade.com.br/acervo/4420/usina-hidreletrica-tucurui>. Acesso em 28 fev. 2023.

APÊNDICE

Apêndice I –

Identificação do entrevistado: Assis Meireles e Daysiane Meireles, donos da empresa Conect A&D.

Entrevista: gravador de voz.

Data da entrevista: 19 nov 2022.

Início: 15:08 h

Duração: 37m17s

Entrevistador: Lucas Lopes da Trindade

Pesquisador: De início, a internet era usada para que finalidade?

Assis: No começo a internet era usada somente para verificar o seguro, para ver se estava na conta, então outra coisa era a comunicação em si, né? Estavam surgindo as redes sociais, aliás, estávamos tendo conhecimentos das redes sociais, que na verdade elas já existiam. Aí nós começando a ter conhecimento das redes sociais e nós não tínhamos acesso, então nesse intuito, a gente foi buscar, a Daysiane entra em parceria com o provedor, que era o único provedor da cidade de Baião, que na época, era o Fernando e perguntei para ele se tinha a possibilidade de a gente conseguir colocar aqui na comunidade de Umarizal né e disse para ele que primeiro, é, seria para o funcionamento de um cyber, pelo menos de uma máquina, né? E ele disse que tinha possibilidades, só que o preço que ele cobrou na época era muito caro. Então a gente voltou, ficou mais quase um ano, não é? Foi. Conseguindo recursos para poder é contratar o serviço dele e aí foi aí que a gente conseguiu contratar o link dele e ele nos forneceu na época, 128 k, uma internet que na verdade, para ti acessar uma página como não tinha, para gente era novidade mesmo, não tinha, dava para acessar, porque na verdade, hoje mudou também os protocolos de rede, né? Hoje ficaram mais pesados os site e adicionaram, mais segurança então, foi o que ocasionou ter uma internet mais veloz para poder acessar o site de hoje, mas em primeiro momento foi isso daí que a gente fez.

Pesquisador: Lembra mais ou menos o ano que isso ocorreu?

Assis: Acredito, e se não me falha a memória em 2010 que a gente conseguiu colocar, a gente primeiro, eu lembro que era uma antenazinha de ferro, né?

Daysiane: Hum rum!

Assis: A gente conseguiu colocar lá atrás do cyber uma antena de 15 metros de ferro que a gente colocou aquelas antenazinhas via rádio 2.4 aquela que, tem uma grade grandona assim. Sobre os elementos da modernidade, e se tratando da internet e especificamente das redes sociais, de fato, acredito eu que veio a fortalecer bastante a comunidade, porque através das redes sociais,

através da internet, muitas outras comunidades, e o Brasil todo podem acompanhar o festival quilombola, o samba de cacete, tudo isso já está na mídia.

Daysiane: Eu tenho uma crítica sobre isso, uma pequena crítica, ela fortalece a divulgar a cultura em si, né? Aquele momento, por exemplo, vai ter hoje o Dia da Consciência Negra. Aí ela vai estar na mídia, está na mídia, não é? Só que a gente vê que a questão da mídia no Brasil todo, não sei, falar no Brasil, né, que é um território nosso, a questão do negro, da cultura afro-brasileira, ela se expandiu através das mídias, né? Ela teve mais, foi mais enxergada, digamos assim. Mas aí você falando agora é comparando a nossa idade com os pré-adolescentes jovens de hoje, a questão de brincadeiras tradicionais, né? Ela vai trazer, sim, a contribuição muito, né? Na educação, vai ter mais momento para pesquisar, vai ter outra forma de ter acesso à informação, mas por outro lado, se a gente não agregar isso, de fato à educação e direcionar a realidade porque, por exemplo, as crianças de hoje muitas não sabem o que é brincar de pega-pega e o que é brincar de brincadeiras tradicionais, antes seis, sete horas da noite, as brincadeiras estavam acontecendo, eram soltas, os jogos on-line de certa forma, na minha opinião né, eles acabam substituindo lazeres culturais e de infância que existia antigamente.

Assis: É, mas vendo por esse lado, acredito que na nossa comunidade em si, isso não teve muita força, a gente pode dizer que afetou uma porcentagem não muito razoável. Hoje a gente ainda vê o pessoal brincando de roda, de elástico, tem tempo que vem o raspa, não sei se tu fica observando, mas querendo ou não, ela não afetou como tem lugar que a gente vê aí que no dia a dia a internet tirou isso mesmo.

Daysiane: Mas em termos falando do quilombo de Umarizal, mais contribuiu do que prejudicou né, principalmente no acesso à informação, porque, muitas pessoas hoje por exemplo, tem a oportunidade de estudar on-line né? De conversar com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. Tem o acesso, hoje em dia tu não pode dizer que tu não sabe de nada né? Vai lá e pesquisa, ó, tá aqui e tu vai está a par de determinado assunto. Eu penso que a gente pode usar ainda mais né? Essa questão da mídia para fomentar a questão da identidade, eu fiz por exemplo, um tcc voltado para essa questão da identidade também, como é que eu saber das histórias culturais, elas contribuem para a identidade cultural né? Para te identificar como quilombola, então, dentro da educação no caso, e tem coisa que tu pode usar a oralidade para fomentar, tem tantas coisas.

Assis: O mais importante também, só concluindo a parte lá que é, a partir que a gente colocou os 128 k foi muito buscado pela nossa comunidade. Então todo mundo viu aquilo como um avanço, foi muito bem aceito.

Daysiane: É, e era a melhor internet que tinha naquele momento.

Assis: E o pessoal, poxa cara buscavam um conhecimento comigo que eu não tinha, tu está entendendo? Ai eu ficava... ai eu corri para buscar o conhecimento e tentar compartilhar, ai vamos supor, tu chegava comigo Assis olha eu tô precisando fazer uma pesquisa, assim, assim, assim, e eu não podia dizer não sei, eu trouxe a tecnologia pra cá, agora vou ter que me virar nos 30. Ai então, a partir daí a gente foi só aprimorando, enfim, a gente conseguiu. O povo queria nas suas casas, perguntavam se não tinha como colocar nas casas, reclamavam que iam ao cyber e não tinha computador livre ou espaço, queriam mais conforto. E eu dizia que isso não dependia tanto de mim, dependia do nosso fornecedor lá, enfim, quando, acho que 1 ano e meio ou 2 anos depois, acho que um ano e meio, ai a gente conseguiu colocar, instalar um primeiro cliente.

Daysiane: Via rádio.

Assis: Via rádio.

Pesquisador: Lembra quem foi esse cliente?

Assis: Me parece que foi a Leidiane.

Dayse: É parece que foi a Leidiane eu acho.

Assis: É, na época ela ainda estava aqui. A gente colocou a torre e instalou. Ela estava casada com o Fernando parece, um mecânico, então nessa época ai, eles foram um dos primeiros, depois dela, todo mundo queria, mas ai a dificuldade assim que eu digo, foi financeira, a maior dificuldade que a gente teve foi financeira.

Pesquisador: E todo o trabalho foi feito apenas com recurso próprio?

Assis: Só com recurso próprio.

Daysiane: Só com recurso próprio, a gente trabalhava e investia.

Assis: Ai tá, nós colocamos uma pra ela e tínhamos outra, eram dois pontos, aí tá, comprei, na verdade foram 3 antenas, e quando instalei aqui, instalei na casa dela, e ficou uma. Eu instalei mais outra, aí depois chegou um outro cliente. E o que que a gente fazia? Tirava de casa instalava do cliente e ficava sem internet em casa, até chegar uma outra antena.

Daysiane: Até chegar outra antena pra nós.

Assis: Isso, até chegar uma outra antena.

Daysiane: Ficou um tempo assim, até se estruturar financeiramente.

Assis: E a gente fez isso não foi só uma vez, foi dezenas de vezes.

Pesquisador: Cada vez que surgia um novo cliente acontecia isso?

Assis: Acontecia.

Daysiane: Até estabilizar né, financeiramente. Ai depois a gente tinha já, tinha em casa estoque para 2, 3 clientes.

Assis: É, depois a gente conseguiu.

Daysiane: Já tinha tempo de ter um estoque para atender, assim, de forma geral, eu analiso assim, dessa forma, eu com o Assis, eu sempre falo, a gente faz parte da cultura de Umarizal, no termo desse tema, comercial e econômico do desenvolvimento, somos pioneiros nessa questão do acesso à informação né? A gente foi um dos primeiros a colocar internet aqui na vila, via rádio e fomos os primeiros a colocar de fibra ótica, tecnologia de ponta.

Pesquisador: Vocês sabem quantas casas vocês atendem, quantos clientes vocês têm em média ou um número exato?

Assis: Usuários em geral daqui da comunidade ou a todos que nós fornecemos?

Pesquisador: Sim, todos que usam o provedor de vocês.

Assis: Hoje nós fornecemos para uma média de 120 clientes só aqui na comunidade, só nossos, agora se for colocar de todos que acessam internet, hoje somos nós e tem mais 2 concorrentes né? Aí vai dar de uns 250 clientes, usuários, que tem internet nas suas casas.

Daysiane: A gente já fornece também para Boa Vista Centro e Boa Vista né? Via rádio, que foi a forma que a gente achou de levar, porque como pra lá não tem investimento.

Assis: Ou mais, uns 300 por ai, não sei direito.

Pesquisador: E sobre a fibra ótica, quando foi que começou a ser instalada?

Daysiane: Em 2020.

Assis: No começo de 2020.

Daysiane: A COVID-19 trouxe várias coisas novas né? E uma dessas coisas novas foi a questão dos estudos on-line né?

Assis: Na verdade, surgiu um novo desafio né?

Daysiane: É, para todo mundo, tanto para quem trabalha com a questão da tecnologia, aí veio a questão das contas bancárias on-line, muitas, muitas, muitas mesmo. As pessoas passaram a ficar mais em casa, muita gente adquiriu tv, dessas smart ou comprou um celular para o seu filho estudar. Aí houve que a demanda começou a aumentar tanto de cliente quanto de banda, um cliente por exemplo que tinha 1 mega já não supria, queria acessar todos aqueles dispositivos e estudar com aquele plano né? Então a solução foi o que? A fibra ótica, ela tem muita vantagem em relação a via rádio né? Ai, como nesse período ficou, e aí, como que a gente vai fazer? Não tem como você por mais antena, porque o número de antenas já estava interferindo uma na

outra, havia esse problema também. A tecnologia de ponta que está agora é a fibra ótica, então bora atrás. Nós não entendíamos nada na época, nada de fibra ótica, assim, entendia de rede né? E aí o Assis, ele optou, estudar engenharia da computação, para poder se aprofundar e esse conhecimento voltar pra cá, que é o que aconteceu, se aprofundou em rede, em engenharia da computação pra poder vim trazer de volta pra cá e implantar. E mudar a questão, mudar não, implantar né? Que a gente tem os dois em funcionamento aqui ainda, que é a via rádio e a fibra ótica. Ai em 2020 a gente conseguiu, fez o projeto, né? De fibra ótica, tem que ter todo um projeto, aí começamos a implantar, foi em 2020.

Assis: Aí, porque umas das coisas também que mais me preocupava, nesse período, entrou a pandemia. Aí tu sabe que aqui na nossa comunidade ela foi fechada. Fechou na Transcmetá e os barcos praticamente, é uma vez ou outra lá, era uma briga para não sair e quem tá aqui pra não sair e quem tá lá fora pra não entrar. Então como é que a gente que trabalha com a internet né? Na verdade, com essa tecnologia, a gente tem que ter uma preocupação aqui, na verdade queira ou não vai ser só por aqui o povo não vai precisar, não vai poder ir, não é nem precisar, não vai poder ir na cidade fazer sacar dinheiro, não vai poder fazer compra, então as compras, a comunicação, vai ser tudo on-line.

Pesquisador: O fato de que aqui na comunidade não tem quase sinal de rede móvel, contribuiu para a instalação da fibra ótica?

Assis: Sim, ainda teve mais esse fato de não ter uma cobertura de internet das operadoras. O que mais me preocupou foi a questão dos estudos, que é fundamental para nós, nesse período eu ainda estava estudando e o nosso estudo ia ser remoto. Eu vou ter que ter um jeito, de alguma forma, de não só eu estudar, mas todos nós que moramos na comunidade estudar porque fomos todos mandado embora né todo mundo fica na sua casa e, principalmente, quem é da UFPA vai estudar de forma remota. Falei, então a gente tem que ver forma de continuar os estudo e continuar a vida enquanto essa pandemia afeta a gente aí e foi aí que a gente conseguiu, montou e deu tudo certo. Deu graças a Deus, primeiramente Deus, né? Preciso agradecer. Sempre coloca em primeiro lugar, Deus na frente, e o resto é resto. Nem tudo são, não é fácil e. Não sei se tu chega a acompanhar nosso dia a dia, aí sim, mas tem. Tem pessoas que não acha que é não o cara tá de boa.

Pesquisador: Precisa fazer manutenção na rede com constância?

Assis: Precisa, há necessidade, o cliente, ele quer que esteja funcionando, cara. Ele não quer saber se se deu um problema. Se não deu, resolve é resolve. Então é o que a engenharia trata. Ela. Ela tem o papel fundamental de tu resolver o problema da determinada empresa e

qualquer pessoa, Ah, tu tem um problema, Lucas, tu vai chegar comigo. Eu sou engenheiro da computação, então tu me passa o problema, eu tenho que resolver minha missão é resolver o teu problema, então. É graças a Deus. Hoje nós conseguimos resolver passando por essa pandemia. Estamos aí.

Pesquisador: Então, durante todos esses projetos que vocês fizeram quando colocaram a primeira vez e tudo mais, nenhum momento vocês tiveram recurso assim? Tipo, por exemplo, do poder público, só recurso próprio mesmo?

Assis: Não, a gente nunca teve apoio de prefeitura e nem uma instituição.

Daysiane: Hoje a gente é habilitado, né? Se a gente quiser, por exemplo, participar de alguma licitação. A gente tem a nossa empresa, né? Tá de portas abertas aí.

Assis: Isto está. Estamos apitos para ingressar em qualquer cidade, né? Tanto com conhecimento quanto é empresarial, a gente pode chegar em qualquer lugar e meter nossa fibra e nosso funcionário para trabalhar, participar de qualquer tipo de licitações em empresas ou prefeitura, enfim.

Daysiane: Eu tenho muito orgulho de dizer que eu sempre falo para o Assis. Quando a gente produziu o adesivo para pregar no roteador a gente é uma empresa genuinamente quilombola. Quando a gente vai fazer o processo seletivo há a pergunta, né? Que que você vai contribuir para a sua comunidade? Nosso trabalho é a realidade prática dessa pergunta, né? Então, tudo o que a gente aprendeu lá eu sou formada em pedagogia, ele está se formando em engenharia. São tudo pelo processo seletivo quilombola, especial. Então, aí o que precisar, então tudo que a gente tem de conhecimentos, procuramos ajudar aqui, e tá contribuindo com a comunidade. É um serviço? É, isso, é pago? É, mas a gente nunca é só pelo dinheiro entendeu? A gente sempre vai além daquilo que a gente está oferecendo.

Assis: Eu sempre falo, não só para a Daysiane, mas para todos aqueles que adquirem o nosso, o nosso serviço, né? Todo mundo tem o direito de escolha que a gente sempre vai, não que outros lugares não sejam privilegiados, mas eu disse pra ela. Aqui nós vamos sempre privilegiar aqui é nosso reduto, nosso berço. Então tudo o que tiver de melhor, nós vamos trazer para dentro da nossa comunidade primeiramente. Então foi isso. Mas muitas comunidades até cidades, não tinha fibra quando nós colocamos, mas nós conseguimos trazer para dentro da nossa comunidade e a partir de nós outros quiseram vir atrás, mas vieram atrás de nós. Mesmo com recurso maior, empresa maiores. Mas já vieram depois que nós. É, então foi assim.

Daysiane: Eu penso que a internet contribuiu sim. E vem contribuindo muito, né? Aqui para o quilombo de Umarizal.

Pesquisador: Em relação a internet e as inscrições do processo seletivo da UFPA e Unifesspa, o que vocês têm a dizer sobre isso?

Pesquisador: E essa questão de internet e festival quilombola. Vocês acham que deu certo, que atrapalhou? Ajudou na divulgação e expansão do festival quilombola?

Assis: Acredito eu que a internet, ela tem sempre sua contribuição na nossa cultura, por quê em primeiro lugar. É quando tu tem internet em determinado local, e tu usa ela pro bem, é como foi feito aqui, o nosso festival atualmente foi uns dos festivais mais divulgados, então chegou em todos os lugares. De que forma chegou lá? Não foi de boca a boca, aí chegou através da internet, da mídia, das redes sociais. E outro ponto fundamental é que cara eu tô lá em Brasília, eu não, não vou poder chegar na minha comunidade para eu ver lá o desfile, o evento que vai ter então, a gente sempre distribui a transmissão ao vivo no nosso. Sempre. A gente está disponível pros festivais aí pra fazer essa parceria sempre pra fazer. Como é que chama o? Não a filmagem e fazer a live. Online ao vivo, né aí? Eu sempre de vez em quando fico acompanhando. Eu vejo muita gente que não pode estar aqui. Aí se sente feliz lá fora em está acompanhando a nossa cultura aqui. É que ela pode vir a atrapalhar? Eu não. Não vejo tanto a respeito sobre atrapalhar em momento algum, não vejo atrapalho. Vejo mais contribuições do que atrapalho.

Assis: Em relação a cultura, hoje em dia não se perde, eu acho que só vem a contribuir, é porque está sendo usado de forma correta, né? Só que queira ou não, a internet ela tem dois lados. Se eu optar pelo lado bom, vai ter só frutos bom. Se eu optar pelo lado, mal pode ter coisas trágicas isso.

Pesquisador: Em relação a chegada da internet e as inscrições para o PSE da UFPA e Unifesspa, vocês tem algo para relatar sobre isso?

Assis: Eu tenho uma coisa a relatar, não sei se vai servir para o teu tcc, mas pode ser que sim, mais como uma experiência é do ano que nós se inscrevemos. Nesse período, nós passamos pelo uma. Foi um ciclo de migração, não foi? Foi quando o provedor que nos fornecia deixou de nos fornecer. Aí nós precisamos é passar para um outro fornecedor, então aí o outro fornecedor exigia de uma torre. A gente não tinha estrutura, então a gente ficou um período sem internet aqui. Então certo esse período da inscrição do processo seletivo de 2013 para 2014. Nessa transmissão aí nesse período a gente não tinha internet. Eu lembro que nós fomos conseguir nos inscrever no último dia, não foi? Nós corremos atrás no último dia, nas últimas horas já para fazer a matrícula do processo seletivo. E acredito que isso hoje é. É muito bom, porque o aluno a gente costuma fazer matrícula do aluno lá do Bailique, de onde ele tiver. Olha

preciso que tu me passe a tua matrícula só passa pelo WhatsApp os dados dele, a gente faz a matrícula dele, ó, tá aqui o teu comprovante de matrícula. Então ele não precisa nem se deslocar do local da casa dele pra vir fazer. E, cara, eu acho que só contribui muito e vem contribuindo cada dia mais, né? A internet. É lógico que o conhecimento mesmo tu tendo como a internet precisa ter o conhecimento pra te fazer. Às vezes a pessoa até sabe o caminho, mas ela não tem segurança de fazer não, poxa, eu quero que saia tudo certinho, então eu vou colocar mandar o cara que já tem já é acostumado fazer pra mim né? Pra ele não se perder, então tem essa. Eu lembro que quando fomos fazer a matrícula e agora pra gente fazer aí eu disse, ai não tem que a gente buscar aqui. Então bora dá um jeito né Daysiane, como é que a gente vai fazer a matrícula? Já a matrícula lá dentro sistemas. Essa parte já aí. Tudo, tudo foi novo pra gente, só que servindo de aprendizado pro próximo que vim né? Porque os outros que vieram aí já vinham, com a gente a gente já tinha o caminho, já tinha um norte. Olha por aqui, por aqui precisa isso, já é um, já dava uma orientação melhor. E muitos, não. Não saiu daqui pra universidade gastando, ah é lá em Belém, aí vai o cara chegava lá, não é agora tu ainda vai ter que fazer tua matrícula. Tudininho online. Não sei se tu tá me entendendo.

Apêndice II –

Identificação do entrevistado: Divaldo Vieira, coordenador do grupo de Samba de Cacete de Umarizal.

Entrevista: gravador de voz.

Data da entrevista: 12 maio 2023.

Início: 19:28:33 h

Duração: 01h 09m 17s

Entrevistador: Lucas Lopes da Trindade

Pesquisador: Como que a internet e as redes sociais, facilitam a reunião entre vocês? Principalmente quando o samba vai se apresentar fora aqui da comunidade, como que é essa interação? Há esse uso?

Divaldo: Lucas, a tecnologia, ela chegou de uma forma no Quilombo. Eu vejo assim, de uma forma muito rápida. Que porque eu convivo aqui, mas eu convivo assim de uma forma sem viver com essa tecnologia, por exemplo, a internet. Ela é uma das ferramentas que, para nós, do samba de cacete, ela é muito benéfica, mas por causa do que ela lida com pessoas, maduras, amadurecidas. Hoje ela é uma ferramenta de suma importância. Pela educação que nós temos familiar, o Samba de Cacete, tem muita gente nova, mas os coordenadores são sempre mais gente idosos de uma idade mais avançada, que tem aquele perfil mesmo de educar familiar, mas que quando tu fala na internet. Para nós do Samba de Cacete ela chegou e resolveu o problema. Por exemplo, nós temos muito uma afinidade com Belém e nós sempre fizemos nossas apresentações lá em Belém. É muito bom que esse teu trabalho ele vai chegar lá no sul do Pará, para começar a mostrar o que nós temos de bom, que é a nossa cultura do Samba de Cacete, que nós fazemos parte do Festival de Umarizal e o nosso festival chama-se de fornada, tem o Festival Quilombola, que é o festival da comunidade, mas especificamente do samba, é a fornada que nós fazemos na semana da Consciência Negra. A gente faz do dia 14 até o 20, que na lei orgânica do município é a lei municipal, não é? De 14 a 20. Nós não temos uma data certa. Nós e nós comemoramos a nossa formada nesse período. Do 14 a 20, toda essa é a semana que nós temos de Consciência Negra. E com isso, Samba de Cacete, como é uma cultura nossa, uma cultura assim, que nós trouxemos no sangue. Nós temos isso que o Samba de Cacete também, Lucas, ele tem muita gente que fala como especificamente a dança, não é? Mas nós não somos somente a dança, nós somos n de coisas, porque o Samba de Cacete lá, nós trouxemos da África, os nossos antepassados aqui no quilombo nosso, nossas bisavós não estudavam, as mulheres não estudavam. Por quê? Para não se comunicar com seu namorado, olha só a importância das redes sociais hoje. Que as mulheres não estudavam para não se

comunicar através da escrita com seu namorado, porque a questão era familiar, tinha que falar com o pai e mãe para poder ter uma vida conjugal. Mas, o Samba de Cacete, ele vem dessa forma, nesse contexto aí eu não estudo, mas eu faço uma música do Samba de Cacete que eu vou oferecer sem o meu pai pensar, eu estou oferecendo para o namorado meu, sim. Sem a minha mãe saber, eu vou dizer que eu estou apaixonada pelo fulano, eu estou apaixonada pela Joana. Era nesse contexto, mas também o Samba de Cacete ele traz a coreografia, a dança do nosso tempo de roçado. A dança, ela simboliza o plantar da maniva, que no tempo passado nós não plantávamos maniva cobrindo com o pé, mas sim, era com a mão naquele mesmo gingado que o Samba de Cacete faz. Tudo isso nós trouxemos e o Samba de Cacete também, ele simbolizava tudo isso, mas ele simbolizava alegria. Terminava de plantar roçado tinha uma rodada de Samba de Cacete, ah, vai se comemorar a festa de um santo tem um Samba de Cacete, vai ser o cívico do nosso padroeiro, tem uma rodada de Samba de Cacete, tudo isso ele nos trouxe, esses aparatos. Ia a internet, a energia, ela veio facilitar por causa do quê? Olha só que no tempo que nós vivíamos na luz elétrica, na luz do motor a diesel hoje mudou para a hidrelétrica, mas antes nós tínhamos a lata de leite que a gente fazia a lamparina de pavio grosso, três, quatro lamparinas, botava no barracão e isso era luz para a gente dançar o Samba de Cacete.

Pesquisador: Dá para afirmar que através das mídias sociais como, Youtube, Facebook, Instagram, WhatsApp, o samba de cacete desse quilombo foi levado para outras regiões? Dentro do coletivo, dentro do samba, isso foi bem recebido, como isso é visto?

Divaldo: Chegou. Eu vou dizer, cautela não é Lucas, por causa do quê? Quando eu, quando eu emprego, a palavra cautela, porque é no sentido educacional. Porque nós não usamos as redes sociais, o YouTube, o Facebook outra para vandalizar ninguém, nem para causar fake sobre alguns outros grupos, mas sim para evoluir no que nós somos capazes por exemplo, aí, ó, foi uma coisa que nós fomos reivindicar aí. A energia para cá, para o Umarizal através do samba, falando com a governadora Ana Júlia, fomos falar com ela e nós fomos reivindicar energia. Nós fomos buscar com o governo, com a governadora do estado um compromisso para que ela deixasse o nosso quilombo iluminado, até por causa do que o Fernando Henrique Cardoso, ele tinha um projeto, mas isso não foi através do samba, só para ter mais um ímpar que era a Luz no Campo. Essa Luz no Campo, ela vinha a passar ai atrás na BR 422 em 2014. Mas era um projeto muito que não teríamos condições de chegar até aqui, com a nossa energia. Mas olha só quando tu fala assim, na expansão do que nos trouxe de benéfico para nós. E eu penso que foi uma coisa que não tem nem comparação o benefício que trouxe para a nossa cultura. Quando eu estava fazendo em 2012, olha só, em 2012 Lucas, eu estava fazendo ciência sociais e tinha

uma senhora lá, uma professora lá de Placas no Breu Branco. E um dia ela chegou comigo e perguntou pra mim, e disse pra mim, pra eu cantar a música do samba na minha racha. Canta minha racha para mim, Moreno. Me chamaram e me identifiquei como Moreno. Ela falou eu já fiz uma apresentação com meus alunos do samba de cassete, de Umarizal, pesquisei a música no YouTube. Aí. Olha só, em 2012. Nós estávamos começando a engatinhar aí a questão da internet. E outro município, outras vilas maiores, já estavam se familiarizando diretamente com isso, já buscavam, ensinamento para os alunos lá com a nossa cultura. Mas eu quero dizer o seguinte, Lucas, que eu não sei como funciona lá na universidade, que tu estuda em Marabá, mas que para quem tem a cultura do Samba de Cacete, a raiz como quilombola. É quando tu vai sentir o prazer de ouvir essa música é quando tu está lá na universidade, aí que quando toca, por exemplo, bate, bate, chicolate, que ele não fala chocolate no nosso dialeto e na nossa fala era bate, bate chicolate. Nossa, aquilo arrepia dentro do sangue da gente, por causa do quê? Porque é uma cultura que vai muito, né? Já liga direto o indivíduo na cultura dele, então é isso, mas dentro das culturas musicais, nem uma música interfere na nossa e nós não interferimos nelas também. Nós só elevamos o nosso trabalho para que seja reconhecido, eu penso que hoje não é, quase todas as universidades do Pará, elas conhecem um pouco da nossa cultura, graças ao aos nossos alunos acadêmicos que estão lá para isso, é muito bom, a gente precisa ter um contato mais próximo da universidade. Sei que para nós isso, Lucas, seria muito bom para Umarizal. Por exemplo, olha só o que as redes sociais fizeram conosco no ano de 2022. O som do nosso tambor foi a abertura da cobertura da Copa do Mundo nós tivemos participação no É do Pará, né? Aí, a imprensa. Muito gratificante por causa do quê? Nós, o nosso mestre do tambor, o mestre do cacete, como o Doriedson que é mestre do cacete, o Manuel Camilo, que é o mestre de tambor, eles apareceram ali numa reportagem na Globo, olha que isso nunca imaginava de estar ali aonde nós fomos. O É do Pará, veio aqui conhecer a cultura, nossa do Samba de Cacete e ficaram encantados, porque é de encantar. Tu já pensaste o ritmo dançado? No som de dois tambores e quatro cacetes, sem nenhum instrumento eletrônico, só o microfone para escutar zoar mais a voz, isso é incalculável para descrever, algo é, que impressiona todo mundo, né? Domingo nós vamos reunir com o grupo de samba, porque a nossa sede que é Baião, está nos chamando para dois momentos festivos de Samba de Cacete. Mas no dia 1º e no 2º, que nós vamos ter que definir o qual dia nós vamos para lá, porque aí eles querem que a gente amanheça na alvorada e querem que faça o dia 2º.

Pesquisador: Nessa questão de convites, por exemplo, você irá precisar ir lá dá a resposta, enviar um documento ou é resolvido de outra forma?

Divaldo: Agora não preciso viajar, você já consegue, por exemplo, essa resposta, vou dar para Baião pelo WhatsApp. Nós vamos conversar via redes sociais. Antes tinha que ir em Baião acertar, conversar e hoje nem precisa estar lá. A gente precisa só chamar nas redes sociais, WhatsApp, já bota tudo, isso vem nos beneficiar por causa do quê? A amostragem do que nós temos a gente faz daqui para lá. Como qualquer acadêmico, sabe, que faz as provas, provas online, assim a gente faz os nossos encontros também. Ainda sobre as redes sociais. Essa é uma cultura muito forte que a juventude quer, mas isso não impede que nós também nos fortalecemos dentro dessa própria cultura. Até por causa de quê? Eu costumo dizer Lucas, mas também isso é por causa que o sistema brasileiro ele usa outras coisas para se dar bem. Por exemplo, o capitalismo né, hoje tu vê o capitalismo se beneficiando das políticas, do socialismo. E nós aqui na nossa cultura não foi diferente. Nós nos beneficiamos do capitalismo quando chegou com uma cultura forte. Mas olha, Lucas, eu vou te falar uma coisa, é por causa que nós já temos uma cultura forte.

Pesquisador: Agora eu queria falar com o senhor, a questão da construção da BR, que é a 422. Na sua opinião, quais foram os benefícios e as desvantagens que o senhor acha que abertura dessa BR trouxe para o quilombo?

Divaldo: Eu quero dizer logo no que foi a estrada, a BR-422, pouca, a gente sabe que o samba ele tem como registro desde 1884. Ele já prevalece aqui nesse nosso quilombo. Por que ele prevalece? Porque nós não inventamos uma cultura, nós trouxemos e quando o Sinfrônio, o Antônio, a Virgilina se embrenharam de mata adentro, eles também já trouxeram o samba. Olha só porque eu estou falando em benefício e malefício. Se fosse no tempo da estrada, eles não faziam todo esse percurso que fizeram em vários dias para poder se localizar em Paxibal, mas eles fizeram um percurso muito longo, muita canoa, pegaram canoa, se embrenharam no mato e vieram andando. Se fosse nesse tempo da estrada da BR 422, tu acha que eles passavam mais de vinte quatro horas andando? Não, eles pegavam um transporte e se localizavam logo aí, mas não, olha só. Mas para nós foi muito maléfico, a estrada, porque eu estou dizendo o seguinte. Se essa estrada tivesse no tempo da formação do nosso quilombo, nós tínhamos o quilombo aqui? Não, não tinha porque os patrões vinham buscar o Antônio, o Sinfrônio, a Virgilina vinham buscar porque eles tinham senhores na época. Ah, então foi maléfico e benéfico também porque se tivesse a estrada, nós não tínhamos o nosso quilombo, como nós não tínhamos a estrada, nós começamos a nos organizar na pessoa do Antônio, do Sinfrônio, da Virgilina, de outras e outras pessoas que estavam aqui com eles. Com isso, começamos nos organizar, pá. Organizamos, organizamos, organizamos depois. Chegou. os índios, não é? Ah, índios vão

invadir o Paxibal os nossos homens, que eram muito guerreiros, eles começaram a migrar para a beira, Umarizal Beira, quando eles migraram para cá, eles não dormiam aqui, eles dormiam na ilha. Dormiam na ilha porque o índio atacava seis horas da manhã e seis horas da tarde. Então eles deixavam essa hora passar. Eles vinham antes da noite de lá e vinham embora e amanheciam lá. Por quê? Porque o índio não atacava fora dessas duas horas, era só seis horas da tarde e seis horas da manhã, seis horas da manhã, quando estava chegando, porque alguém estava chegando do lado de lá eles atacavam. E como o Antônio e o Sinfrônio eram muito espertos antes das seis eles vinham do Paxibal e só iam depois das seis da manhã daqui para o Paxibal. E a estrada depois com isso, ela nos trouxe muito benefício por causa do quê? Porque nos trouxe educação, nos trouxe a saúde. Isso é muito benéfico pela estrada, por causa do quê? Porque começou a evoluir. Aí nós tivemos condição do quê? Ah, o nosso doente, adoce aqui e nós corremos para Tucuruí ou Cametá, que são as cidades mais próxima que hoje nós contamos com transporte terrestre devido. Nós temos a BR 422, aí está lá nos beneficiou por uma parte, mas também, se tivesse na época que nós fizemos o nosso quilombo, nós não éramos do nosso quilombo por causa do que o chefe do Sinfrônio tinha vindo buscar ele aqui.

Pesquisador: Baseado na sua fala, se fosse para fazer um recorte de 1980 até agora ela só trouxe benefícios?

Divaldo: Só trouxe benefício. Ela só trouxe benefício. Ela trouxe muito benefício a BR 422.

Pesquisador: É como era o quilombo antes da chegada, da energia elétrica e da internet?

Divaldo: Nós não chegamos diretamente com essa energia da hidrelétrica, nós chegamos com a primeira energia, movida com motor a diesel. Esse motor a diesel, ele nos trouxe um benefício, que eu acho que era o mínimo dentro dos mínimos. Por causa do quê? Nós acendíamos a nossa energia às 18:30, mas quando era 21:30 apagava, era só para dizer que nós tínhamos energia para jantar no claro. Isso era no tempo lá embaixo, mas eu acho que a energia, que antes da energia, nós vivíamos muito bem, muito bem, muito bem, por causa que nós tínhamos as nossas oito horas de sono mantido, nós não tínhamos essa nossa vida rotineira aqui de hoje. Tu pode levar um serviço até mais tarde, ah bora aproveitar a energia. Nós não fazíamos antes, os nossos antepassados que teciam paneiros na sala da casa, eles não teciam de noite por causa do quê? Porque não tinha energia. Eles faziam o tesseme até que chegasse à noite. Chegou à noite, parou, por causa do quê? Nós tínhamos a noite somente para descanso. Hoje nós não temos a noite quase só para descanso, nós temos a noite para ajudar a render, para complementar o dia. E à chegada da internet também Lucas ela, foi benéfica em uma parte, mas ela trouxe muitas outras coisas que não são benéficas para nós, para a gente. Hoje eu deixo de abençoar minha

filha, meu filho dentro dessa comunidade que é tão pequena, mas eu não abençoo, porque eu dou um bom dia para eles nas redes sociais, não é? Oi, minha filha, tudo bem? Bom dia, como é que tu estás? E hoje eu não conheço a realidade do meu vizinho porque eu dou só um oi para ele pelas rede sociais, para ele mora parede com parede de casa assim. Quando eu quero dizer, eu só digo oi e antigamente, não. Esse contato físico era muito válido. Tu passava perto de um bêbado que vinha na rua, ele vinha caindo, mas ele falava boa noite contigo. Ele passava perto de ti, ele pegava na tua mão. Hoje tu passa perto de alguém na praça tem vez que a gente nem. Ele nem percebe que tu passou lá, porque ele está tão visado nas redes sociais querendo ver as coisas que tu passa despercebido. Então o que eu digo com a internet? Ela nos aproximou de uma forma, mas ela nos distanciou. Ela aproximou quem está longe e afastou quem está perto, ela aproxima o distante e afasta o que estão próximos.

Pesquisador: O senhor tocou no assunto do processo de instalação da energia elétrica que o samba ajudou nesse processo. Você pode falar mais sobre isso, não só sobre a participação do samba, mas sobre a questão no geral, como foi a luta, como foi a instalação?

Divaldo: Primeiro, nós começamos nos organizar como uma comunidade né Lucas. Foi quando eu te disse que o Samba de Cacete ele não era só apenas uma dança, mas era um pedido através da letra da música, porque o que eles queriam dizer, eles falavam através da letra da música e eles criticam, eles aplaudem, eles namoram, eles dizem que tem ódio, eles têm amor, através da letra da música. Olha só, a minha mãe chamava Zinha e tinha uma irmã Rosa, mas era a cultura deles, a única musicalidade que eles tinham era Samba de Cacete, eles eram nata do Umarizal, então elas cantaram uma para a outra Rosa, minha flor, a mamãe cantando para Rosa, que era a irmã dela, não era a flor totalmente planta, mas era a Rosa irmã, ô Rosa ô Rosa, minha flor, quem foi que te apanhou da roseira flor? Ela respondeu, fui eu, mana Zinha, fui eu. Está vendo como é uma proximidade, eles conversavam dentro da musicalidade, tinha o diálogo elas. Ah, então o Samba de Cacete é isso, a comunidade inventou e aí o samba começou, vou pegar para mim essa discussão também eu vou pra cima, aí foi e chegou, se apresentou pra Ana Júlia. Qualquer movimento que tinha tá lá o Samba de Cacete com suas vestes, com o seu uniforme pra buscar, e aí foi assim. Até porque causa do quê? Porque nós fomos também fazendo valer que nós estávamos evoluindo nos séculos, né Lucas? Nós íamos ficar muito arcaicos porque nós tínhamos que acompanhar e essa acompanhamento foi muito boa, mas eu digo que o Umarizal Lucas ele deu um pontapé muito forte desde quando a lei 10.639 veio fazer valer Lucas. Lá em 2003, se não me falha a memória 2006 por aí. 2006 parece que veio valer a lei 10.639, essa lei que apoia pretos. Né? Que ela nos dá todo o aparato, que nos dá a cota, que nos dá essa

participação, que pune os preconceituosos, porque nós tínhamos isso, nós tínhamos uma coisa dentro de nós que nós não podíamos falar nada porque eles inibiam a nossa fala qualquer criança chegava contigo e te botava para baixo, por causa do quê? Porque eles inferiorizavam a cor da tua pele. Eles inferiorizavam a tua sandália que tu estava usando. E hoje nós vamos pra cima, hoje nós temos graças a essa lei 10.639, nós temos os acadêmicos lá no Marabá, nós temos acadêmicos lá em Belém. E com isso eles vão, eles aprendem lá e traz o conhecimento pra gente aqui também. Para isso eu digo que é muito benéfico, que nós passamos, nós começamos também a fazer valer.

Pesquisador: Ainda nessa questão da energia elétrica, esse processo de luta, foi junto com outras comunidades ou a comunidade ia nisso sozinha?

Divaldo: Não, não, não, foi uma junção de todo o Quarto Distrito Lucas. Olha, nós chegamos Lucas, nós fomos no movimento porque nós dizemos que se nós brigasse lá não brigasse assim fisicamente, mas se nós brigássemos juridicamente, nós conseguíamos. Olha, Lucas, nós fomos em 87, se não me falha a memória em 87 nós fomos em um encontro, a buscar energia lá na Vila, no Tucuruí, a Vila Permanente. Olha Lucas que quando a gente se calava lá a gente ouvia o estalo de tanta polícia que estava naquela mata lá, qualquer ação que nós fizéssemos, eles nos detonavam. E não era só o Umarizal, era toda a comunidade, era Igarapé Preto, era Poção, era Joana Perez, Araquembáua, Baixinha, todo mundo achava de ir naquela briga. Era muita gente que estava e tinha uma turma negociando o sindicato dos trabalhadores, que nos apoiava, estava negociando lá em cima e nós só lutando aqui embaixo, nós estávamos fazendo um movimento aqui embaixo. Não, não vai passar ninguém aqui, nós vamos fechar a estrada legalmente para que nós tenhamos uma resposta, Lucas, a coisa mais incrível Lucas, que o helicóptero passava em cima da gente que soprava o vento, mano, de tão próximo que ele passava da multidão, era para intimidar mesmo que eles faziam isso, mas nós estávamos organizados todo o município, isso eu acho que isso foi um pontapé muito forte. Esse foi o primeiro movimento, lá em 87. Mas depois, Lucas nós voltamos a fechar e quando passou o ligamento da energia para Cametá, nós fomos e fizemos uma barreira, uma fechada na BR 422. Porque lá passa perto a subestação. Nós fizemos uma fogueira. que dava mais de 5 m de pau, e nós tínhamos para simbolizar um carote lá, um carote lá na beira perto da fogueira que nós fizemos de pau armado, que quando nós ameaçamos em tocar fogo, mas nós não ia tocar, que nós não tinha nem mesmo gasolina. Era só para efeito de poder, olha só, mas não deu, não deu três horas de movimento, o presidente da Eletronorte, ele pousou na BR. Pra vim buscar uma solução, como era de inverno, e a nossa estrada fechava na época que não tinha todo esse trabalho ele disse que não poderia fazer esse

trabalho que era inverno. Aí foi que o nosso quilombo, não, nós somos o quilombo maior, tu começa por lá pelo Umarizal logo a fazer a instalação lá, depois tu sai pra cima. E aí foi que vinham os grandes caminhões trazendo postes e afincavam aqui na Vila todinha, fizeram tudo, aí quando foi chegando o verão de maio em diante eles começaram instalar nas estradas e aí as outras comunidades que viram que o nosso movimento foi muito forte. Eles começaram a organizar também já foi que primeiro contemplado com a energia, foi o Umarizal, Joana Peres e essas comunidades ali, o Anilzinho, passou lá perto e não foi instalada.

Pesquisador: Nessa luta, vocês tiveram o apoio de algum órgão governamental ou era uma organização só entre as comunidades mesmo?

Divaldo: Não Lucas, nós nos organizava muito forte, mas nós tínhamos apoio também dos nossos políticos, do poder maior e até os próprios fazendeiros Lucas da região, eles nos apoiavam um apoio muito forte. A parte da alimentação, por exemplo, quando nós organizamos em Joana Perez toda a alimentação foi doada por um caminhoneiro. Eu dou, eu vou doar e doou três vacas parece pra gente. Então eles apoiavam, arroz vinha da cidade, feijão, farinha a gente fazia cooperação aqui e levava. Então foi uma via de mão dupla mesmo, todo mundo pegou a causa para que nós chegássemos aonde estamos hoje.

Pesquisador: Agora são mais questões pessoais, como o senhor se identifica aqui com o território quilombola?

Divaldo: Na verdade, eu me sinto um contribuinte, né Lucas? Daqui, em todos os aspectos que esse quilombo me procura. Eu sempre, nunca, nunca dobrei as costas para ele. Por causa do quê? Porque toda a minha contribuição para mim é pequena para esse lugar. Então eu como pessoa desse quilombo eu me sinto um pequeno homem com trabalho grande, né Lucas? Para que, para que ele possa ver o meu trabalho até e, isso era a minha vocação desde pequeno Lucas. Que eu tinha uma louca vontade de ser um cara que tivesse mais um conhecimento um pouquinho para não ficar fazendo coisas que o nosso quilombo não aceitasse, por exemplo. Então, constitui uma família, essa minha família me deu várias coisas, por exemplo, bem. E eu assim, vivo aqui no meu quilombo, tentando contribuindo com tudo que eu posso.

Pesquisador: O senhor participa do festival quilombola?

Divaldo: Assiduamente.

Pesquisador: Pode detalhar de que forma o senhor participa? Se é como brincante ou organizador?

Divaldo: Lucas, eu quase nem participo como brincante, quase nunca participei como brincante, só como organizador mesmo. É, mais como organizador do que como brincante, até por causa do que os outros profissionais na carpintaria, eu penso que os organizadores, quando eu não estou dentro do movimento, eles se sentem assim. Mas assim, a vontade de vir me convidar para fazer barraco para fazer cerca, para fazer isso, para fazer aquele outro. E eu nunca falei não, nunca dobrei as costas para falar não para eles sempre eu estou ali, como um cara para contribuir. Eu só quero te dar um exemplo que uma certa vez eu não estava dentro do movimento e o palco da nossa sede era aquele palcozinho num lado, né? E o pessoal me disseram que não tinham como fazer um palco. Eu falei, se vocês fizerem a estrutura aqui em cima, eu faço um palco lá dentro sem cobrar nada pra vocês, nada, faço sim. Aí eu pedi a estrutura, por incrível que pareça, os caras que estavam só retelhando ali, eles deram ingresso, quando eu fui comprar o ingresso pro meu filho eles me venderam, mas também eu nunca reclamei. Comprei o ingresso do meu filho e olha que eu estava doando o serviço, mas tive a festa no palco já feito por mim. Aí, é isso que eu tô te falando, a minha contribuição sempre é como organizador, quase não como brincante.

Pesquisador: Em questão a identidade territorial, o senhor acha que a chegada, desses elementos da modernidade energia elétrica e internet, eles ajudaram ou atrapalharam o fortalecimento da identidade quilombola e na identificação com o território?

Divaldo: Não, não Lucas, não atrapalharam na minha opinião não atrapalharam. O que é que tá faltando com essa chegada? Está faltando que o nosso quilombo, como nós temos um estatuto Lucas que busca esse regulamento, de que era de dois anos, de quatro em quatro anos hoje, para ter uma eleição. Nós temos que sair daquele tempo, Lucas, e vir para a modernidade junto com o que a internet, a energia nos deram. Por causa disso, olha só, hoje nós podemos entrar numa live com ministro de cultura lá em Brasília, e o nosso coordenador chefe, ele nunca fez isso, ele nunca foi buscar conhecimento, ele nunca fez valer o nosso quilombo.

Pesquisador: O senhor usa redes sociais? Se sim, para qual finalidade?

Divaldo: Ainda é só para benefício mesmo, só para as coisas mais íntimas da família, por exemplo, olha só hoje, hoje mesmo eu precisei de um concerto de um notebook, e daqui de casa, eu negocieei com o rapaz lá em Belém que eu nem conheço ele. Mas hoje o notebook já está no Igarapé Preto, usei as redes sociais para quê? Para fazer o pagamento via pix para negociar a vinda, a ida do notebook pra lá, tudo, então esse uso é mais assim para beneficiar uso pessoal.

Pesquisador: O senhor acha que as redes sociais ajudam a manter a identidade quilombola?

Divaldo: No meu pensar ela ajuda.

Pesquisador: O senhor participou de alguma comissão do Festival Quilombola?

Divaldo: Sim, o primeiro festival quilombola. Olha só quando começou o Festival Quilombola, por quê? Isso foi o intuito de começar porque nós íamos perder a festa de santo, da Santíssima Trindade, isso não foi Baião, mas foi um critério da igreja católica lá na central, que tirasse todo o vínculo com bebida alcoólica da festa religiosa, quando nós fizemos isso que acabou, então, nós pensamos num festival e discutimos com a comunidade vários temas e aí que se chegou no consenso de Festival Quilombola. Mas nisso estava dentro o Arilson, que é um cara, muito parceiro, estava Zé Corado, estava o João Roberto, essa discussão foi entre essas pessoas eu estava ali junto para se fazer um festival. Como fazer esse Festival Quilombola? É vamos ter que deixar passar quatro, cinco dias da festa da Trindade, a gente faz três dias de festival, ah, nós vamos ter que fazer uma festa campal para todas as religiões em um dia só, nós vamos ter que elevar a cultura e no outro dia a gente faz a festa totalmente dita. A gente vai escolher uma banda pra poder finalizar esse festival quilombola, tá? E quando nós fomos fazer, nós trouxemos a 007, a primeira, que é uma bandinha que estava surgindo no estado, quando nós trouxemos aqui a 007 foi uma polémica que eles não queriam vim Lucas, mas não vinham de jeito nenhum. E aí, que quando eles chegaram aqui, num trapixinho de madeira uma das empresarias ou a dona do 007 ela falou claramente para todo mundo, para nós ouvir nós que estávamos esperando ela nós coordenadores da festa, eu, Marico, ela falou, Ah, aqui tem carro, olha só a visão dela, porque vem pro quilombo, o Marico, que é um dos coordenadores da festa, falou, mas a senhora não veio para a ilha para dar uma resposta como uma brincadeira, mas uma resposta para ela né? E a nós fizemos esse festival. Esse festival ele tem uma marca muito forte para mim, ele tem uma marca muito forte. Porque nós conseguimos comprar todo o tijolo para igreja católica, nós compramos com saldo da festa, nós compramos o tijolo, porque o pessoal queriam pra gente entregar em dinheiro, vamos pegar em dinheiro, não aí eu o Marico e outros festeiros, nós decidimos, não, nós vamos comprar tijolo para fazer igreja porque a nossa igreja está pequena, nós vamos comprar. Nós conseguimos comprar uma carrada fechada de um caminhão de Tucuruí para cá, que a gente trouxe pra nós a carrada e com isso nós depositamos na casa do padre lá que nós tínhamos a casa do padre, depositamos todo o tijolo lá que hoje nós temos essa nossa igreja católica aí, mas foi com dinheiro que nós arrecadamos do festival quilombola.

Pesquisador: Essa primeira edição, o senhor lembra de todos que foram os idealizadores?
Divaldo: Nós pegamos as pessoas que tinham mais cabeças, assim os mais pensantes da Vila, o Arilson, como tinha vindo do Breu Branco, professor lá, né? E ele se identifica desse jeito que ele tem tudo, pá. João Roberto, Dilson Serrão, o Divaldo estava lá, José Corado estava também, Pedro Meia-Noite, Marico e outros, aí nós começamos discutir. O que fazer para nós não perder? Porque A virtude era não perder, ah, nós vamos perder a festa porque já era uma das festas mais conhecida no município. Pois é, essas pessoas que foram os idealizadores desse projeto, que é o festival.

Pesquisador: O senhor pode explicar como se dá a relação entre redes sociais e festival quilombola?

Divaldo: Aí ela entra como matriz, as redes sociais. Ela é a matriz, na nossa organização dele, porque tudo que nós apresentamos que nós temos, é através das redes sociais, é ela que nos que é a nossa perna, é a nossa perna, maior é ela. Até por causa do quê? Dentro do município de Baião, nós temos três festivais somente, não é? Que é o Festival Quilombola aqui do Umarizal, nós temos o Festival do Camarão, que é no Itaperuçu de grande expressão, e nós tivemos um festival lá no Maçaranduba só os três, essas três vilas que temos que tem os festivais baionenses que o resto perderam tudo hoje, não ficaram na comunidade, ficaram fazendo particular. Por exemplo, tu vê a festa do Calados, mas ela, ela se polariza em vários em particular tu vai no Igarapé Preto, tu vê também.

Pesquisador: Quais as cidades que fazem caravana para o festival quilombola?

Divaldo: Belém, Breu Branco, Novo Repartimento, Tucuruí, a própria cidade, que é o Baião, né lá também? E hoje, Cametá já começou a vim, Cametá é também o município já traz gente pra cá. E o nosso Quilombo, ele tem uma vantagem Lucas, a hospitalidade que nós oferecemos né? É muito forte, essa hospitalidade nossa, hoje nós conseguimos alimentar o povo sem restaurante aqui, mas se passa alguém na casa que não tem comida, a gente oferece um almoço, janta, é café e assim sucessivamente. É isso, essa hospitalidade que faz agregar muito aí com uma comunidade dessa que chega para mais de 7000 brincantes. E é impressionante a cultura mais forte do quilombo é a coletividade, é a coletividade então o cara abraça a redes sociais, abraça energia, também talvez ele abrace com o lado esquerdo, mas a cultura esteja embrenhada dentro com o braço direito dele, aquele nunca deixou, os cara vão pra São Paulo para outros estados mas quando vem eles trazem embrenhado a cultura que eles levaram, as outras culturas não se sobrepõe por cima da nossa, da coletividade então essa é a raiz mais forte que nós temos.

Pesquisador: Para finalizar, o senhor acha que a BR 422, a energia elétrica e as redes sociais mudaram a identidade quilombola aqui de Umarizal, tanto em aspectos culturais como territoriais de que forma?

Divaldo: Eu penso que ela afetou muito territorial, até porque quando eu digo que afetou, afetar territorial, foi porque junto com as redes sociais, com a BR 422, ela trouxe a evolução. Quando ela trouxe a evolução, ela trouxe o capitalismo, né? Que veio e hoje, a maior dificuldade em nosso território, nós temos é por causa de uma grande empresa que nos cerca a Martins, isso nos afetou. Ela nos prejudicou nesse tipo de coisa, mas que para identidade, não afetou em nada, afetou o território. Hoje a abertura da BR afetou o território. Mas enquanto cultura não, sempre segue firme, mas território afetou sim.

Pesquisador: O senhor acha que o festival quilombola mudou muito desde essa primeira edição?

Divaldo: Mudou, mudou. Ele tem, tem sofrido mudança, muito brusca.

Pesquisador: O senhor pode exemplificar essas mudanças?

Divaldo: Na verdade, quando nós começamos, era um festival assim que não tinha esse pensar Lucas, não era assim para mostragem. Não, não, não, nós fizemos a festa para a comunidade, nós não tinha essa visão de mostrar o festival, mas, por exemplo, o Festival Quilombola já pode se considerar uma potência no município de Baião, até por causa do quê? Olha só quando um festival consegue trazer o É do Pará é porque ele é forte, quando um festival consegue trazer o prefeito de Ananindeua que na época era o Hélder Barbalho para vim prestigiar na noite dos evangélicos, é porque nós estamos começando a mostrar, e nós já trouxemos o prefeito de Ananindeua na época o Helder Barbalho, né? E nós já trouxemos o, É do Pará ano passado, a gente consegue trazer várias cidades como Marabá.

Pesquisador: O senhor fez parte da comissão só da primeira edição?

Divaldo: Não, não, organizamos muito. Ah, depois de passar a pandemia, no segundo, depois da pandemia, eu estava na organização.

Apêndice III –

Identificação do entrevistado: Hélio Vieira, secretário executivo da ACORQBU (Associação das Comunidades Remanescente de Quilombos de Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá-Miri e Florestão).

Entrevista: gravador de voz.

Data da entrevista: 25 nov 2022.

Início: 20:14 h

Duração: 16m17s

Entrevistador: Lucas Lopes da Trindade.

Pesquisador: Quando foi que surgiu o Festival Quilombola?

Hélio: Foi em 2010, por conta que naquele período, a igreja católica tava preocupada com muita incidência de confusão nas festa religiosa, né? E podia vender bebida. Enfim, fazia as novenas e ficava vendendo a bebida, como era no caso nosso aqui que o nosso, sempre graças a Deus, foi muito pacato a nossa festa aqui, muita gente, mas não tinha confusão, né? Às vezes teve momento aí que não precisava nem de polícia pra guardar a festa, mas nas outras comunidades aí, em outros estados deu muita incidência confusão, de morte, enfim, e aí, então, eles pararam de vender a bebida alcoólica e 2010 eles colocaram como uma festividade quilombola. Eles colocaram como Festival Quilombola, que foi o primeiro Festival Quilombola realizado com as três noites, né? Quatros noites, aliás, abrindo a noite gospel às quinta-feira, sexta-feira à noite cultural, sábado é a festa grande, né? E domingo é a varrição que falam, com bingo, uma coisa assim, como não foi o caso também esse ano nós fizemos só o evento mesmo.

Pesquisador: Em 2010 o festival já era realizado pela associação?

Hélio: Já era realizada pela associação já.

Pesquisador: Então o festival foi idealizado pela associação quilombola?

Hélio: Pela associação quilombola justamente porque esse festival quilombola, quem tivesse na frente da associação, como é? Os diretores da associação, tinha que fazer a festa, o festival quilombola. Foram substituir aí em cima disso, foi feito aquela noite cultural pra resgatar a nossa cultura, né? E para apresentações trazer culturas de fora também foi nesse sentido aí.

Pesquisador: Em relação questão das redes sociais, da internet, como se dá essa relação entre redes sociais e a organização do festival quilombola? Vocês utilizam?

Hélio: Muito, é utilizado muito, a utilidade, é muito grande, aí já vi que quando nós contratamos, nós estávamos com aquela preocupação que nós convidamos o samba, mas depois

o samba despachou que não, não queria. Nós entregamos o festival pro samba e eles ficaram com conversa mole e nós tivemos que realizar quase que em cima da hora né? Graças a Deus deu tudo certo, foi esse ano, mas nos anos anteriores, por exemplo, 2013, nós utilizamos muito cartazes que na redes sociais aqui era precária a situação, até mesmo em Baião né? Aí não tinha era mais negócio de Facebook, esse WhatsApp tava começando, né? Esse negócio de Instagram, essas coisa tava mais, mas não era, não foi o caso nosso, pra cá já tinha, mas tava mais longe da gente, aí eu utilizava os cartazes, utilizava o banner, utilizava o carro som e já hoje não. Hoje, quando nós contratamos a banda, aí todo mundo colocou nos seus status lá foi muito bonito, eu achei interessante mais de cem pessoas batendo palma e colocando nos seus status. Enfim, e aí foi bem por isso que foi bem divulgado, e as atrações também, que nós trouxemos de lá, foi uma atração boa pra chamar o público, né?

Pesquisador: E depois que mudou, essa transição para internet, para vocês começarem a divulgar, ela acelerou o processo para vocês, ou continua a mesma coisa?

Hélio: Não, acelerou bastante, apesar de nós não termos usado aqui no caso, a associação tá usando, por exemplo, o pix da associação, eh, na venda lá da cerveja, o pix da associação nós não usamos, mas nós usamos o pix diferente, né? Que é para venda de ingresso entendeu, ou até mesmo pra cerveja que tinha alguns lá que colocaram. Olha, eu não tenho, eu tenho dinheiro, mas tá no meu pix, então passa pro pix da pessoa, depois ele repassa pra gente. Então, houve aí uma aceleração bastante relevante aí, né? Na organização do evento da venda de ingressos, enfim.

Pesquisador: Então, no caso do festival, a internet está como aliada?

Hélio: Uma aliada de suma importância, eu acho que hoje nós, eu não me vejo mais fazer um Festival Quilombola, eu não todos nós, quem tiver na frente para fazer, se a internet não tiver junto.

Pesquisador: Quanto tempo vocês gastam planejando para conseguir realizar o festival?

Hélio: Olha pra te dizer a verdade, esse ano nós organizamos ele mês de julho, não, mês de maio, começamos a articular ele mês de maio com o pessoal do samba. Só que nós vimos muita moleza do pessoal do samba, isso é o português, claro, né? A gente não vai usar outras palavras técnicas, a gente vai usar logo o português nosso aqui. Eu vi muita moleza e aí isso contribuiu, é assim, aí nós começamos articular no mês de maio com o pessoal do samba, quando fizemos uma reunião grande lá na sede, eu vi até uma certa, um certo interesse por parte de algumas pessoas. E aí quando nós começamos, foi outra uma reunião extra que era para ter, para reunir,

para fazer essa questão de contato, de banda, de cerveja, essas coisas, aí nós, encontrei já um pouco moleza, né? Aí o pessoal não, não e tal. Aí nós começamos, vai passando o tempo, passou o mês de junho inteiro e nós querendo conversar pra fazer essa divulgação, pra se fazer esse tipo de divulgação e tal. E aí, quando eu foi no mês de julho que o tio Cem foi para Cametá, aí sim, antes disso eu conversei com o Doril, eu falei então tá aqui, fazem a festa pra vocês, o que der de renda vocês jogam lá no salão de vocês. Aí ele falou, não, eu vou conversar primeiro com a comadre Nice, e daí eu venho aqui contigo, só que eu nunca fiz festa e tal. Ele começou a dizer que mês de julho ele tinha uma cerca pra fazer pra ali e tal. Enfim, aí o que eu vi logo que não iam fazer, então aí foi nesse momento que o tio Cem foi Pra Cametá lá pra Casa do Edson, o Edson conversou com ele, e o tio Cem falou que era para o Edson ligar para mim, para gente acertar, e aí foi quando eu deixei na mão dele, porque eu vou dizer para ti uma coisa aqui que o sucesso desse festival desse ano, eu devo 60%, eu devo pro Edson Batista, lá o Jabá. Por que? Porque ele que fez toda a questão logística da banda, porque se tu vai, por exemplo, tu vai contratar uma banda AR-15, o que é que eles querem? Eles querem adiantamento, geralmente de 50%, 20 no começo 30 com mais um mês e antes de subir no palco os 50%. Então, esse dinheiro ninguém tinha, veio Alanzinho R\$8,500, mas era mesmo um processo, a Banda AR-15, R\$20,000. Então ele colocou o dinheiro dele, como dizer, ele fez o investimento é sabendo que ia dá, que ele não ia perder, né? Mas aí a questão de organização externa aqui, aí já foi nós que fizemos, então ele trouxe a cerveja, ele trouxe as bandas, enfim, nós tivemos êxito aí de ter mais ou menos deu quase R\$19,000 o saldo do nosso festival, só que foi dividido no meio, o que foi dividido deu R\$9,000 e pouco para ele e R\$9,000 e pouco para nós.

Pesquisador: Antes de vocês começarem a utilizar a internet, esse processo também começava no mês de maio?

Hélio: É, ele começava bem antes era, mas bem antes, porque, por exemplo, nós tivemos 2013 foi a mesma coisa. Começamos nós contratamos banda em julho, mas 2014 nós contratamos banda em janeiro, bem no comecinho do ano é exatamente quer dizer, esse ano, esse ano que vem agora de 2022, nós estamos com aquela esperança de trazer a Manu Batidão aí, mas só que isso aí vai ser uma logística grande, vai ser uma coisa que a gente vai ter. Por exemplo, até janeiro é um é vai ter um cronograma até janeiro pra gente articular tudinho e pra ver se a gente traz ela aqui. Se já né é janeiro, não? Fevereiro, se fevereiro não der, não conseguir fazer a logística aí infelizmente não vai dá não, eu pelo menos não vou me comprometer porque aí? A gente passa o ano todo contactando, tem que encontrar uma forma de um patrocínio bom, enfim, porque assim tem que correr atrás. Se ficar só aqui como eu estou te falando, se a gente trazer

aqui, depende do que tu vai colocar. Se tu colocar Caferana, se tu colocar, se quando no tempo da Fest Show, hoje, hoje, atualmente, infelizmente tu não vai ter êxito. Tu tem que trazer banda, tu tem que trazer banda de show que vai vim pessoas que eles vão, achar chamativo, entendeu? Agora essas bandas daqui esse negócio de esquema, isso não traz ninguém não. O festival ficou muito grande para essas bandinhas, essas bandas aqui de Cametá, não é mais, não é sinceramente, não é mais. Isso aí já é passado. Já esse negócio de banda aqui já é passado. Se tu colocar aqui, tu não vai ter renda, tu não vai ter público, enfim, vai ter um festival normal, não vai ter aquele festival grandioso que pela primeira vez nós tivemos público que vinha lá posto velho a fila para entrar, estava dando dificuldade, não era para pegar o ingresso, era para botar a pulseira. Nós compramos um milheiro de pulseira, não deu, não deu para colocar em todo mundo, pessoal ficaram, eles ficaram meio assim chateados porque os outros tinham, né? Mas as mil que nós levamos, todas nós colocamos lá no braço do pessoal.

Pesquisador: E esse festival de 2023 tem alguma novidade?

Hélio: Isso aí ainda está, como diz, está sob sigilo, está sendo planejado inclusive nós temos aí articulando com essa situação que eu estou te falando, até em janeiro nós vamos ter que trazer uma, vamos ter que estar já seguro com uma atração grande pra poder vir público pra cá, porque nós vamos fechar o 2023, porque é o nosso mandato com chave de ouro, né? Mas, enfim, se não der pra gente trazer um evento grande, assim, uma atração grande, a gente vai trazer uma mediana, mais ou menos que vai ficar no meio aqui entendeu? Não vai ficar uma coisa pequena não.

Pesquisador: Todos os festivais foram realizados pela associação?

Hélio: Foram, é, eu fiz 2013, 2014, 2015, 2016, em 2017 e 2018, tinha gente da comissão da associação, só que não estavam na frente, era o Dilis com o João. Em 2019 fomos nós de novo, 2020 não teve, 2021 nós não íamos fazer porque estava no período da pandemia, né? E aí o Dilis pediu, aí ele sacaneou com a gente também, não é o caso. No período da pandemia, né? Aquela questão da pandemia é de não ter, aquela coisa. Eles vieram pediram para gente. Aí nós fizemos um acordo com eles e falamos, não se vocês querem fazer ele tá aqui toda a marca da associação pode usar o nome da associação, enfim, aí depois eles sacanearam com a gente, porque nós fizemos um acordo na hora eles mudaram o acordo lá. Esse ano a associação retomou e foi nós que fizemos mesmo, foi nós, juntamente com Edson, mas nós estava. A articulação foi toda feita, por exemplo, articulação externa aqui foi toda da associação e essa questão de banda e cerveja ele se entrevistou lá que ele bancou, porque ele tem essas banda, tem

que jogar o dinheiro antes. Tu não pode, ele não aceita tu chegar pra no final da festa eles pagarem não, tu tem que logo dar uma porcentagem lá que eles pedem para poder vim.

Pesquisador: Qual é o seu cargo na associação?

Hélio: É secretário. Secretário executivo.

Pesquisador: Em relação ao festival, o senhor teria mais alguma coisa para acrescentar?

Hélio: É, a gente vai a nossa, o nosso mandato aqui vai terminar agora em 2024. Deus quiser. Nós temos mais um ano aí termina esse ano, o ano de 2023 e aí a gente tem esperança de conseguir mais algumas coisas através do nosso, através de ofício com os órgãos públicos, aí, né, para que a gente possa estar entregando na mão de quem vier, fazer nova diretoria, dar segmento naquilo que a gente tem feito, porque a associação, na verdade, o que tem hoje é de 2013 para cá, não é? Nós não recebemos nada, nada, nada nem papel, nós não recebemos. Então, o que tem aqui foi nós conseguimos tudo de 2013, inclusive prédio. É lá, o escritório está equipado com impressora, computador, tudo comprado com dinheiro do festival. Tem esses dois, essas duas patrulhas mecânica que nós conseguimos através de políticos, não interessa a gente fazer as coisas se não tiver político no meio, porque senão a gente não consegue, né? E nós temos com essa esperança, de que essas pessoas agora que veem, a gente tá esperando que venham pessoas jovens, pessoas para trabalhar com transparência, responsabilidade, honestidade, porque as coisas vai para a frente com a união também, se não tiver união, também não adianta que não vai, não vai pra frente, então é, esses são nossos pensamentos daqui pra frente, que a gente possa, da a nossa contribuição a gente tá dando, né? Até nosso mandato nós vamos contribuir com associação e esperamos que as pessoas que vem, venha com responsabilidade para dar continuidade no trabalho.